



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA



ROBERTA ALVES DOS SANTOS SILVA

“O GÊNERO NA VITRINE”: Sentidos do consumo estético e a produção de
subjetividades de mulheres trans

**Recife
2017**

Roberta Alves dos Santos Silva

**“O GÊNERO NA VITRINE”: Sentidos do consumo estético e a produção de
subjetividades de mulheres trans**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Grau de mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Luciana Leila Fontes Vieira.

**RECIFE
2017**

S586g Silva, Roberta Alves dos Santos.

“O gênero na vitrine” : sentidos do consumo estético e a produção de subjetividades de mulheres trans / Roberta Alves dos Santos Silva. – 2017.

131 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof^ª. Dr^ª. Luciana Leila Fontes Vieira.

1. Psicologia. 2. Estética – Aspectos psicológicos. 3. Mulheres – Transexuais. 4. Consumo (Economia). 5. Subjetividade. 6. Analítica foucaultiana. I. Vieira, Luciana Leila Fontes (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-225)

ROBERTA ALVES DOS SANTOS SILVA

**“O GÊNERO NA VITRINE”: Sentidos do consumo estético e a produção de
subjetividades de mulheres trans**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 26 /06/ 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Luciana Leila Fontes Vieira (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.ª Dr.ª Soraya M.ª Bernardino Barreto Januário (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.ª Dr.ª Paula Sandrine Machado (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

À Maria Alves e à Renata Alves, mãe e irmã,
mulheres fortes que me aportam e me
suportam com amor, nas tempestades e nos
dias de sol.

Às mulheres trans com quem me encontrei.

AGRADECIMENTOS

Ao pensar sobre os agradecimentos, lembrei-me de uma cena emblemática para o meu trabalho constante do filme *Tangerine* (2015), um dentre tantos que vi nesse período sobre a temática trans, com o intuito de me aproximar empaticamente dado que o cinema me causa um efeito incomensurável de mobilização de afetos. A cena retrata uma prova de confiança, amizade e parceria diante do ato de doação de uma peruca de uma mulher trans à amiga também trans que passara por uma avalanche de problemas e obstáculos e acabara perdendo a sua. O ato é silencioso e passa toda a mensagem de importância simbólica de um gesto que, a princípio, pode parecer simples. Penso que o sentimento da protagonista no momento em que recebe tal objeto tão significativo é semelhante ao meu ao ter sido amparada tantas vezes, por pessoas diferentes e de modos diversos durante todo o labor da atividade acadêmica, que nem sempre é leve

Agradeço às minhas sobrinhas: Natália, Beatriz, Nicole e à “sobrinha-torta”, Maria Luiza; que me inspiraram e assim me ajudaram a continuar o processo de pensar sobre mulheres, ao refletir que preciso perseverar sempre, por mais cansativo que pareça eventualmente, com intuito de garantir-lhes um mundo mais igualitário.

Aos amigos que me apoiaram (cujos nomes não citarei para não incorrer no erro de excluir alguém e cometer uma imensa injustiça); pela escuta, pela paciência e pelo acolhimento nos momentos de ansiedade, angústia, impaciência ou estresse.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, por ter me aceitado e acreditado na minha capacidade de contribuição.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, por ter me propiciado conhecer pessoas importantes e significativas que se tornaram minha ‘turma de mestrado’ por adoção. Além de possibilitar-me discutir questões próprias da temática do consumo com outros alunos trabalhando na área, durante a disciplina de Antropologia do Consumo

A todos os professores de quem fui aluna durante o mestrado, por todo espaço de conhecimento, de aprendizagem e de diálogo proporcionados. Todos aqueles que me ajudam a aprender, me ajudam a crescer e poucas coisas me fazem tão grata quanto isso.

À minha professora orientadora Dra. Luciana Vieira, não apenas pelo processo técnico de me instruir e direcionar, mas principalmente pelo apoio, confiança e parceria. E por ter me

proporcionado a aproximação com as questões que envolvem as transexualidades, o que me abriu um novo espaço de crescimento existencial

À professora Dr^a Soraya Barreto que, ao aceitar participar da minha banca de qualificação, trouxe contribuições inestimáveis ao meu trabalho

À Prof^a Karla Galvão, pela contribuição ao meu trabalho na banca de qualificação; pelas reflexões ético-políticas durante a disciplina de Teorias Feministas e de Gênero, que me implicou ainda mais em todo manejo e cuidados para com as participantes da minha pesquisa. E pela oportunidade de atuar junto a ela no estágio à docência, aprendendo e apreendendo um pouco de sua forma próxima e cuidadosa de lidar com os alunos e com a atividade de ensino-aprendizagem

Ao Espaço Trans, e a toda sua equipe por ser tão aberta sempre, tendo feito-me apaixonar pelo trabalho lá desenvolvido com muito comprometimento, apesar de todas as dificuldades que se enfrenta um serviço público de saúde.

À Suzana Livadias, coordenadora do Espaço, extremamente solícita e disposta a acatar o que possa vir a contribuir para com o serviço, mostrando um compromisso ético-político admirável no seu fazer. E à Mônica Mota, também psicóloga do Espaço trans, que me acolheu e me auxiliou por diversas vezes.

E, por fim, às mulheres trans com quem me encontrei durante todo o processo, e especialmente àquelas que participaram da pesquisa e de quem pude me aproximar mais intimamente dada a abertura e disponibilidade para esse encontro. Agradeço enormemente por terem trazido suas histórias ricas; me confiando suas narrativas, suas experiências de dores, violências e seus sentimentos. Um encontro vivo que me fez pensar junto com elas, me mobilizou de uma forma toda linda e especial, e também me proporcionou aprendizagem significativa, afetiva, afetada, além de crescimento profissional e pessoal.

Talvez não exista pior privação, pior carência, que a dos perdedores na luta simbólica por reconhecimento, por acesso a uma existência socialmente reconhecida, em suma, por humanidade."

(Pierre Bourdieu)

RESUMO

O consumo se apresenta como uma poderosa tecnologia contemporânea de produção de subjetividades, uma vez que coordena hábitos, práticas e cria novos modos de pensar, sentir e ser no mundo, gerando modos de regulação e controle que tornem as pessoas aptas para cada vez mais consumir. O consumo estético, por sua vez, atua sobre os corpos produzindo normativas sobre os gêneros, na qual a força de regulação recai mais fortemente sobre a mulher. Mulheres trans comumente adotam uma série de intervenções e produções corporais e estéticas que fazem parte do processo transexualizador. Este trabalho se propôs a compreender os sentidos do consumo estético e seus efeitos na produção das subjetividades de mulheres trans. O estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa de cunho interventivo fundamentada nos campos dos estudos do consumo, foucaultianos e Teoria *queer*. Foram realizados grupos focais temáticos, a técnica de construção com apresentação de imagens e aplicação de questionário sociodemográfico. Os dados foram analisados a partir da analítica de discurso de inspiração foucaultiana. Verificou-se que o consumo estético por mulheres trans tem motivações diversas e assume várias funções, move-se principalmente pelo olhar do outro que se coloca como vigilante do dever moral de consumir e de ser bela; o consumo estético permite a ocultação da transexualidade em prol de uma melhor enquadre nas normativas binária de gênero, sendo a aquisição de passabilidade um fim relevante. Envolve-se também na função de alcance de uma feminilidade idealizada, ao passo que se afasta de modelos de feminilidades indesejados e marginalizados; as normatizações em torno de modelos de padrões estéticos também surgem como parâmetros importantes para o consumo e produções corporais e estéticas que implicam em melhor enquadre nos códigos culturais, levando à negociação de respeito e aceitação. Diante disso, torna-se premente a construção de estratégias que favoreçam uma aproximação dialógica entre o discurso ético-político *queere* os âmbitos da publicidade, das produções artísticas e da moda, possibilitando o engendramento de discursos estéticos menos opressivos e excludentes. Além de ações a nível micropolítico, como aprofundamento e extensão das discussões a respeito do consumo estético e produções corporais aliando-as ao diálogo com perspectivas feministas e emancipatórias voltadas às mulheres trans.

Palavras-chave: Consumo estético. Mulheres trans. Produção de subjetividades.

Analítica foucaultiana.

ABSTRACT

Consumption presents itself as a powerful contemporaneous technology of production of subjectivities, as it coordinates habits, practices and builds new ways of thinking, feeling and being in the world, generating regulation and control modes that make people prone to even more consumption. The aesthetic consumption, in turn, acts on the bodies, producing norms about genders, in which the power of regulation rests strongly on women. Transgender women commonly adopt a series of body and aesthetic interventions and productions that are part of the transexualizing process. This paperwork proposes to comprehend the senses of aesthetic consumption and its effects in the production of subjectivities of transgender women. The study is characterized by a qualitative research of interventional approach underpinned in the fields of consumption studies, Foucauldian studies and queer theory. Focal theme groups were made and the construction techniques with image presentations, the application of sociodemographic questionnaire had their data analysed based on the discourse analysis of Foucauldian inspiration. It was verified that the aesthetic consumption by transgender women have various motivations and take many functions, moving itself mainly through the point of view of others, which puts them as the watchers of moral duty of consuming and being beautiful; the aesthetic consumption allows the concealing of transsexuality to better fit the binary norms of gender, being the acquisition of passibility a relevant end. It also engages in the function of reaching an idealized femininity, while moving away from models of unwanted and marginalized femininity; the norms around models of aesthetic standards also appear as important parameters for consumption and body and aesthetic productions that imply better framing in the cultural codes that lead to the negotiation of respect and acceptance. Therefore, it is imperative to build strategies that favour a dialogical approach between queer ethical-political discourse and the scopes of publicity, artistic productions, and the fashion scope, making it possible to generate less oppressive and exclusive discourses. In addition to actions at a micropolitical level, such as deepening and extending the discussions on aesthetic consumption and body productions, connecting them to the dialogue with feminist and emancipatory perspectives aimed at transgender women.

Keyword: Aesthetic consumption. Production of subjectivities. Transgender women. Foucauldian analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 5 - Mulher cabelos escuros e crespos	106
Figura 6 - Mulher cabelos escuros cacheados.....	107
Figura 7 - Modelo de vestuário íntimo plus size	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Questionário Sociodemográfico.....	29
Quadro 2 - Estética dos vestuários.....	78
Quadro 3 - Estética de rostos e cabelos	82

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	FABRICANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA: PERCURSO EPISTÊMICO-METODOLÓGICO	20
2.1	CAMPO EPISTEMOLÓGICO.....	20
2.2	NATUREZA DA PESQUISA	24
2.3	LOCUS DA PESQUISA.....	26
2.4	AS PARTICIPANTES	28
2.5	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	32
2.6	PROCEDIMENTO DE ANÁLISE	36
3	REFLEXÕES SOBRE O CONSUMO E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	37
3.1	POR QUE O CONSUMO NOS INTERESSA?.....	37
3.2	SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA É UMA SOCIEDADE DE CONSUMO? DEFINIÇÕES, ORIGENS E CARACTERÍSTICAS.....	39
3.3	SOBRE COMO O CONSUMO PRODUZ SUBJETIVIDADES.....	43
4	O GÊNERO DO CONSUMO E O CONSUMO DE GÊNERO	48
4.1	REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE GÊNERO.....	48
4.2	CONSUMO E A PRODUÇÃO DE GÊNERO PELA HETERONORMA.....	49
4.3	A “ARTE DE SE FAZER PEQUENA”: ESTÉTICA FEMININA, CORPO E CONSUMO.....	54
4.3.1	O corpo contemporâneo	55
4.3.2	Consumo estético e regulação do corpo feminino	59
4.4	TRANSEXUALIDADES FEMININAS, CORPOS E CONSUMO ESTÉTICO.....	63
5	ANALISANDO OS DISCURSOS SOBRE CONSUMO ESTÉTICO	69
5.1	DAS MOTIVAÇÕES PARA O CONSUMO ESTÉTICO E O ATRAVESSAMENTO DO OLHAR DO OUTRO.....	69
5.1.1	Do que se consome e da obrigação de consumir	69
5.1.2	Como um camaleão”: as performances de gênero e o ocultar-se do outro através do consumo estético	73
5.1.3	Quando mostra aqui, tampa aqui! ”: performances de consumo e modos regulados de mostrar-se ao outro	76

5.1.3.1	<i>Notas sobre a indesejada vulgaridade estética.....</i>	76
5.1.3.2	<i>A feminilidade que eu não quero: travestilidades estereotipadas.....</i>	79
5.1.3.3	<i>O duelo: feminilidade natural versus artificial.....</i>	81
5.2	O IMPORTANTE É DAR CLOSE! ”: ANALISANDO (RE) PRODUÇÕES CORPORAIS E DE PADRÕES VIA CONSUMO ESTÉTICO	83
5.2.1	“A feminilidade faz meu gênero”: consumo estético e produção de corpos trans na sociedade contemporânea.....	84
5.2.1.1	<i>Relatos do início: sobre “tornar-se mulher”</i>	84
5.2.1.2	<i>Consumindo feminilidades.....</i>	86
5.2.1.3	<i>“De mutante à princesa”: tecnologias corporais/estéticas e a manufatura de si...93</i>	
5.3	ENTRE “PEITOS, POSES E APELOS”: PENSANDO A NORMATIZAÇÃO ESTÉTICA NO DISCURSO DE MULHERES TRANS.....	100
5.3.1	“Sou bonita e tô passando”: Analisando o manejo dos discursos sobre padrões estéticos.....	101
5.3.2	Notas sobre padrões: branquitude, juventude e magreza na sociedade de consumo.....	104
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
	REFERÊNCIAS.....	118
	APÊNDICES	125

1 INTRODUÇÃO

Como se faz uma mulher? Iniciar o texto com essa pergunta parece estranho, porque ela é insidiosa e carrega em si mesma, algumas premissas; para fazê-la precisaríamos saber, de antemão e com certa precisão, o que é ser uma mulher. Também acreditar que uma mulher não é algo dado pela natureza, mas produzido de algum modo, talvez da mesma forma que diversos artefatos modernos. O fato é que mesmo não sabendo conceituar ou verbalizar, todos possuem um discurso sobre o que é ser mulher que pode ou não abranger modos autônomos e plurais da experiência enquanto mulher. Além disso, não saber responder precisamente ou não, ou mesmo nos abstermos de fazer a pergunta não significa que não se vivencie os efeitos de poder dos discursos que engendram os modos de ser mulher. Logo, essa é uma pergunta com potencial criativo e mobilizador, se realizada dentro de uma perspectiva crítica que considere pensar sobre as premissas nela incutidas. Contudo, ela é recorrentemente feita, em nossa sociedade, sem a possibilidade de diálogo ou de problematização do que entendemos por ser mulher, e de como o gênero é forjado. Sendo assim, tal questionamento recebe toda sorte de respostas, nas sociedades capitalistas ocidentais. Respostas essas provenientes, primordialmente, dos discursos que fundam e mantêm a máquina do consumo (central nas sociedades atuais), e estão quase sempre ligadas, direta ou indiretamente a ele, com o intuito inequívoco de fomentá-lo.

O consumo, na atual configuração societária, se envolve em todas as dimensões da existência humana; mas, para além disso, é responsável pela produção de novos/as homens e mulheres, novas subjetividades. Deste modo, não pode ser compreendido apenas como mais uma das atividades humanas na contemporaneidade, e sim como uma atividade que, a partir das transformações na organização social e econômica, foi capaz de revolucionar os modos de ser e viver. Há algum tempo que a atividade do consumo, que conforme Barbosa (2004) se trata da aquisição, uso e manipulação de artefatos e objetos da cultura material com fins simbólicos (seja de pertencimento, status, diferenciação ou gratificação), se tornou crucial para ordem socioeconômica nas sociedades capitalistas ocidentais provocando profundas transformações nos modos de ser e viver até então instituídos. Dito isso, cabe-nos pontuar que a discussão que foi levantada nessa pesquisa está localizada dentro de uma dada realidade (com todas suas características) da sociedade contemporânea. A produção científica nas ciências sociais e humanas sobre a nossa sociedade tem a caracterizado como base nas transformações sofridas na ordem econômica.

Como versa Silva (2006), baseado em análises Foucaultianas, as transformações na ordem capitalista, introduz um novo tipo de poder e, conseqüentemente, conduz à produção de novas subjetividades. Sobre isso, Mancebo (2002) aponta que um novo homem se fez necessário para responder à nova ordem socioeconômica, um homem flexível que pudesse incorporar os valores do mercado, utilizando-os como forma predominante de compreender o mundo, e que pudessem encontrar, neste mesmo mercado, o contexto propício para se desenvolverem como pessoas. É possível notar, a partir daqui, que a esfera socioeconômica, com base no discurso denominado por alguns autores de pós-moderno (JAMESON, 1993), procurou “coordenar novas práticas e hábitos sociais e mentais, em novos padrões de organização e produção econômica que geram novas formas de subjetividades” (DINIZ NETO; FÉRES-CARNEIRO, 2005, p. 135). O que interessa, primordialmente, para a discussão que será desenvolvida aqui, é a transformação desses sujeitos a partir das mudanças demandadas pela ordem socioeconômica instituída. Desse modo, adentrando no interesse da Psicologia no consumo, as formas como essa atividade produz subjetividades torna-se muito pertinente para a disciplina em questão, ainda que ela não tenha se apropriado o campo do consumo tanto quanto a Antropologia ou as Ciências Sociais.

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa do tipo qualitativo, decunho interventivo, inspirada na analítica discursiva de Michel Foucault e tomando como referência também estudos do consumo, e a Teoria *Queer*. De forma geral, pretende-se levantar uma discussão em torno da produção de subjetividades de mulheres trans pelo consumo estético. O interesse em estudar a relação entre consumo e as subjetividades foi despertado ainda na graduação em Psicologia, a partir de inquietações cotidianas sobre a importância que o consumo assumia, especialmente entre determinados grupos, como os jovens universitários. À medida que avançava os estudos descobria um aporte teórico que possibilitava a compreensão de como o ato de consumir, que seria apenas mais um dos atos da vida social, acabava por tornar-se medular na existência humana, ramificando-se e tornando-se uma base de apreensão do mundo. O objetivo aqui não é problematizar o ato de consumir em si, pois entende-se que ele é inerente à vida social, mas sim as implicações de uma existência construída, predominantemente, sob a égide da economia de mercado, como ocorre contemporaneamente. Estando essa economia, fundada no consumo, torna-se fundamental conhecer como este coordena nossos hábitos, práticas, relações e tudo mais que faz parte da vida.

A aproximação com o recorte da estética feminina se deu devido ao envolvimento anterior com movimentos feministas e, conseqüente, reflexão sobre o discurso estético

direcionado às mulheres e seu poder normatizador e aprisionador, na medida em que impõe formas legítimas de ser mulher e desconsidera a diversidade que o dito feminino pode se apresentar. Discutir a produção de subjetividades de mulheres trans e travestis é uma forma de compreender, problematizar, os paradoxos que envolvem pessoas que expressam em seus corpos a resistência, nos fazendo repensar o “normal” e o “instituído”; mas que, em contraponto, rendem-se a lógica dos discursos do consumo no que concerne a normatização da distinção dos gêneros, por meio dos signos que definem o feminino e o masculino, em uma lógica binária. Entende-se que no caso das mulheres, especialmente o consumo estético faz-se primordial para constituição de si, dada a importância historicamente atribuída à beleza que se atrela, de forma particularmente relevante, a tudo que constitui o dito feminino e o seu espaço no mundo social. Os imperativos que vigoram na publicidade: “*seja bonita*”, “*seja sensual*”, “*seja jovem*” concorrem para a produção de mulheres, ou melhor dizendo, para construção de subjetividades ditas femininas, utilizando-se de um conceito de feminino estereotipado que implica em cada vez mais consumo que funciona com o sustentáculo de uma sociedade cujo âmbito econômico se entranha em todos os aspectos da existência.

Isto posto, pode-se afirmar que a pesquisa visa problematizar o discurso forjado, na sociedade contemporânea, sobre o consumo estético feminino e suas implicações na construção das subjetividades de mulheres trans. As questões que se colocaram como problema e nortearam nossa investigação foram: quais os sentidos presentes nos discursos de mulheres trans e travestis sobre o consumo de uma estética feminina? Quais as implicações destes sentidos na produção das subjetividades de mulheres trans e travestis? Infere-se que o discurso, portanto, é algo central para a pesquisa, e aqui o tomamos com referência nas formulações foucaultianas como um conjunto de enunciados embasados em uma mesma formação discursiva; já esta é um conjunto de enunciados submetidos a uma regularidade e a uma dispersão comum entre eles. A formação discursiva se coloca como um campo de sentidos compartilhados pelos interlocutores atravessados por regimes de verdade. Dessa forma aqueles que se apropriam do discurso estão submetendo-se a um conjunto de normas e verdades localizadas historicamente (FOUCAULT, 1986). Para o autor, o discurso é produzido por um conjunto de condições que o produz, e dele emana o poder de criar, reproduzir, reiterar relações de poder, práticas e outros; daí o privilegiamento do discurso para a compreensão do que nos propusemos estudar, que também fala do lugar epistêmico e metodológico do qual falaremos.

Como objetivo geral de pesquisa procurou-se compreender os sentidos do consumo estético e seus efeitos na produção das subjetividades de mulheres trans. Como objetivos específicos elegeu-se: Identificar fatores que motivem de práticas de consumo estético; compreender como os sentidos atribuídos ao consumo estético influenciam nas suas relações com os outros e são por eles influenciados; analisar as funções que consumo estético feminino adquire no processo de produções corporais/estéticas das mulheres trans; analisar como mulheres trans e travestis percebem e reagem à normalização estética feminina.

A fim de alcançar tais objetivos, lançou-se mão do método de pesquisa qualitativa, por responder de forma mais eficaz ao debruçar-se sobre os sentidos das ações humanas. Considerou-se de cunho interventivo, por propor-se a desenvolver um trabalho de cuidado durante sua realização, e como tal implica no reconhecimento do pesquisador como participante e na identificação do contexto e realidade política e ideológica de todos os envolvidos, principalmente do pesquisador, já que envolve lugares diferenciados e relações saber-poder que geram efeitos e necessitam de um cuidado apurado do ponto de vista ético-político com tais questões. A pesquisa foi realizada na cidade do Recife, no Espaço de Acolhimento e Cuidado para Pessoas Trans e Travestis – Espaço Trans, vinculado ao Hospital das Clínicas (HC), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) que busca fazer um atendimento integral às usuárias/usuários que lá ingressam, propiciando o acompanhamento estipulado nas diretrizes do processo transexualizador; as interlocutoras foram escolhidas dentre as usuárias do Espaço Trans, os critérios que utilizamos foi a autoidentificação como travestis e/ou mulheres trans, que fossem maiores de idade, por questões de responsabilização ética; além de serem domiciliadas no estado de Pernambuco com intuito de facilitar a participação nos grupos. Optou-se pela metodologia de grupos focais centrados na temática do consumo estético e transexualidades. Tendo sido realizadas quatro grupos com subtemáticas específicas que correspondiam aos objetivos da pesquisa. Cinco usuárias do Espaço Trans, todas autoidentificadas como mulheres trans, se disponibilizaram a participar dos grupos focais. Anteriormente à execução dos quatro grupos, realizou-se também grupos pilotos, com o objetivo de aprimoramento dos recursos de intervenção e dos roteiros norteadores das questões a serem discutidas, alguns dos discursos mais relevantes destes grupos pilotos também foram analisados e aqui inseridos. Utilizou-se como método de análise do material produzido nos grupos focais a *analítica do discurso* de inspiração foucaultiana.

A relevância social de tal estudo consiste na sua capacidade de problematizar os lugares-comuns a respeito do consumo focado na produção de definições de gêneros, com

base na lógica sempre binária do feminino/masculino, e que ainda é vista como natural, contribuindo para reforçar a marginalização de subjetividades que não se enquadrem no sistema binário. Além disso, pesquisas que problematizam a questão do consumo, também constantemente naturalizado e individualizado no senso comum e mídia, têm sempre potencial de desenvolver olhares críticos sobre o ato de consumir. Conforme Bauman (2008) a lógica hiperindividualista e consumista, do que ele chama de sociedade de consumidores, também é responsável pelo declínio da capacidade humana de oposição crítica. Facilitar aos sujeitos o desvelamento dos sentidos que eles proferem sobre o consumo e suas implicações na forma como eles se constroem, se posicionam diante dos outros e agem no mundo, pode fazê-los olhar para o ato de consumir de forma a estranhar o que antes lhe parecia tão familiar, fortalecendo a construção de outros sentidos, críticos, próprios e potencializadores de formas de resistência, ou seja, menos influenciados por instâncias que fomentam o consumo exacerbado visando a manutenção das relações de poder instituídas. Além disso, é possível tensionar a naturalizada produção massificada de subjetividades, por ela se dar de forma sutil no capitalismo contemporâneo. Os discursos que cercam a atividade de consumo são persuasivos e eficazes ao sugerirem que há singularização e aceitação de pluralidades de ser no mundo, contudo um exame mais aprofundado permite visualizar e trazer à margem os regimes de controle subjacentes ao assujeitamento.

Academicamente, pode contribuir para a ampliação da discussão das duas áreas conceituais: consumo e gênero focalizando nas mulheres trans e travestis, sujeitos não comumente encontrados nas pesquisas que associam as duas temáticas podendo servir de base para estudos posteriores que se debrucem sobre a temática. Constatou-se após a revisão bibliográfica a escassez de estudos que focalizassem travestilidades e transexualidade relacionando-as ao consumo, a maior parte das pesquisas dizem respeito a produções de corporalidades e ressaltam basicamente a relação de gênero e corpo, passando tangencialmente pela temática da estética. Olhar para as questões das transgeneridades sob o viés do consumo torna-se importante dada a capacidade deste de submeter a pessoa à passividade, à medida que este produz subjetividades consumidoras que reiteram práticas e normas; por outro lado há quem alegue que o consumo pode ser visto como ato de inclusão e cidadania. Independentemente do aspecto para o qual se volte, estudar o consumo e produção de subjetividades especialmente aquelas marginalizadas, pode contribuir para o enriquecimento do conhecimento na área. Além disso, aponta-se que nos estudos científicos tradicionais sobre travestilidades e transexualidades prevalece a busca por classificação e

categorização dessas subjetividades, utilizando visões predominantemente patologizantes e moralistas. Estudos que visem problematizar a visão que tende ao assujeitamento dessas subjetividades adquirem importância por dar visibilidade à multiplicidade de identificações de gênero e intervir problematizando concepções naturalizadas do binômio sexo-gênero. Poderá contribuir com o fortalecimento das discussões sobre os processos de construção da travestilidade e transexualidade, sobre as concepções sobre gênero e de representação estética. E é observando o cuidado em não utilizar definições e categorizações generalizantes, não consoantes como o modelo teórico metodológico desta pesquisa, utilizaremos aqui o critério da autoidentificação como mulheres trans e/ou travestis.

Convém apresentar o texto ao/a leitor/a, a fim de guiá-lo/a pelo texto que se segue. O trabalho divide-se em cinco capítulos: O capítulo 2 busca situar o campo epistemológico em que a pesquisa está localizada, bem como descrever todo o percurso metodológico percorrido, desde os instrumentos utilizados até os procedimentos realizados para alcançar os objetivos que estipulamos. O capítulo 3 trata das reflexões teóricas sobre o consumo e a sociedade de consumo e produção de subjetividades, buscando situar o leitor no contexto de estudo e dar-lhe um aporte teórico para a compreensão das análises que se seguem. O capítulo 4, também trata de fornecer um aporte teórico que foi utilizado para pensar as relações entre gênero e consumo, e o que se possui de produção bibliográfica, conceitos e reflexões que são capazes de entrelaçar os dois temas dando-nos uma possibilidade de refletir sobre seus atravessamentos. O capítulo 5 é analítico e foca-se na discussão sobre os discursos motivadores do consumo estético, nas relações entre o olhar do outro e o consumo estético, versando sobre os modos como eles se influenciam mutuamente. Bem como, versa sobre o modo como o consumo estético participa das construções corporais/estéticas das mulheres trans e discutir sobre como elas percebem e reagem aos discursos sobre padrões estéticos e normatização.

2 FABRICANDO O CAMINHO DA PESQUISA: PERCURSO EPISTÊMICO-METODOLÓGICO

Neste capítulo pretende-se descrever o caminho pelo qual construiu-se a pesquisa, realizando uma breve discussão sobre as bases epistemológicas em que se embasam as correntes de pensamento que a fundamentaram, e que dão a noção do lugar ético-político que ocupamos na produção do que propusemos estudar e dissertar. Outrossim, visou-se explicar sobre a forma como chegamos a essa produção, desde os procedimentos metodológicos adotados até o modo de análise empregado.

2.1 Campo epistemológico

A pesquisa foi atravessada por correntes de pensamento diversas, mas predominantemente pelo pós-estruturalismo; com foco nos estudos do consumo (no qual, alguns autores são tidos como pós-estruturalistas), estudos foucaultianos e Teoria *queer*. O pós-estruturalismo foi construído por saberes interdisciplinares das ciências humanas e atravessado pelo pós-modernismo (SOUZA, 2012). Assim sendo, torna-se importante situar o pós-modernismo, contexto de atravessamento do nosso campo, com o fito de compreender melhor sua emergência e constituição no contexto.

A pós modernidade, no âmbito das epistemologias do conhecimento, surge em contraposição à forma de conhecimento concebida na modernidade. Esta última centra sua compreensão das coisas do mundo no pensamento humano racional. Na ciência moderna, o sujeito é tido como eminentemente racional, autônomo, consciente e auto orientado. A ciência moderna torna-se um discurso válido, no contexto do Iluminismo, por ser submetida à testes rigorosos de validade, à lógica matemática e à razão pura, instrumentalizando a experiência. Procura-se, nela, obter o conhecimento, produzindo teorias e leis de caráter geral e universal que possam explicar e prever fenômenos da realidade, está implícita, portanto, uma ideia de realidade externa concreta. Esta realidade externa, na ciência moderna, existe para além da mente do observador (realismo ontológico), e é mais ou menos estável (não submetida a mudanças processuais), pode ser conhecida por métodos adequados e serem representados em forma de linguagem (CASTANÕN, 2009). Na perspectiva da ciência moderna o sujeito é descolado de sua contingência histórica, pelo pressuposto de sua autonomia individual e cisão com o mundo. Dessa forma, como versa Arendt (2004), o sujeito moderno universal desprivilegia as minorias e suprime as diferenças.

A pós modernidade insere uma nova concepção no mundo da ciência, mas não se restringe ao campo do conhecimento científico. De fato, é concebida por muitos autores como um período histórico marcado por mudanças fundamentais na sociedade, mudanças estas de caráter econômico, social, cultural e outros (SOUZA, 2012). No âmbito científico, que nos interessa no momento, ela insere outras perspectivas de pensar a ciência, para as ciências humanas, especialmente, surge um novo sujeito. De acordo com Souza (2012) não há um consenso entre o termo que se utiliza para designar a pós modernidade. Bauman, por exemplo, utiliza o termo modernidade líquida, Giddens a chama de modernidade tardia, Jameson de capitalismo tardio e Harvey de sociedade pós-industrial. Contudo, apesar das diferentes terminologias e diversidades de acepções todas têm algo em comum e procuram designar a sociedade contemporânea (Souza, 2012).

O pós-estruturalismo por sua vez, surge concomitantemente a estas mudanças contextuais pós-modernas em resposta a uma crítica ao sujeito moderno já iniciada pelo estruturalismo (SOUZA, 2012). Uma nova proposta epistemológica sempre surge em contraposição a outra vigente, ou como parte da “evolução” desta. Como ocorreu com o pós-estruturalismo, este emerge do questionamento iniciado pelo movimento chamado estruturalismo, que foi explicitado por autores de diversas áreas das ciências humanas (antropologia, filosofia, linguística entre outras) e já se preocupava com os problemas do sujeito da ciência moderna. Sua crítica fundamentava-se, principalmente, no sujeito enquanto universal e buscava destacar que os homens se constituíam através das relações, da cultura, atravessados pela linguagem (PETERS, 2000). Foi, principalmente uma crítica à racionalidade, ressaltando a construção social do sujeito e rompendo com a dualidade sujeito-ambiente. Conforme Peters (2000) o estruturalismo surgiu da linguística de Saussure e Jakobson e concebe as relações com a linguagem como estruturantes da realidade e da experiência, por meio da relação significante e significado, dessa forma a estrutura externa determina o significado. Souza, Souza e Silva (2013) versam que, para Saussure, o significante tem significado único e inequívoco, assim o sujeito possui uma identidade fixa e estável atrelada, necessariamente a uma estrutura externa.

De acordo com os referidos autores, o fato do pós-estruturalismo ter nascido dentro do estruturalismo faz com que eles guardem semelhanças na forma de conceber o sujeito, contudo aquele inaugura acepções inovadoras. Enquanto, o estruturalismo vê a estrutura como algo tão determinante e totalizante que o aproxima do fundacionismo; o pós-estruturalismo questiona a estabilidade e unicidade da estrutura desconstruindo a estrutura “essencialista” e

propondo que, apesar da subjetividade ser constituída por relações externas de linguagem, estas não são pré-definidas, mas situacionais, possuindo múltiplas estruturas, discursos diferentes e instáveis que são provenientes do campo social (SOUZA, SOUZA E SILVA, 2013).

Conforme Peters (2000), o pós-estruturalismo traz a ideia de que o “eu” se constitui discursivamente, contudo localizado em um tempo histórico e em determinada cultura na qual se insere o sujeito. É entendido como um modo de pensamento ou estilo de Filosofia e escrita, já que classificá-lo como uma escola poderia dar uma ideia equivocada de homogeneidade de concepções, característica que nem o estruturalismo alcançou. Nos interessa, para os propósitos aqui almejados, a concepção de sujeito do pós-estruturalismo e o que ele traz de novo à forma de construção de conhecimento contemporânea.

O pós-estruturalismo radicaliza as posturas estruturalistas e sempre há de se compreendê-lo a partir de sua comparação com seu precedente, o estruturalismo. Enquanto este último procura entender como o sujeito se constitui a partir do arranjo dos significados culturais dentro de uma estrutura, o pós-estruturalismo nega que possa haver qualquer unidade que integre os discursos em conflito, rejeitando assim uma estrutura mestra, que sintetize e expresse uma unidade ou universalidade epistemológica (PETERS, 2000).

Se tanto estruturalismo, quanto o pós-estruturalismo criticam o sujeito essencializado, autônomo e livre do Iluminismo e Positivismo, o pós-estruturalismo vai mais adiante, negando a existência de um sujeito universal, que embora rejeitado pelos estruturalistas, em um primeiro momento, posteriormente foi reforçado por eles, ao posicioná-los com relação a determinadas relações estruturais externas e determinadas, comuns a diversas culturas (PETERS, 2000). Conforme Pereira (2010):

Tanto estruturalistas quanto os pós-estruturalistas entendem a linguagem e a cultura como sistemas simbólicos e nesta perspectiva desenvolveram estratégias de análise de artefatos culturais como textos carregados de sentidos. A realidade é considerada como uma construção social subjetiva. No entanto, diferem na medida em que os estruturalistas afirmam a independência e a superioridade do significante em relação ao significado, e os pós-estruturalistas concebem significante e significado em mútua relação. (PEREIRA, 2010. pp. 421)

Assim, da mesma forma como o sujeito e sua identidade são tidos como fluidos, maleáveis e submetidos às contingências das relações de poder; o pós-estruturalismo também concebe o conhecimento como eminentemente relacional, relativizando o lugar dado a ciência na modernidade, e colocando-a como um dos discursos possíveis, e não como o discurso por

excelência, neutro e incontestável da verdade. Se o sujeito pós-moderno é descentrado, e está submetido a estratégias de dominação e normalização das Instituições como versa Peters (2000), ele também estará em processo contínuo de constituição através dos mecanismos de poder.

Dessa forma, para os propósitos que desenvolveremos aqui será importante nos debruçar sobre os estudos que, de alguma forma, focalizem os efeitos subjetivadores, por assim dizer, provenientes da “Sociedade de consumo”, sobre a qual dissertaremos mais à frente. Sobre os estudos do consumo, Barbosa (2004) versa que há uma das formas de se abordá-los, uma delas é concebendo a cultura de consumo ou de consumidores como a cultura da sociedade pós-moderna, que foi o viés que utilizamos na pesquisa. Conforme Mancebo et al (2002), O consumo vem sendo estudado desde o século XIX, contudo de forma marginal e tangencial, só se tornou objeto relevante para as ciências sociais e humanas recentemente, isso significa que os estudos do consumo, ou teorizações que versam sobre o consumo, se intensificaram a partir dos anos 60. É um campo interdisciplinar, pois se produz conhecimento dele a partir de diversas áreas como Antropologia, Sociologia, Filosofia, entre outras. Ainda de acordo com Mancebo et al (2002), algumas das primeiras análises críticas do consumo são provenientes de Marx e de autores da Escola de Frankfurt como Marcuse, Adorno e Horkheimer; após isso identifica-se aquelas análises que se voltam para o consumo enquanto semiologia como Jean Baudrillard, Bourdieu por sua vez se volta também para aspectos simbólicos do consumo. Há ainda aquelas análises que consideram o contexto da globalização, nela se destacam autores como Bauman, Canclini, Harvey e Featherstone. Alguns desses autores serão utilizados aqui em nossas análises sobre o fenômeno do consumo estético por mulheres transexuais.

Ainda em consonância com o que tratamos sobre a concepção pós-estruturalista de subjetividades e sua produção, Foucault (2011) reflete que há processos que objetivam o sujeito por meio das relações poder-saber e volta sua preocupação para a coerção que as práticas discursivas e as Instituições exercem nas técnicas de sujeição. Contudo, apesar de Foucault ter apontado a imanência histórica do sujeito, também indicou seu potencial transformador de agir sobre a história. Afinal, com base no pensamento foucaultiano, o poder só pode ser exercido de homens sobre homens, pressupondo-se um campo de possibilidade de atuação (SAMPAIO, 2008). Nesse sentido, embasada nos estudos foucaultianos, compreende-se nesta pesquisa que o discurso é eminentemente uma prática social em que sujeitos e objetos são constituídos em determinado tempo histórico. Dito isso, o foco da pesquisa se dará no

consumo enquanto modo de subjetivação contemporâneo visando analisar, nos discursos das participantes, os sentidos presentes sobre os bens e ato de consumir, e de que forma estes participam da constituição destes sujeitos, coordenando práticas. A opção pela análise discursiva na pesquisa que se pretende, é embasada na premissa teórica da organização do consumo enquanto linguagem (BAUDRILLARD, 1995) e no pressuposto epistemológico da constituição de subjetividades a partir das práticas discursivas, e relações saber-poder, que o atravessam. Seguindo a mesma linha será utilizada a Teoria *queer* para discutir as transexualidades e questões relacionadas ao gênero como base epistemológica e metodológica dado que, conforme versa Léon (2012), amparada nos feminismos, ativismos e pós-estruturalismo, preconiza a multiplicidade ou opacidade de subjetividades pluralmente produzidas, considerando a variedade dos componentes que atravessam essas, tais como: orientação sexual, gênero, idade e outros.

2.2 Natureza da Pesquisa

Esta pesquisa será de natureza qualitativa que se caracteriza por se dedicar à análise dos significados que os sujeitos dão às suas ações no meio em que vivem, através das relações que estabelecem. Dedicar-se, ainda à compreensão do sentido dos atos dos indivíduos, sem desvincular suas ações com o contexto social em que elas se dão (CHIZZOTTI, 2000). Considerando os objetivos que se almeja aqui, torna-se necessária uma metodologia que possa alcançar os sentidos dos sujeitos às suas ações, relações que estabelecem, e às dimensões subjetivas envolvidas (MINAYO; SANCHES, 1993). Além disso, o método qualitativo se ocupa de uma realidade que dificilmente pode ser quantificada, pois, conforme Minayo (2009) pertence ao universo das produções humanas e envolve intencionalidade, significados, motivos, valores, atitudes.

A pesquisa será de cunho interventivo. Conforme Szymanski e Cury (2004), esta é uma vertente de pesquisa qualitativa que além de objetivar contribuir com o conhecimento científico, propõe oferecer um trabalho de cuidado. É um tipo de pesquisa participante e, como tal, implica no reconhecimento de questões políticas e ideológicas imbricadas, bem como, a provocação de grupos a fim de promover mudanças.

Esse tipo de pesquisa supõe uma troca intersubjetiva entre todos os participantes, incluindo o pesquisador, uma mudança definida em consenso e uma proposta de se criar soluções, na consideração da experiência do grupo e à luz do conhecimento científico (SZYMANSKI; CURY, 2004 pp. 359.)

Apesar de muitas vezes concebidas como sinônimos “pesquisa-ação”, “pesquisa-interventiva”, Simone Paulon (2005) com base em sua revisão histórica da pesquisa interventiva, contrapõe esses dois tipos esclarecendo que a pesquisa – intervenção surge a partir do momento em que a pesquisa-ação passa a ser questionada. Esta última, se tornou alvo de críticas por se acreditar que ela propõe uma conscientização dos participantes, revelando, assim uma concepção subjacente de sujeito tal como o sujeito da ciência moderna: racional e cognoscente. A autora traz que a filosofia da diferença, apoiada em contribuições de Foucault e Nietzsche, embasa o surgimento de uma pesquisa-interventiva que concebe a subjetividade como um agenciamento de forças e fluxos que expressam regimes de verdade de um tempo, nunca como uma interioridade encerrada em si mesma. Nesse caso, o/a pesquisador/a deve buscar favorecer a produção de existências singulares, apreendendo movimentos coletivos de apropriação e invenção da vida que os facilitem. É esta concepção de intervenção que se aproxima da perspectiva que nos norteará na pesquisa. A autora resgata o sentido de intervenção, lançando mão da etimologia da palavra, *interventio* seria um “interpor-se” ou “vir-entre”, contrapondo-se ao sentido de “intromissão violenta”, como é comumente entendida (PAULON. 2005).

É pertinente lembrar que independentemente do tipo da pesquisa, o essencial é situar a perspectiva na qual nos colocamos que se ampara em uma ciência que é produzida por diversos atores que dela participam, esquivando-se da posição do investigador (a) /pesquisador (a) como “suposto saber”, a partir de uma posição neutra e superior. Como reflete Michelle Fine¹; em entrevista concedida a Adrião (2015) o mais importante ultrapassa a questão da definição entre as metodologias quantitativas ou qualitativas da pesquisa, mas focaliza o lugar de quem formula as perguntas, considerando de onde este fala e as questões que o atravessam e colocam os participantes da pesquisa em posições diferentes, o que ela chama de perspectiva situada; além da forma como se problematizará o material coletado; e a indagação sobre a quem servirá o produto destas análises. Questões que inquietaram desde o início dessa discussão no mestrado até a última linha redigida da dissertação, uma vez que refletir sobre quem somos a todo momento se mostrou como a forma de estabelecer um cuidado ético com aqueles/as de quem falamos e com quem falamos, um compromisso central para o trabalho com grupos marginalizados e sob a perspectiva de participação, e não de uma ação unilateral dos/das pesquisadores/pesquisadoras sobre os/as participantes.

¹Autora que tem contribuído para o campo das metodologias participativas em pesquisa; psicóloga, feminista e pesquisadora (ADRIÃO, 2015).

Considerando os enquadres supracitados, realizamos grupos focais temáticos que segundo Backes et al. (2011) originou-se no âmbito das Ciências Sociais, Mercadologia, Antropologia e Educação em Saúde. O grupo focal diferencia-se de outros métodos que se centrem na pesquisa individualizada, justamente pela sua capacidade de promover a interação entre os participantes, gerando respostas, mas também outras perguntas e alcançando um profundo nível reflexivo sobre o fenômeno social em questão (BACKES et al., 2011). Ressel et al (2008) versam que o grupo focal é um tipo de grupo de discussão que focalizam um tema em particular, a partir de um estímulo adequado que instigue o debate. A interação grupal é meio pelo qual se busca o material a ser investigado, que ao mesmo tempo constrói e facilita trocas e uma participação comprometida. O que foi possível verificar nos grupos realizados, em que as participantes demonstravam muita implicação e comprometimento em passar sua opinião e verbalizá-las de modo que pudessem ser compreendidas pelas outras participantes. Além disso, o grupo focal propicia concordâncias e confrontos de pontos de vista e que oportunizaram um debate aprofundado sobre o tema e uma intervenção mais precisa. O caráter interventivo, se mostrou nos grupos à medida que ele se revelava enquanto um espaço de acolhimento e de reflexão sobre as questões levantadas e questões correlatas; em muitos momentos tratou-se de questões importantes para as participantes e que perpassam a vivência trans, como violências e sofrimentos próprios de um modo de ser marginalizado pela sociedade. Iervolino e Pelicioni (2001) informa que o grupo focal foi muito utilizado nas pesquisas qualitativas no Brasil até meados de 1980, e que voltou a ser utilizado nos anos 90; as autoras refletem sobre seu uso na área das pesquisas sobre educação em saúde e informam que sua contribuição para tal área converge com a diretriz de participação integral que esta apregoa, contrastam com questionários ou entrevistas individuais no momento em que a pessoa pode ouvir os outros participantes, para formular sua fala, o que implica em manutenção da posição inicial ou, o que ocorre frequentemente, mudança ou reformulação das suas posições no discurso.

2.3 Locus da Pesquisa

A pesquisa foi realizada na cidade do Recife, no Espaço de Acolhimento e Cuidado para Pessoas Trans e Travestis – Espaço Trans, vinculado ao Hospital das Clínicas (HC), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), localizado no 1º andar do hospital - Portaria 4, Conforme pontuam Tenório, Vieira e Livadias (2017, no prelo) o Espaço Trans foi fundado em 2014, sua criação se deu por meio de uma conjunção de fatores e foi resultado da pressão de uma demanda crescente no estado, além das reivindicações de população usuária de um

antigo serviço que funcionava no Serviço de Ginecologia do Hospital das Clínicas da UFPE (desde 2001) direcionado à população transexual e que fora fechado em 2011. O abandono em que foram lançados/as os/as usuários/as, foi determinante para a fundação do Espaço Trans, uma vez que ainda que aquele funcionasse de forma precária e deficiente, era o único serviço no estado voltado para essa população. Sendo assim, ativistas do movimento LGBT no estado e usuários/as que eram atendidos por esse antigo serviço pressionaram gestores do executivo estadual, bem como, Ministério Público para a implantação de um serviço especializado que abrangesse o processo transexualizador no estado de Pernambuco. Ainda conforme os autores, o processo transexualizador, por sua vez, é uma política pública de saúde que visa atender especificamente a população trans, disponibilizando nos estabelecimentos credenciados, uma equipe multiprofissional e determinados procedimentos ambulatoriais e cirúrgicos, cujas diretrizes foram fixadas em portarias² nacionais do Ministério da Saúde, no ano de 2008.

Visando atender a essas demandas, o Hospital das Clínicas credenciou-se como estabelecimento que disponibilizaria uma equipe para o processo transexualizador. Atualmente sua equipe nuclear é composta por psicólogas, assistentes sociais, cirurgião e enfermagem; contando com outras especialidades que não são exclusivas para o Espaço, mas que fazem parte da rotina de atendimentos como uma extensão da equipe: fonoaudiólogos, fisioterapeutas e outros. Entre os princípios que norteiam o Espaço Trans estão: a autodesignação de gênero (as/os usuários/usuárias designam o seu próprio gênero); respeito ao nome social e uso social do banheiro; caráter não-patologizante, o que significa que o diagnóstico não é operacionalizado, muito menos determinante para o tratamento, sendo o cuidado fornecido com base no discurso dos/das próprias/os usuárias/os sobre suas experiências; programa terapêutico singular, inspirado nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS); e ainda o trabalho em equipe centra-se na perspectiva multiprofissional e interdisciplinar. Atualmente há 225 usuárias/os vinculados ao serviço, sendo a maior parte provenientes da região metropolitana do Recife, contudo também se atende pessoas de outros estados do Nordeste, o que representa cerca de 3% do quantitativo total (TENÓRIO, VIEIRA E LIVADIAS, 2017, no prelo)

O Espaço Trans busca fazer um atendimento integral às usuárias/usuários que lá ingressam nos sentido de que oferecem o acompanhamento estipulado nas diretrizes do

²Portaria de criação da política: nº 1.707/2008 do Gabinete do Ministro do Ministério da Saúde (GM/MS) (BRASIL, 2008), portaria de diretrizes da política: nº 457/2008 da Secretaria de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde (SAS/MS).

processo transexualizador, por meio de trabalhos com grupos operativos e informativos; além dos atendimentos com os profissionais de saúde que compõem a equipe e encaminhamento a outras clínicas que não compõem o quadro do Espaço; são elaborados relatórios psicológicos com fins judiciais de respaldo ao processo de mudança de nome, oferece-se psicoterapia individual, dispensação de hormônios, encaminhamentos sociais.

2.4 As participantes

As interlocutoras foram escolhidas dentre as usuárias do Espaço Trans, os critérios que utilizamos foi a autoidentificação como travestis e/ou mulheres trans, que fossem maiores de idade, por questões de responsabilização ética; além de serem domiciliadas no estado de Pernambuco com intuito de facilitar a participação nos grupos. O critério da autoidentificação de gênero está em consonância com a perspectiva ético-política na qual nos situamos. Não há intenção de definir a categoria transexualidade, visto que a tratamos como transexualidades, modos de ser plurais como o vocábulo, cujo exercício de estabelecer com critérios científicos quem se enquadraria ou não em tal conceito acabaria por reiterar modos fechados e únicos de ser, que vai de encontro ao que se defende sobre autonomia e não essencialização do sujeito a partir do campo epistemológico que versamos situarmo-nos. Bento e Pelúcio (2012) explicam que mesmo os movimentos sociais e estudiosos do campo têm problematizado o uso das categorias travesti, transexual, intersexo (pode-se acrescer as demais terminologias recentemente usadas, que revelam um grande aumento do número de nomenclaturas para definir formas de gêneros não-binárias) e adotado a terminologia transgêneros³ para falar de sujeitos que subvertem as categorias comuns de classificação de gênero, possibilitando que haja certa relativização atrelada à categorização e viabilizando que se destaque a pluralidade de formas de ser dentro deste espectro.

Entrou-se em contato com participantes em potencial para a pesquisa, mulheres trans e travestis, por meio dos grupos que ocorrem cotidianamente no Espaço Trans, de forma presencial. Esse contato deu-se do seguinte modo: em cada início de grupo, explicava-se a todas/os presentes a proposta da pesquisa, recolhíamos os contatos telefônicos para informarmos a data de início, após a formação do grupo. Houve obstáculos nesse processo dada à alta taxa de abstenção na participação dos grupos, naquele período, no Espaço Trans; o que fez com que contatássemos poucas potenciais participantes por vez. Além disso, a

³ Jesus (2012) reflete que não há uma definição consensual do termo, mas comumente se partilha que a dimensão transgênero/as abarca transexuais e travestis; também crossdressers, drag queens, drag kings, transformistas que vivenciam a diferença de gênero do ponto de vista da funcionalidade; e, ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero, que alguns designam como androginia.

participação em grupos processuais⁴, ou seja, que necessitou do compromisso de estarem presentes por quatro semanas também foi um agente obstaculizador para que se aderisse à proposta. Contudo, após dois meses nesse processo conseguiu-se um grupo estável com cinco participantes, sendo que uma delas – a participante Gal, de 40 anos – participou de apenas um deles, não podendo comparecer aos demais por questões pessoais.

Além disso, foi considerada a disponibilidade e o interesse em participar da pesquisa por parte das participantes. Assim sendo, passemos a analisar as características socioeconômicas das entrevistadas, dados coletados por meio do questionário que foi aplicado (Apêndice A) cujo propósito foi conhecer as participantes e caracterizar o perfil de participantes com quem trabalhávamos.

Quadro 1 - Questionário sociodemográfico

Nome	Idade	Cor/ Raça	Classe social	Escolaridade	Renda mensal individual	Renda mensal familiar	Reside com mais	Ocupaçã o	Orientaçã sexual
Gal	40	Parda	Média	Fundamental incompleto	937,00 reais	2.811,00 reais	5 pessoas	Vendedo ra autôno- ma	Hétero
Laila	26	Branca	Baixa	Médio completo	Não possui	2.000,00 reais	3 pessoas	Sem vínculo	Hétero
Jennifer	24	Parda	Média Baixa	Médio Completo	2.000,00 reais	3.000,00 reais	3 pessoas	Servidor a Pública	Hétero
Bárbara	20	Não declara	Média baixa	Superior incompleto	Não possui	Não sabe informar	Sozinha	Estudante	Polissexual// Assexual
Alana	24	Branca	Baixa	Superior incompleto	600,00 reais	Cerca de 5.000,00 reais	4 pessoas	Estudant e	Hétero

Nossas protagonistas foram Gal, Laila, Jennifer, Bárbara e Alana. Como relatado Gal participou de apenas um dos quatro grupos focais – aquele que versamos especificamente sobre consumo e produções estéticas/corporais para fins de feminilização, e Alana se ausentou em apenas um dos grupos, o mesmo que Gal participou; as demais não faltaram em nenhum grupo e não houve acréscimo de participantes; logo em todos os grupos estiveram presentes o número de cinco pessoas: quatro participantes e pesquisadora.

⁴Diferentemente de grupos pontuais, os processuais remetem a um processo que será desenvolvido durante alguns encontros com as mesmas pessoas, ou seja, realizar-se-á de forma processual na qual pretende-se durante encontros sistemáticos atingir algum objetivo.

Passando à análise do quadro, percebe-se que a faixa etária predominante foi de adultas jovens entre 20 e 26 anos; com uma participante apenas de 40 anos. O recorte geracional gerou algumas peculiaridades quanto ao modo de lidar com o consumo estético, o que será visto no capítulo de análise.

Sobre raça e cor, o número ficou equiparado entre duas brancas e duas pardas e outra que se absteve de declarar; nenhuma delas se declarou negra, indígena ou outras. A autodeclaração de raça e cor tem considerável importância uma vez que nos propusemos a analisar padrões estéticos como ver-se-á mais à frente.

Sobre a classe social, também foi utilizado o critério de autodeclaração, a pergunta foi aberta, e as respostas vieram dentro da nomenclatura em que a população brasileira está mais familiarizada (que compreende alta, média alta, média, média baixa, baixa), assim sendo as respostas vieram equilibradas entre: duas médias baixas, duas baixas e uma média, percebe-se que elas consideraram a renda familiar para assim se classificarem. O potencial econômico não nos diz tanto quanto pode parecer para uma pesquisa de consumo, uma vez que não estamos nos propondo a analisar concretamente o que é consumido, mas os discursos a respeito do consumo estético dado que na nossa perspectiva teórica-metodológica esses discursos engendram certas práticas que podem ser práticas concretas de compra, ou não. Apesar disso, é de suma importância ético-política termos noção da classe social econômica para realizarmos uma análise situada, e contextualizada de suas narrativas de acordo com o recorte de classe que expressa relações específicas de poder e resistências. Desse modo as rendas familiares relatadas variaram entre 2.000 a 5.000 reais, sendo famílias de até 5 membros. Sobre a situação de ocupação, duas delas dedicam-se aos estudos em curso superior, uma servidora pública, outra vendedora autônoma, e outra desempregada, pois está em busca de colocação no mercado de trabalho.

Sobre a orientação sexual; quatro delas se declararam heterossexual e uma delas (Bárbara) segundo grupo focal realizado, definiu-se como tendo orientação sexual polissexual. Conforme, por ela explicitado significa que ela possui desejo e atração sexual por alguns gêneros e outros não, ultrapassa a bissexualidade (que tem atração e desejo apenas por homens e mulheres), e abrangeia menos pessoas que o pansexualidade (que seria a atração ou desejo sexual por todos os gêneros); no questionário sociodemográfico, contudo, Bárbara posicionou-se como assexual (que seria o não possuir atração ou desejo sexual de nenhuma natureza).

Todas elas, porém, se autodeclararam mulheres trans, apesar da proposta inicial da pesquisa abranger também àquelas que se designassem como travestis. Desse modo, nossa pesquisa focou-se nos discursos e sentidos sobre o consumo estético e seus efeitos de subjetivação para mulheres transexuais. A despeito disso, uma das participantes, em alguns momentos, colocava-se como travesti demonstrando a possibilidade de trânsito, ou como ela mesma disse: de uso político intencional do termo. Dado que a nomenclatura transexual vem envolta em um processo de higienização trazido pelos saberes médicos e psi, enquanto travesti retrata toda uma história de marginalização (e um peso moral diante da sociedade heteronormativa e conservadora), mas também revela uma história de luta por direitos que deve ser visibilizada. Convém que apresentemos brevemente nossas principais interlocutoras, a fim de tornar o/a leitor/a mais familiarizados/as com elas:

Gal: Mulher transexual, 40 anos, participou de um dos grupos (sobre consumo e produções estéticas/corporais para feminilização), reside com familiares, entre eles a mãe (com quem mantém estreita e boa relação desde a infância) e com um filho que adotou, foi criada no município de Paudalho, no estado de Pernambuco, cidade do interior. Vendedora autônoma e também presta serviços administrativos para um órgão público. Percebe-se como mulher trans desde muito cedo, o que segundo ela, não gerou grandes transtornos de aceitação por familiares. Usuária do Espaço Trans por mais de dois anos, e à época dessa pesquisa estava prestes a realizar a cirurgia de transgenitalização.

Alana: Mulher transexual, 24 anos, participou de três dos quatro grupos. Estudante universitária do curso de Administração em faculdade particular da cidade do Recife, mora com os pais e uma irmã. Revela que a família teve dificuldades de aceitação inicial sobre seu gênero, mas que atualmente aceitam bem. Tem um namorado com quem denota manter boa relação e é figura importante para ela. Está no Espaço Trans com objetivo de realizar a cirurgia de transgenitalização, embora ainda apresente certa insegurança quanto a esta; acentuado interesse em implante próteses mamárias de silicone.

Jennifer: Mulher transexual, 24 anos, participou de todos os grupos. Servidora pública federal. Reside com familiares, faz parte do Espaço Trans, realizando consultas mensais e tem interesse em implante de próteses de silicone mamárias, contudo ainda pretende avaliar a necessidade desta. Não faz parte dos grupos diários que ocorrem no Espaço Trans.

Laila: Mulher transexual, 26 anos, atualmente desempregada. Participou de todos os grupos focais da pesquisa. Faz parte do Espaço Trans e antes da fundação deste fazia parte do

ambulatório correspondente no Hospital das Clínicas. Já realizou a cirurgia de transgenitalização. Tem histórico de não aceitação da sua transexualidade por parte de familiares, o que a levou a fugir de casa, e trabalhar na Europa como profissional do sexo por um período, após retorno a família apresentou-se mais flexível, assim sendo atualmente mora com a mãe e o irmão. Já realizou todas as mudanças de documentos oficiais para seu nome social e pretende conseguir uma colocação no mercado de trabalho. Continua no Espaço Trans para acompanhamento pós-cirúrgico e ainda participa dos grupos realizados pelo Espaço.

Bárbara: Mulher transexual, 20 anos, estudante universitária do curso de Estética e Cosmética. Participou de todos os grupos focais da pesquisa. Ingressou como usuária do Espaço Trans para iniciar o processo de transição com acompanhamento médico. Tem interesse em cirurgia de implante de próteses de silicone mamária. Demonstrou conhecimento sobre algumas questões da militância LGBTTT, e algumas posições políticas mais acentuadas em seu discurso. Participa dos grupos do Espaço Trans.

Todos os nomes aqui utilizados são fictícios, a fim de preservar a identidade das participantes. Os seus nomes sociais foram respeitados durante todos os grupos focais, e tanto os nomes sociais quanto os civis foram preservados na escrita da dissertação e o serão na publicação, pois, como informa Spink, 2000 o anonimato faz de um dos compromissos éticos possíveis na pesquisa social, funcionando como ferramenta para proteção e não-identificação dos participantes.

Além dessas cinco participantes, o/a leitor/a notará que outros nomes surgirão no capítulo analítico, tratam de material coletado em grupo focal de piloto, com caráter de experimentação dos roteiros elaborados, realizado com outras participantes também usuárias do Espaço Trans, que será descrito no próximo tópico dessa dissertação.

2.5 Instrumentos e Procedimentos de pesquisa

O primeiro dos procedimentos adotados foi a elaboração das questões que deveriam permear os grupos, norteando as discussões. Dessa forma, utilizou-se o espaço das atividades acadêmicas, que compõem o currículo do mestrado, para a inserção e aproximação no campo, em que a princípio acompanhamos grupos que faziam parte da rotina de trabalho do Espaço Trans, e com a temática já prevista em seus escopos, isso ocorreu durante os meses de novembro e dezembro do ano de 2015. Ao acompanhá-los pudemos captar questões e falas

ligadas ao consumo estético que foram de fundamental importância para elaboração das questões norteadoras dos grupos focais da pesquisa.

Após essa etapa, consideramos pertinente a realização de um grupo focal piloto, ou seja, um grupo pontual (também com usuárias do Espaço Trans) que pudesse nos fornecer um *feedback* da pertinência das questões norteadoras elaboradas, bem como se estas nos encaminhariam aos objetivos que estipulamos e que também tivesse um caráter interventivo. Deste modo, convidamos algumas usuárias do Espaço Trans para participação neste grupo que ocorreu apenas uma vez. O grupo foi realizado na data de 02 de dezembro de 2015, no mesmo formato dos grupos focais posteriores, a psicóloga Mônica Mota que faz parte do quadro de profissionais do Espaço, nos acompanhou e atuou como co-facilitadora. Não foi gravado nem em áudio, nem em vídeo, o registro deu-se por escrito com autorização das três participantes e o material coletado faz parte do diário de campo. Todo esse processo gerou dados de extrema relevância que, eventualmente, foram trazidos à análise dos dados da pesquisa e compuseram essa dissertação pela sua pertinência. Desse modo, em alguns momentos o/a leitor/a se deparará com nomes (fictícios) não familiares por não terem sido desenvolvido um trabalho de grupo processual e aplicação de questionário, mas que fizeram parte destes grupos preparatórios do qual falamos.

Após o processo de convite às usuárias para participação na pesquisa e formação do grupo oficial de mulheres que participariam (processo que foi esmiuçado no tópico anterior); no primeiro grupo focal, se deu a construção de um “contrato grupal” cujas regras foram estabelecidas de forma conjunta entre pesquisadora e participantes e abrangia itens como: respeitar a fala da outra participante, discordar cordialmente, pontualidade, sigilo total sobre o que ali se tratava, entre outros.

Foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) em voz alta, e após isso deu-se os esclarecimentos de questionamentos e dúvidas surgidas, ficou claro a todas que a participação e os direitos de publicação de suas falas poderiam ser retirados a qualquer momento, da mesma forma que se solicitou a elas que expressassem quaisquer incômodos que o grupo pudesse, eventualmente, provocar a fim de que se tomasse as providências que coubesse. O Termo de consentimento livre e esclarecido aplicado a todas as participantes, permitiu-se que elas o levassem para casa para melhor leitura individual. Após o seu preenchimento, uma cópia lhes foi dada e aplicou-se o questionário sociodemográfico, com fins de caracterização do perfil. No questionário lhes foi assegurada a possibilidade de

abstenção a quaisquer das questões ali presentes. Também se aplicou o termo de autorização de uso de imagem e depoimento (Apêndice C).

Convém ressaltar que o presente estudo respeita os princípios éticos de respeito pela pessoa, beneficência e justiça, seguindo as diretrizes e normas regulamentadoras da Resolução N°466/12 do Ministério da Saúde. Por ser uma pesquisa integrada ao Projeto Diálogos⁵, não foi necessário submetê-la, individualmente, ao Comitê de Ética da UFPE. As diretrizes do Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como, os instrumentos utilizados estavam contemplados no referido projeto. Os participantes da pesquisa foram orientados sobre os objetivos, riscos e benefícios do estudo, tiveram ainda informações detalhadas sobre os procedimentos referentes à realização dos grupos. As pessoas que concordaram em participar do estudo foram convidadas expressaram o desejo em participar sabendo que poderiam abandonar o experimento a qualquer momento, sem questionamentos e com todas suas informações mantidas em sigilo total e permanente. Os custos dessa pesquisa foram de responsabilidade do pesquisador. Os dados coletados ficarão armazenados no LABSHU – Laboratório de Sexualidade Humana vinculado ao departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, localizado no 7º andar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Av. Prof. Moraes Rego s/n, Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50670-901. De acordo com as recomendações da resolução do CFP de nº 016/2000, serão descartados após o período de cinco anos.

Em seguida realizou-se os grupos focais, que se focaram na temática do consumo estético seus sentidos e efeitos sobre aspectos subjetivos, relações sociais e práticas sociais das participantes. Foram realizados quatro grupos com duração média de 1 hora e 40 minutos. Tendo variado, observando critérios qualitativos, como orienta Veiga e Gondim (2001) apontando para sensibilidade do facilitador em identificar o momento de esgotamento da discussão de determinado tema, sinalizados pela repetição ou previsibilidade de conteúdos e argumentos colocados. Foi realizado registro em áudio e em vídeo dos grupos, o que foi importante, por garantir máximo aproveitamento dos dados, que poderiam ser parcialmente perdidos, como o registro manual das discussões.

⁵O Projeto Diálogos foi uma iniciativa de pesquisa-intervenção e interdisciplinar, que englobou os departamentos de Serviço Social e de Psicologia da UFPE, dentre outras instituições parceiras. Tendo sido financiada pela Petrobras, a ação teve como meta minimizar os impactos sociais ocasionados pela migração maciça de trabalhadores para a subregião do Complexo de Suape, abarcando os municípios do Cabo de Santo Agostinho e de Ipojuca (RIOS et al, 2011).

Os grupos focais temáticos aconteceram em torno de quatro eixos. O primeiro abordou fatores motivadores do consumo estético, procurando trazer questões que identificassem os tipos de consumo estético e fatores que o possibilitam, além de inicialmente termos nos apresentado umas às outras, construído o contrato grupal e esclarecido questões éticas da pesquisa, já o segundo grupo focal abordou o eixo: consumo, as produções estéticas/corporais feminilizantes (Apêndice D). O o terceiro grupo focal abordou o eixo: relação entre consumo estético e o outro, em que as indagações focalizaram as funções e sentidos atribuídos ao consumo estético, tendo como parâmetro o olhar do outro sobre a subjetividade e, por fim, o quarto grupo focalizou: o consumo em relação a discursos sobre a normalização estética ou busca por correspondência aos padrões estéticos pré-definidos de nossa sociedade (Apêndice E).

No quarto e último grupo – sobre normalização e padrões estéticos – foi utilizada de forma complementar, uma técnica de apresentação de imagens descrita por Vergara (2005) como técnica de construção, em que foram mostradas imagens selecionadas (retiradas de sites da internet) e solicitado a elas que falassem livremente sobre o que achavam dessas pessoas e as respectivas estéticas apresentadas. Desse modo, as figuras selecionadas refletiam as discussões que já tínhamos realizados durante os três primeiros grupos, portanto trouxemos três grupos de imagens sendo um grupo ligado ao vestuário (Quadro 2), outro à estética dos corpos (Figura 3), e outro à estética do rosto e cabelos (Quadro 3 e Figuras 1 e 2). Propositamente, foram trazidas imagens que falavam de questões estéticas polêmicas levantadas nos grupos anteriores, sendo que essas discussões serviram de parâmetro para a seleção das imagens que seriam problematizadas, como: vestimentas muito justas, exposição de certas partes dos corpos, vestuários e maquiagens que remetesse à exagero ou vulgaridade, roupas andróginas, estética que remetesse a classe social e padrões estéticos tidos como desejáveis. Conforme Vergara (2005), a técnica estimula falas que correspondem a impulsos, pensamentos não-mediados por filtros, conflitos e a expressão de posturas sobre determinados temas.

Foram utilizados tais recursos disponibilizados pela pesquisadora: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; autorização de uso de imagem, questionário socioeconômico, roteiros dos grupos focais, gravador, câmera digital com tripé, computador; resma de papel ofício, caneta e caderno de anotações e lanches para os encontros.

Os encontros grupais aconteceram na sala da pós-graduação em saúde coletiva, situada no 4 andar do Hospital das Clínicas, no mesmo bloco em que se fica o Espaço Trans a fim de facilitar o deslocamento das participantes, a sala foi articulada pela coordenadora do Espaço Trans junto à direção da referida pós-graduação. Local reservado e silencioso, que acomodou as participantes e facilitou a comunicação do grupo.

2.6 Procedimento de Análise

Utilizou-se como método de análises do material produzido nos grupos focais a *análise do discurso* de inspiração foucaultiana, que considera as construções discursivas, como efeito e causa, das condições históricas que as fazem emergir (FOUCAULT, 2004). Com suas contribuições, o teórico nos fornece um aporte fundamental para compreensão dos modos de subjetivação contemporâneos, partindo do entendimento de que o sujeito é objetivado, por meio de práticas discursivas produzidas historicamente (FOUCAULT, 2004). Fischer (2001) ressalta que, comumente, quando se fala de tentar compreender os discursos, ainda está presente uma ideia de que o intento é descobrir o oculto, o que está por trás do dito. A autora faz ressalvas quanto a esta crença, ela explica que para Foucault é preciso permanecer na existência das palavras das coisas ditas, pois não há nada submerso. O discurso expresso produz subjetividades, ao passo que põe em funcionamento enunciados e relações históricas de práticas concretas (FISCHER, 2001).

Foucault (2012) atenta ainda para o caráter fragmentário do discurso, rejeitando a ideia de unidade ou estrutura globalizante, o discurso é para ele descontinuidade. A própria impressão de unidade do discurso é, então, efeito de jogos de poder. Peters (2000) refere que o próprio pós-estruturalismo nega o entendimento estruturalista do sujeito como constituído a partir do arranjo dos significados culturais dentro de uma estrutura. Assim, não há unidade que integre os discursos em conflito, ou seja, o autor rejeita a estrutura mestra que sintetize e expresse uma unidade ou universalidade epistemológica (PETERS, 2000). Esse entendimento é essencial para nossa perspectiva de análise por propiciar abordar os discursos de forma localizada e não totalitária desconsiderando a fragmentação. Nesse sentido, considera-se que fazendo uso desse aporte será possível obter uma compreensão relevante dos processos sociais que pretendemos abordar, das formas de produção de subjetividades e relações de poder a elas intrínsecas.

3 REFLEXÕES SOBRE O CONSUMO E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Ao longo deste capítulo, pretende-se discorrer sobre as diferentes correntes de pensamento a respeito da área conceitual do consumo que nortearam a discussão levantada nesse texto e embasaram nossas reflexões. Examina-se definições, percorrendo, brevemente, a história da formação a sociedade de consumo. Tal empreendimento é importante para compreender a relevância de se debruçar sobre o estudo da prática do consumo, bem como as implicações da sua centralidade no modo como nos subjetivamos na sociedade contemporânea.

3.1 Por que o consumo nos interessa?

A questão se apresenta como relevante a todos/as que se propuserem a investigar a temática do consumo, uma vez que é inerente à vida social desde tempos remotos tornando-se uma atividade de tamanha importância a ponto de ser foco de pesquisas nas ciências sociais e humanas o que nos leva ao questionamento proposto no subtítulo.

Barbosa (2004) nos lembra que o consumo figura em toda e qualquer sociedade humana, com fins de reprodução física e social. Entretanto, na nossa sociedade tal atividade adquire um status diferenciado, por duas razões específicas. A primeira é que ela aponta para um tipo especial de consumo: consumo de signos, conforme algumas abordagens teóricas (BARBOSA, 2004). É o caso da abordagem do teórico Jean Baudrillard (1995) que faz uma análise semiológica na qual se refere ao consumo como um sistema de signos que revela como a lógica social dos bens se estrutura do mesmo modo que uma linguagem. Não é necessário pontuar, portanto, que há muito tempo o consumo não é apenas um consumo de objetos que atendem a fins meramente utilitários, suprimindo necessidades. Já a segunda razão vai além do consumo de signos e assevera que na nossa sociedade o consumo adquire status diferenciado por ser massivo (de massas e para massas), com alta taxa de descarte, por fazer parte de uma sociedade de mercado, pela presença da moda e por ter o consumidor como figura essencial (BARBOSA, 2004). Em consonância, Rocha (2005) observa que o consumo vem sendo representado, pelo senso comum e pela cultura de massa, de quatro formas principais: como algo hedonista, moralista, natural ou utilitário. Para ele, essas visões sobre o consumo trariam implicações, inclusive para os estudos que se debruçam sobre o tema; a visão moralista, por exemplo, faz com que os teóricos sociais se silenciem sobre o consumo focando na produção, uma vez que para eles “falar sério sobre a vida” é privilegiar a razão prática, dissertando sobre a forma de produção e relações que ela estabelece, enquanto falar

de consumo seria privilegiar a dimensão cultural e a relativização de valores que passa por esta. Já a visão naturalista, que entende o consumo como algo inerente ao “*espírito humano*” (ou consumir para atender necessidades quase biológicas). Para o autor é uma escolha política deliberada que oculta toda a dimensão cultural do consumo. Sobre a visão hedonista, Rocha (2005) pontua que é a mais difundida e midiática, no entanto é mais frágil ideologicamente, por ser facilmente denunciável por um olhar mais crítico. A visão utilitarista, por sua vez, seria aquela que se volta para conhecer o consumo com o objetivo utilitário de vender mais, é a visão predominante dos estudos de marketing que, ao mesmo tempo, em que gera ricas condições para entender a dimensão cultural do consumo, as limita porque seu objetivo é outro, a venda.

Dessa forma percebemos que o consumo pode ser um poderoso instrumento, que nos auxilia na leitura das relações sociais que por seu intermédio se estabelecem. Vale lembrar o que nos traz Mary Douglas e Baron Isherwood (2009) quando ressaltam que os bens materiais possuem tanto significado quanto qualquer outra produção cultural como, por exemplo, a música. Esse significado não está impresso no bem por si mesmo, mas no todo das relações entre eles, assim como a música, que só faz sentido pelas relações entre suas notas. Ou ainda como atenta Barbosa (2004), o consumo como qualquer outra atividade produz e estabelece mediação “entre estruturas de significado e o fluxo da vida social através dos quais identidades, relações e instituições sociais são formadas, mantidas e mudadas ao longo do tempo (BARBOSA, 2004, pp. 13).”

Santos (2011), com base em suas análises das perspectivas de Baudrillard, atenta para uma significação diferente da forma clássica como se compreendia a mercadoria; se antes, na perspectiva da troca simbólica se considerava que o objeto só possuía significado em sua relação simbólica com o sujeito, ou seja na relação concreta em que é trocado; agora se compreende que o objeto pode ganhar sentido na relação de diferenciação com outro objeto, numa hierarquização, em outras palavras, numa relação com outros signos. O objeto se institui como código e se autonomiza, pois se objetiva como signo.

Baudrillard (1995) esclarece que é possível analisar o processo de consumo sob dois aspectos principais; no primeiro se trata do consumo como processo de significação e comunicação, como citado anteriormente. Neste caso, o consumo é uma linguagem em que as práticas de consumo se inserem, assumindo sentido. O segundo aspecto trata de compreendê-lo como processo de classificação e diferenciação social em que os objetos-signos se ordenam

em uma hierarquia de valores possibilitando sua análise do peso de distribuição dos seus valores. Como isso, o teórico só ratifica que o valor de troca supera o valor de uso⁶ e indaga o verdadeiro motivo da função do objeto de consumo.

Gambaro (2012) ressalta que, nesse sentido, Baudrillard se aproxima a Bordieu quando sugere que o objeto atende a demandas geradas pela ascensão a uma outra classe social, apontando para existência de dois grupos: um de pertença – este usaria o objeto como por direito - e outro de referência – que é aquele grupo para o qual se olha, na tentativa de se assemelhar ou se diferenciar. Obviamente, que a aproximação entre os dois se limita a esse aspecto da função do consumo, já que para Baudrillard um objeto não pertence a uma classe ou outra, mas diferencia-se pelo uso feito por eles; já Bordieu, com seu conceito de *habitus*⁷, diferencia as escolhas entre os grupos o que gera uma série de divergências teóricas entre ambos (GAMBARO, 2012).

Sabe-se que Bordieu (2007), analisa o consumo em sua função de diferenciação e distinção entre classes e grupos sociais. Segundo ele, o consumo de bens distingue quem os possui se constituindo num capital cultural ou simbólico que contribui para reprodução da ordem estabelecida. Assim, as mercadorias são um conjunto de indícios utilizados para classificar e hierarquizar os outros, mas como a oferta de bens é muito intensa estes chegam as classes de baixo status, provocando a banalização dos bens alimentando o investimento em novos produtos como uma forma de perseguição da diferenciação, o que estimula o consumo desenfreado. Outros autores corroboram com isso, informando que o consumo é lugar de diferenciação e distinção entre grupos, associando também à ideia de obtenção de status (BAUDRILLARD, 1995. LIPOVETSKY, 2007).

3.2 Sociedade contemporânea é uma sociedade de consumo? Definições, origens e características

Sociedade de consumo é um dos conceitos que permeia este trabalho. Embora o estudo do consumo seja diferente do estudo sobre a sociedade de consumo, ambos se vinculam e não há como falar dos sujeitos, produzidos na sociedade contemporânea, sem falar de suas

⁶Esses conceitos trazido a princípio por Karl Marx, em sua obra O Capital, designam como **valor de uso**, a utilidade da mercadoria, **como aquele** que se atrela restritamente às propriedades físicas do objeto. Já o **valor de troca**, tem a ver com a relação quantitativa que se estabelece na troca real do objeto, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam contra valores de uso de outra espécie.

² *Habitus* é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BORDIEU, 2011, pp. 191).

características. Em primeiro lugar, é importante esclarecer que não há uma definição única e inequívoca sobre a sociedade de consumo e tão pouco há um consenso sobre suas origens históricas. Não cabe aqui discutir exaustivamente as nuances e divergências teóricas deste campo, mas convém traçar algumas linhas que confirmam inteligibilidade a esse modo de organização societária que temos chamado de Sociedade de Consumo e muitas vezes se confundem com outras designações por possuírem intrínseca similaridade, a depender do ponto de vista teórico adotado.

Barbosa (2004) pontua que não é fácil definir sociedade de consumo/consumidores, porque em primeiro lugar ela se confunde com outros termos como: cultura de consumo/cultura de consumidores. A autora ressalta que cultura de consumo e sociedade de consumo são coisas desvinculadas entre si. E para distingui-los, nos explica que algumas sociedades podem ser de mercado, mas o consumo não figurar como principal forma de reprodução e diferenciação social; nelas o consumo não é um ato individual, nem implica em uma questão de escolha de estilo ou identidade. O que ocorre nessas sociedades, é que apesar de possuírem Instituições que protegem o consumidor e seus direitos; variáveis como religião, família, grupo étnico determinam o que e como consumir, influenciando diretamente no direito de escolha individual que caracteriza as culturas das sociedades ocidentais como uma cultura de consumidores. Em outras palavras, esta última é uma cultura em que as pessoas que a compõem exercem o papel fundamental de consumidoras.

Com base nisso, depreende-se que sociedade de consumo é uma denominação utilizada, por vários autores com diferentes nuances na conceituação dentro dos respectivos corpos teóricos. Contudo, em linhas gerais, é possível entendê-la não apenas como uma sociedade caracterizada por um desenvolvimento industrial capitalista avançado cuja sustentação se dá pelo consumo massivo, mas, principalmente pelo fato do consumo tornar-se central nos diferentes aspectos da vida, da organização social e da subjetividade das pessoas que a compõem.

Conforme nos indica Barbosa (2004), uma forma de abordagem teórica do consumo, particularmente aquela que nos embasará e surgirá mais correntemente ao longo desse trabalho, associa a cultura de consumo/ de consumidores à cultura da sociedade pós-moderna. Entre os teóricos que assim compreendem, estão: Zygmunt Bauman, Jean Baudrillard, Frederic Jameson (embora haja tantos outros na mesma perspectiva). As questões que eles discutem sobre pós-modernidade mantêm relação estreita com o consumo, seja estilo de vida,

cultura, estetização, realidade, mercadoria como signo. Ainda de acordo com Barbosa (2004), um outro grupo de teóricos aborda o consumo sem se orientarem pela questão pós-moderna, citando: Don Slater, Mary Douglas, Grant McCracken, Colin Campbell, Daniel Miller (e outros); igualmente importantes para os estudos do consumo, entretanto vendo o consumo como ferramenta para entender processos sociais e culturais.

Como foi dito anteriormente não há total consenso sobre a formação, nem uma síntese teórica sobre as origens históricas da sociedade de consumo, contudo os autores aqui citados o abordarão a partir da própria trajetória de transformação do capitalismo (SEVERIANO, 1999; SILVA, 2006).

Conforme Vicentino (1991) o aumento da população urbana, a construção das grandes cidades e a intensificação da atividade comercial no fim da idade média, na Europa, marcaram o que se denominou revolução mercantil. O crescimento do comércio propiciou a ascensão dos comerciantes, criando a classe burguesa, a partir daqui já é possível falar de um incipiente capitalismo denominado comercial. Esse crescimento do comércio teria propiciado a acumulação de capital e a geração de mão-de-obra necessária para ocorrência de um conjunto de mudanças que aconteceram na Europa que substituiu o trabalho artesanal pelo assalariado, com o uso das máquinas - a Revolução Industrial.

A revolução industrial, por sua vez, criou duas condições necessárias ao hiperconsumo: a produção padronizada e em larga escala, bem como, a criação de uma classe trabalhadora, que devido ao acúmulo de capital interno teve sua qualidade de vida elevada. A geração de uma população habilitada para o consumo, unida à necessidade de escoamento da produção crescente gerada pelas indústrias na modernidade caucionaram a formação da sociedade de consumo (SEVERIANO, 1999; GROSSI; SANTOS, 2007). De acordo com Bauman (2004) essa ainda era uma sociedade baseada na produção, e não no consumo, ela incitava seus membros a desempenharem, primordialmente, o papel de produtores. Mas, foi no interior dessa forma social que se gerou a sociedade de consumo.

Na concepção de alguns autores, a partir da Revolução Industrial, o capitalismo teve dois momentos, o primeiro em que esteve concentrado na produção de bens industriais para a acumulação de capital e um segundo concentrado na produção de bens de consumo não-duráveis (SEVERIANO, 2001; VICENTINO, 1991).

A superprodução de bens industriais, na época do capitalismo industrial, gerou uma crise que só pôde ser superada pela valorização do consumo de bens não-duráveis e pela

instigação da sociedade ao consumo exacerbado. Resumidamente, a sociedade de consumo surge, então, como alternativa ao colapso do capitalismo (SEVERIANO, 2001).

Sobre haver disputas nessa historiografia do consumo, Barbosa (2004) afirma que ela focaliza a dimensão temporal, ou seja, a sequência de eventos; uma vez que as inovações tecnológicas da revolução industrial só teriam ocorrido depois de uma explosão de consumo. Desta forma quem defende a precedência de uma revolução do consumo à revolução industrial questiona como foram criadas as bases para a demanda gerada pela superprodução desta última.

Não obstante, Barbosa (2004) informa haver consenso, em certa medida, sobre mudanças societárias que afetaram o modo de consumir. A mudança da ordem socioeconômica introduz mudanças na sociedade, entre elas, destaca a passagem do consumo familiar para o consumo individual.

A sociedade tradicional por ser composta por grupos de status bem definidos (como nobreza, burguesia) mantinha regras rígidas sobre o que o membro de cada classe poderia/deveria consumir, tal fato é rompido na sociedade contemporânea devido à falta de Instituições e códigos sociais e morais com poder o bastante para definir o que se deve consumir. O critério para aquisição e escolha dos objetos é inteiramente pessoal, as regras existem, contudo, são frouxas, fluidas e passam pelo crivo do indivíduo. O que nos permite verificar que o fator primordial na escolha dos bens que se vai consumir é a individualidade, e não um grupo de status (BARBOSA, 2004). E é, especialmente, isso que distingue uma sociedade de consumo de outra sociedade qualquer.

Outra mudança que merece destaque na passagem de uma sociedade tradicional para uma sociedade de consumo, já que ilustra bem o como se deu essas transformações, é a passagem do consumo de pátina para o consumo de moda. McCracken (2003) nos mostra como a pátina perde espaço para a moda e o que isso representa em termos de uma revolução cultural da sociedade e sua passagem para uma sociedade de consumo. Conforme o autor, os nobres ingleses consumiam objetos de grande durabilidade e conforme envelheciam, a pátina ia aparecendo e denunciando a idade do objeto, essa idade revela a extensão de tempo em que certa família gozou de tal status social e renda. A pátina era, portanto, um sinal inequívoco de tradição. Na sociedade contemporânea, a pátina é substituída pela moda que, ao contrário da primeira, é expressão de curta temporalidade. No mesmo período, a moda começou a mudar rapidamente e aqueles indivíduos de alta classe social viam no novo mais oportunidades de

umentar e reforçar seus status, do que no antigo. A moda se inicia com o vestuário, mas posteriormente abarca todos os demais âmbitos.

Esse fato nos revela características inerentes à própria sociedade contemporânea: individualismo e consumo para auto expressão e reforço do estilo pessoal; liberdade (relativa e passível de problematização), bem como a transitoriedade e efemeridade. Se na sociedade tradicional o consumo definia um lugar permanente, agora ele pode e deve ser construído, desconstruído e reconstruído no mesmo ritmo em que o mercado freneticamente renova seus produtos.

Versamos sobre algumas mudanças na ordem social, geradas pela introdução de uma nova ordem socioeconômica. Ressalta-se, porém, que o que nos interessa, primordialmente, para a discussão que será desenvolvida aqui, é a transformação dos sujeitos a partir da passagem de um capitalismo de produção, para um capitalismo de consumo.

3.3 Sobre como o consumo produz subjetividades

Com base em sua análise semiológica do consumo, Jean Baudrillard (1995) defende que a aquisição e o uso dos bens são capazes de comunicar, forjar discursos, produzir sentidos e incitar ações, como uma linguagem. Isso torna o consumo uma tecnologia poderosa de produção de subjetividades nas sociedades capitalistas contemporâneas.

Nos cabe, portanto, abrir um parêntese para elucidar que a noção de subjetividade que permeia esta pesquisa embasa-se na perspectiva da filosofia pós-estruturalista sobre a qual dissertamos anteriormente. Considerando a concepção de Foucault (1995) a respeito do sujeito, reflete-se que o consumo não vai servir para expressão de algo que esteja dentro da pessoa, pois para ele não há sujeito a priori, mas um sujeito que é produzido enquanto efeito de discursos, também atuando sobre eles e possuidor de experiências sobre si. Dito isso, não é possível falar de sujeito do consumo em si, mas de formas de produção de subjetividades na sociedade de consumo que forjam e são forjadas por meio dos discursos em torno da atividade de consumir. Esse processo de subjetivação é constante, pois o sujeito e as relações de poder e de resistência que se estabelecem em cada tempo histórico estão em permanente processo de transformação.

A principal questão a ser tratada aqui, é discutir sobre o que reflete Mancebo et al (2002), ao identificar que a ordem econômica uma vez reformulada, precisou consequentemente reformular as pessoas que a resguardam. Essas pessoas precisavam se

fazerem novas para a boa efetivação do que se instituiu no âmbito econômico, precisamente por isso fala-se de uma ordem socioeconômica.

Isto posto, podemos recorrer a Lipovetsky (2007) para entender melhor as características que assume a ordem socioeconômica que se instituiu. O teórico separa o capitalismo de consumo em três fases e atenta para os diferentes significados que ele adquire em cada uma delas. A primeira fase diz respeito ao seu início, com a criação das marcas, da *mass media* que se ocupou de dar ao consumo o glamour necessário para o seu desenvolvimento. Na segunda fase, ele pontua que se introduz a lógica da moda, ou seja, de renovar-se sempre e com rapidez. Além disso, se desinveste nas causas coletivas e o consumo é muito focado no “outro” para distinção social e de status. Já na terceira fase, especialmente importante para a discussão desse tópico, não se exclui a pretensão de distinção, mas o foco torna-se as experiências individuais com o consumo, as sensações que ele provoca e a procura de si mesmo, equiparando o sujeito à própria mercadoria. A função do que o autor chama agora de “consumo emocional” é a criação de si, o consumo se encarrega da produção identitária visto que a tradição já não ocupa esse lugar (LIPOVETSKY, 2007).

Aliás, a maior parte da mudança provocada nos sujeitos da sociedade de consumo reside no fato deste “ser” não possuir lugar. Melhor dizendo, os lugares já não são postos como eram na sociedade tradicional; cabendo ao indivíduo promovê-los, procurá-los ou produzi-los, sempre tendo em mente que ele jamais ficará por muito tempo em um mesmo lugar, dada a própria dinâmica de mobilidade desses tempos. Na perspectiva crítica desse modo de ser contemporâneo, não se trata de desejar um retorno nostálgico para um momento onde tudo estava posto, mas de problematizar que esse lugar a ser encontrado “por si mesmo”, se dê precipuamente via consumo. Corroborando com isso, Bauman (2008) versa que a cultura de consumidores se particulariza justamente pela constante pressão para que o indivíduo mude, logo, longe de ser um apanágio, tal atividade se constitui como obrigação.

Rocha (2005) analisa essa questão de forma contundente, fazendo um contraponto da sociedade tradicional com a atual. A autora afirma que enquanto na sociedade tradicional, as Instituições já prescreviam as condições da existência, respondendo ao indivíduo no que ele deve acreditar, o que ele deve ser, os sentidos que deveriam ser atribuídos a questões como a morte, por exemplo; na sociedade de consumo não existe resposta única ou correta, pelo contrário ela nos indica centenas de respostas. Ela prossegue suas reflexões, afirmando que a partir do momento em que não se diz quem a pessoa é ou no que deve acreditar, ela está

sempre aberta e pronta a se construir via consumo. Assinala que uma pessoa pode, por exemplo, optar por uma religião ou um estilo de vida; pode ser homossexual, mulher ou negro; uma vez que tudo isso implica em consumir, cumprir sua função primordial (ROCHA, 2005). Ressalta-se aqui, o poder da produção de si, via atividade de consumir. A autora pontua, ainda, que o sujeito tido como uma construção social, para a Filosofia Contemporânea, despe-se de essência ou universalidade, e passar a ser concebido como um efeito ou produto de uma narrativa. Baseia-se em Foucault para a compreensão do sujeito como produto de práticas discursivas e aponta:

Produzidas historicamente, essas práticas são as condições de possibilidade do sujeito: constituir uma subjetividade é como criar um personagem numa narrativa, com base em estruturas que preexistem ao sujeito. Essas estruturas constituem tecnologias do eu - ou seja, formas de produção de subjetividade- que são as condições de possibilidade do sujeito (ROCHA, 2005, pp. 115).

Dessa forma, a autora compreende que o consumo e a cultura de massa desempenham o mesmo papel que outrora – nas sociedades tradicionais - era designado às Instituições, qual seja, a produção de subjetividades por meio de uma narrativa de si (ROCHA, 2005). Ainda embasada em Foucault, Rocha (2005) afirma que essa narrativa não exprime um ser anterior a ela (consumir não é expressar sua “essência”), mas constitui o sujeito e sua experiência no momento em que ele discursa sobre si. Trata-se, em suma, de utilizar-se do consumo como uma tecnologia do eu e da semiologia dos bens para a construção uma narrativa de si, que, em última instância, é uma construção do próprio sujeito.

Pondera-se, contudo, que com o aprofundamento do capitalismo de consumo, o sujeito-consumidor agora responsável pela construção de si acaba por, em algum momento, transformar a si mesmo em mercadoria (BAUMAN, 2008; LIPOVETSKY, 2007). Bauman (2008) chega a afirmar que na sociedade de consumidores não há possibilidade de se tornar sujeito, sem antes tornar-se mercadoria. Nem se pode manter sua subjetividade, sem que continuamente mantenha a si mesmo como uma mercadoria passível de ser comprada. O autor prossegue afirmando que talvez essa seja a característica mais significativa da nossa sociedade e ressalta que os sujeitos-consumidores se engajam na atividade de consumir para escrever a si mesmo como forma de sair da invisibilidade indistinta em que estão as demais mercadorias.

Silva (2006) baseado nas produções de Foucault alega que a mutação do capitalismo focado na produção para aquele centrado no consumo, coincide com a inserção de uma nova forma de controle que não substitui as disciplinas, mas as complementa, o biopoder. Se o

poder disciplinar com seus modos de individualizar, vigiar e punir corpos foi necessário ao bom desenvolvimento do capitalismo industrial, será o biopoder que exercerá função semelhante na consolidação do capitalismo de consumo, só que de modos diferentes.

O termo biopoder aparece primeiro na obra *História da Sexualidade: vontade de saber* e refere-se a um conjunto de estratégias utilizadas pelo poder com a finalidade de ampliar o controle sobre a vida em todos os âmbitos, aliando-se às práticas disciplinares que o antecederam, e ao discurso biológico (FOUCAULT, 1997). Segundo Foucault (1997) diferentemente do poder disciplinar, o poder nas sociedades de controle é mais sutil, uma vez que a norma é incorporada, tornando os dispositivos de controle invisíveis e consequentemente mais eficazes, o que permite sua invasão em todos os âmbitos da vida. O que se depreende de tal formulação é o fato de a sociedade de consumo ser muito mais imperativa do que repressiva, ou seja, o discurso sobre o consumo está sempre embasado em enunciados como “faça mais”, “seja mais”, “viva mais” o que remonta a um ser que age, mas sempre sob os moldes do consumo. Nesse sentido, Miranda (2005) reitera que a produção de subjetividade contemporânea está atrelada aos dispositivos capitalísticos, que a ação do poder na sociedade de controle é mais capilarizada e continua atendendo às demandas desse sistema econômico.

Destaca-se aqui a liberdade que se apregoa na contemporaneidade. Uma liberdade que é, primordialmente, de escolha, e embora haja autores que a tratem como liberdade legítima, os que aderem a uma perspectiva mais crítica do consumo, considera-a apenas como uma liberdade imposta pelo dever do sujeito a se individualizar, imposta por não haver a possibilidade de uma recusa à escolha ou ao processo de individualização (BAUMAN, 2008).

Rocha (2011) ressalta ainda, com base em Foucault, que a liberdade de que trata essa possibilidade de construção de si pelo consumo, é apenas uma forma de assujeitamento, dada a condição de dever que é instituir-se. A criação de si mesmo nessa perspectiva, é uma forma de assujeitamento por fazer com que o indivíduo se atribua um estilo pelo qual se reconhecerá e será reconhecido, categorizando-o e impondo-lhe uma lei de verdade (ROCHA, 2011). Severiano (1999) atenta para o fato da impossibilidade de estabelecer formas singulares de subjetivar-se, uma vez que essa autoconstrução se dá a partir das escolhas já predispostas disponibilizadas pelo mercado. Slater (2002), por sua vez, ratifica essa posição, ao apontar para as influências econômicas, sociais e da mídia que intervêm nas escolhas de consumo, e informa ser controversa a liberdade neste processo, por relativizar a racionalidade e soberania

do consumidor em face da sua passividade manipulável, haja vista o disperso mundo de significados simbólicos no qual se está inserido.

O consumo é elemento central na nossa sociedade, e, portanto, essencial às diferentes Instituições produtoras de subjetividades que a compõem – a escola, o trabalho, a família, o Estado, a mídia. As subjetividades são produzidas pela lógica introduzida pelo consumo, ao passo que são assujeitadas por esta mesma lógica.

4 O GÊNERO DO CONSUMO E O CONSUMO DE GÊNERO

Neste capítulo propõe-se refletir teoricamente sobre as concepções de gênero que conduziram este trabalho, bem como analisar subtemas que interseccionam as áreas conceituais do consumo e gênero e são relevantes para a discussão das questões levantadas por esta pesquisa.

4.1 Reflexões teóricas sobre o gênero

Uma das questões mais complexas para se trabalhar com o campo do gênero na Psicologia está no âmbito das suas definições e teorizações. Sendo assim, Sandra Azerêdo (2010) nos situa na trama dessa dificuldade em seu ensaio “Encrencas de gênero nas teorizações em Psicologia”. Uma das questões ressaltadas pela autora, é a barreira que se impõe ao tentar transpor o que chama de “domesticação acadêmica”, sua crítica incide principalmente na limitação em nos basearmos na literatura mais comumente usada de Joan Scott que informa o gênero como construção que dá significado às relações de poder, e nos atenta à importância de compreender como e em que circunstâncias o sujeito emerge do que a filósofa Judith Butler chama de “matriz generificada de relações”.

O entendimento sobre gênero de que partirá essa pesquisa estará baseado nas concepções da teoria *Queer* e da Filosofia pós-estruturalista. Conforme Louro (2001), as formulações sobre a construção discursiva da sexualidade por Michel Foucault foram essenciais para a formação da teoria *Queer*. O autor problematizou em suas obras o caráter normatizante dos modos de dominação sobre a produção das subjetividades humanas e um de seus focos foi sobre a sexualidade. Segundo Leitão (2008) o projeto foucaultiano visava debruçar-se sobre a produção teórica e analítica da sexualidade em sua vinculação com o poder. Foucault (2011) ocupa-se da mudança do *locus* de domínio da sexualidade, nas sociedades ocidentais, após o surgimento do estado-nação. Conforme o filósofo, com a pertença da sexualidade às ciências, a pretensão se torna descrever e explicar o sexo, na busca de uma verdade sobre ele, o que culmina com o estabelecimento de uma normativa heterossexual, uma vez que esta se funda sobre a lógica da reprodução. Nesse debruçar-se sobre o sexo, na sociedade moderna, deu-se a passagem da sexualidade do discurso moral para o discurso da racionalidade, atribuindo à ciência o papel disciplinador dos corpos. Dessa forma, tudo que anteriormente era considerado degenerescência, passa a ser avaliado pelas ciências, que por sua vez, instituíram as tecnologias do sexo que eram incumbidas de informar e classificar as sexualidades como normais ou anormais (FOUCAULT, 2011).

Conforme Louro (2001) a teoria *Queer* empreenderá, com base na genealogia foucaultiana, uma crítica às categorias de gênero estabelecidas a partir de uma lógica binária homem-mulher. Butler (2003), uma das principais precursoras da teoria *Queer*, irá abordar o binarismo lendo-o como um produto de práticas discursivas plurais que servem como regimes de poder e que têm no falocentrismo e na heterossexualidade o referencial para sua construção. Dessa forma, a autora entende o sexo como uma categoria normativa, que faz parte de uma prática regulatória que produz os corpos (BUTLER, 2003). O gênero também seria, nessa perspectiva, algo que produz e normatiza o masculino e feminino, e, por isso, Butler (2003) busca desconstruir, com suas teorizações, a distinção conceitual entre sexo e gênero precipitada pelo feminismo humanista. A autora acredita que desconstruir essa distinção é importante porque ela contribui para essencializar a concepção de gênero que, nessa perspectiva, seria uma decorrência do sexo. É por meio dessa discussão que a ela chega a problematização da concepção de sujeito que subjaz a política das teorias feministas, concebido como estável e centrado. Butler (2003) considera que não há identidades fixas, mas plurais e instáveis. Entendendo que dessa forma abrir-se-ia espaço para uma nova configuração política que capaz de fortalecer o movimento de gays, lésbicas e transgêneros.

Segundo Louro (2001) Butler insere, ainda, o conceito de performatividade, importante para entender que a linguagem que se refere aos corpos, não apenas o descreve, mas os constrói à medida que os nomeia, produzindo-os. Ressalta que esse processo de construção dos corpos e das subjetividades através da linguagem é limitado, pois não é o sujeito quem decide, e sim as normas que dispõem as possibilidades que ele atualiza (LOURO, 2001). Uma norma, como já foi dito, que reitera a heterossexualidade compulsória e que impõe o alinhamento sexo-gênero-desejo.

4.2 Consumo e a produção de gênero pela heteronorma

Tensionar a relação entre consumo e heteronormatividade implica em refletir sobre os modos como a lógica de mercado, em que a sociedade ocidental contemporânea está inserida, pode reproduzir formas normatizadas de gênero. A heteronormatividade, conforme esclarece Miskolci (2009) foi um termo cunhado em 1991, por Michael Werner, e designa um aglomerado de normas ou regras que embasam processos sociais de regulação e controle social, em que se privilegia a heterossexualidade. É por meio dela que a heterossexualidade é naturalizada, e supõe-se que todos e todas devam organizar suas vidas conforme este modelo “natural” e inteligível que alinha gênero, sexo e desejo. O sujeito contemporâneo forjado na sociedade de consumo, tende a se apropriar de símbolos da cultura material para assumir

determinados papéis. Esta apropriação realizada de forma “correta”, ou seja, de acordo com uma lógica normativa dominante, pode facilitar seu desempenho social. Isto posto, sabemos que o consumo pode servir como expressão/produção de gênero.

Apesar das fronteiras que definem as características identificadoras de gênero se apresentarem cada vez mais flexíveis, pelo próprio caráter da sociedade pós-moderna, persiste no imaginário da cultura de consumo uma estereotipia em relação aos signos que comunicam e constroem o masculino e o feminino. Ressalta-se que as definições de masculino e feminino são pensadas nesse trabalho da mesma forma como se pensa o gênero, na perspectiva de Judith Butler, enquanto dispositivos normatizadores que abrangem um conjunto de práticas reiteradas e mutáveis, definidas socialmente para homens e mulheres (categorias também fluidas, já que historicamente constituídas). Já nas ideias que circulam nos discursos sobre consumo e, principalmente, no consumo estético, como veremos mais adiante, esses conceitos se apresentam de forma essencialista, no sentido de que associam ao biologicismo e apresentam às mulheres - assim anatomicamente definidas - o que seria próprio do feminino, e aos homens - também definidos assim com base na anatomia - o que seria próprio do masculino. Isto é problemático porque desconsidera a fluidez dessas características, e restringe as possibilidades de um estar contido no outro, da mesma forma que impede de ultrapassar essas concepções binárias de gênero. Sobre a ideia de dicotomia binarista, Joan Scott (1995) nos lembra que a masculinidade é principalmente definida por repressão ao que é feminino, e é por esse motivo que se gera um conflito de oposição, ou seja, o masculino e feminino são tidos como opostos que podem conviver, mas não podem ser encontrados um no outro.

Para empreender essa discussão é necessário lançar mão do conceito de Indústria Cultural postulado pelos sociólogos alemães da Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer. Com esse conceito, a grosso modo, os autores denunciavam que a arte teria sido absorvida pelo mesmo modo de produção fabril pelas quais passavam as outras mercadorias, desta forma se apagaria o potencial crítico e de autonomia próprio das artes por elas se oporem a sociedade. Assim, não era possível confiar no poder de promover autonomia inerente à arte, visto que ela se mostrou muito facilmente assimilável pela lógica capitalista. O que houve foi uma mercantilização da cultura, e para isso ela se apresentava ao público de forma muito simplificada, explicada, esmiuçada transformando os espectadores em personagens passivos, consequentemente neutralizando seus potenciais críticos (ADORNO, T.W; HORKHEIMER, M., 1985).

Através do conceito acima explicitado, Lisboa, Silva e Rezende (2015) formulam que as indústrias culturais presentes na sociedade contemporânea se utilizam de variados artifícios para estabelecer uma espécie de pedagogização do indivíduo, no intuito de mantê-lo reafirmando seu lugar primeiro de consumidor. A simplificação promovida pela Indústria cultural nos aparece na publicidade - um dos meios pelos quais se difunde os discursos do consumo - por exemplo, como um privilegiamento pelos estereótipos. Lisboa, Silva e Rezende (2015) pontuam que na indústria cultural as questões de gênero são concebidas de forma, principalmente, dicotômicas e normativas, os autores analisam produtos midiáticos voltados para a infância onde essa hipótese fica bastante clara nas propagandas de brinquedos voltados para meninas e para meninos. É possível perceber, na mídia, como os brinquedos voltados para o público das meninas, estão sempre associados à casa, como pequenas imitações de eletrodomésticos ou em forma de bonecas, que são a própria imitação do bebê relacionando à menina ao espaço privado e à maternidade. Já os brinquedos em que o público são os meninos associa-se a produtos que traduzam aventuras, força, batalha como: flechas, carros, naves e super-heróis que têm uma função pública de acentuada importância.

Sobre isso, Keller e Araújo (2014) enunciam que os gêneros na sociedade de consumo ainda vêm sendo construídos e representados de formas fixas e reguladoras, o consumo atende e recria essa demanda por estereotípias, à medida que não abre espaço para formas menos hegemônicas de ser. Os autores reiteram que ainda predomina o padrão binário masculino/feminino marginalizando todas as outras possibilidades de fora desse sistema (KELLER, ARAÚJO, 2014).

Keller e Araújo (2014) alertam para a questão das escolhas clássicas do azul e rosa, respectivamente, traduzidas como cor de menino e cor de menina, desde o nascimento, para exemplificar como o poder de coerção do consumo atua definindo um código de conduta para o um corpo compreendido como feminino ou masculino. Esses autores compreendem que o consumo funciona, nesses termos, como uma tecnologia social de normatização. As práticas de consumo normatizadas geram hierarquização, pois atendem a uma hegemonia estabelecendo que aqueles que enquadram - e se utilizam dos signos normativos considerados “corretos”- estejam em posição superior à daqueles que não se enquadram na estereotípias generificantes da indústria cultural. No caso do gênero, o correto está sempre ligado à construção sexual do corpo, que conforme já foi denunciado por Butler (2008), nada mais é que uma norma de regulação destes, norma que produz o corpo que governa.

Ainda conforme Keller e Araújo (2014) para que haja o rompimento desta lógica que exclui e marginaliza subjetividades que não se enquadrem nos polos binários de gênero (homem/mulher), seria necessário desmistificar as relações corpo e gênero, bem como tornar visíveis as práticas reguladoras do consumo.

Manzini e Manzini (2015) refletem que o sujeito nesse contexto é consumidor, não tem gênero, ele é moldável e rotulável; contudo o consumo está sempre agindo a favor do encontro com o definível e com a construção de si (sempre mutável e maleável). Desse modo o consumo para diferenciar-se opera no humano, impelindo-o a colecionar objetos que o identifiquem. É aqui que os discursos sobre o consumo tomam a categoria do gênero para promover diferenças entre os grupos de consumidores. Para os autores, o mercado iguala ou diferencia os gêneros conforme o beneficie economicamente, enquanto os sujeitos seguem em sua busca por gênero nas lojas e vitrines. Os consumidores dividem e classificam as mercadorias e ao mesmo tempo são submetidos à classificação, divisão e rotulação que elas conferem; entre essas classificações estão as generificadoras. Sobre isso afirmam: “Os sujeitos e sua relação com o objeto incorporam-se em uma rede discursiva para os gêneros, seus imperativos, seus signos, suas características, sua estilística. Gênero é um bem e uma categoria consumível, além de uma gama de processos e conteúdos subjetivos (MANZINI, MANZINI, 2015, pp.194).”

Mas, por que motivo interessa a produção de estereótipos e modelos? A análise que Baudrillard (1995) faz sobre a diferença no sistema de consumo pode nos ajudar a entender melhor a discussão aqui levantada. O autor revela que a publicidade possui significações não pessoais, mas diferenciais necessitando do que ele chama de produção industrial das diferenças. A questão é que as diferenças reais que marcam as pessoas fazem delas seres contraditórios, já as diferenças produzidas não opõem os indivíduos, elas se hierarquizam e convergem para modelos. As pessoas adotarão esses modelos e renunciarão às diferenças reais, à própria singularidade, já que esta só é obtida no conflito com os outros. Aqui o processo de consumo é regido pelo monopólio das diferenças, e se é possível monopolizar diferenças é só porque elas já não existem na realidade. Essas diferenças não são singularidade, apenas expressam obediência a um código. Torna-se homogêneas pessoas e produtos sob a promessa de diferenciá-los, tal como é feito com os bens. Não é difícil deduzir que aquelas pessoas que não se submetem aos modelos ou reafirmam singularidades estão em conflito com o sistema monopolista, assinalando aqui as subjetividades não-binárias.

Manzini e Manzini (2015), dissertam ainda que produtos e serviços se proliferam tomando a categoria do gênero como forma de diferenciação e apontam a escola como instituição crucial para o rompimento com certas marginalizações cujo compromisso deveria ser na direção da redução de desigualdades, da promoção de cidadania e paz e de uma ética sustentável. Em síntese, a escola caberia a qualificação do indivíduo para traçar pontos de escape à norma. Entretanto os autores ressaltam que: “as escolas e seus agentes estão precariamente equipados com narrativas e possibilidades para realizarem o furo na norma, sem dispositivos discursivos e estéticos para questionar e singularizar as formas de resistência (MANZINI, MANZINI, 2015, pp.194).” No caso específico da questão trans, Torres e Vieira (2015) em pesquisa que buscava compreender a experiência das travestis no contexto escolar, constataram uma dupla tendência da escola no que concerne ao atendimento de subjetividades marginalizadas. Para as autoras, a escola pode atuar tanto enquanto espaço de reprodução de violências, quanto pode servir como acolhimento e inserção. Elas assinalam a necessidade de investir poder na instituição escolar a partir do aumento de recursos humanos com capacitação específica para questões de gênero, ampliação de recursos em materiais didáticos e de informação e sensibilização, bem como a aproximação da escola com Instituições que envolvem a rede de amparo como Ongs, serviços públicos direcionados, movimentos sociais, espaço acadêmico, tudo isso com o intuito de fortalecer o apoio e favorecer a construção de políticas públicas.

Atribuir gênero ao consumo a partir de uma lógica binária e heteronormativa, como já foi dito, é excludente e marginaliza as subjetividades que não se enquadram na cisnorma, além disso, invisibiliza essas subjetividades. Keller e Araújo (2014) analisam que não promover um consumo focado em não-binarismos pode ser entendido pelo que os autores chamaram de “silêncios articulados”, o que faz considerável sentido quando verificamos que todo arranjo social é pensado sob a égide de exclusão das subjetividades não-hegemônicas. Outro ponto extremamente pertinente levantado pelos autores indica que o invisibilizar é, ao mesmo tempo, revelar sua inadequação, e que pode ser entendido como uma forma de penalização por não se submeterem.

Ocorre que para além de uma heteronormatização do consumo e binarismo na produção de gênero no mercado, há ainda uma hierarquização derivada do sistema patriarcal que subjuga mulheres, pois antes de mais nada o consumo normatizado delimita bem os lugares sociais e políticos que cada um dos polos do binarismo vai ocupar. Almeida (2002) realizou uma pesquisa que revela que o meio publicitário continua realizando a associação:

espaço doméstico, mulher e consumo, pois tende a se apropriar do que é historicamente consensual ao escolher o público para o qual voltar as suas informações. Aos homens, por sua vez, são resguardados produtos que levem os significantes de coragem, competição, inteligência, trabalho (PISA, 2016).

Perpetuar no mercado essas estereotípias, não apenas tolhe os direitos de inclusão e pertença de pessoas transgêneras, como produz, reproduz e propaga a subordinação feminina impedindo que todo aquele que se apropria do feminino tenham acesso a igualdade de oportunidades, que possam ocupar lugares de poder e visibilidade, possibilitando o deslocamento da subalternidade. No que se refere às subjetividades das mulheres trans trata-se de incomensurável dano, pois são duplamente atingidas por esta ideologia hegemônica, uma vez que ocupam o “lado fraco” da dicotomia: o feminino, sobre o qual refletir-se-á a seguir.

4.3 A “arte de se fazer pequena”: estética feminina, corpo e consumo

O consumo estético é ainda mais potente na finalidade de reiterar e reproduzir as concepções binárias de gênero, isso porque passa pelo corpo e é por meio dele que se constrói sujeitos pautados, primordialmente, pela distinção inequívoca dos signos que referenciam o masculino e o feminino. A compreensão sobre o que se designa como o feminino e o masculino dos discursos do consumo estético, se amparam nos conceitos afins de feminilidade e masculinidade, ideias que se tornam muito caras para os fins deste tipo de consumo.

As categorias feminilidade e de masculinidade - como conjunto de atributos que se adequam ao feminino e ao masculino - aparecem nos discursos do consumo, em sua maioria, ainda sob formas estanques, sendo a masculinidade destinada, invariavelmente, ao homem (assim biologicamente designado) e a feminilidade destinada às mulheres (também assim designadas pelo ponto de vista anátomo-biológico).

É claro, que o mercado de consumo também vai lidar com essas categorias de modo a flexibilizar as características de um e outro quando lhe for conveniente; atribuindo, por exemplo, sensibilidade a um produto masculino, quando esse signo é estereotipadamente atrelado ao feminino. Goldenberg (2002) aponta essa tendência a uma certa flexibilização, embora ressalte a predominância da representação de papéis. Ora, lidar com as estereotípias ainda parece ser a opção mais rentável para o mercado estético; Grohmann (2009) traz um dado interessante sobre essa questão, pois, verificou que as avaliações dos consumidores sobre produtos de uma marca tendiam a ser melhores quanto mais correspondiam à identidade

de gênero do comprador, logo, deduziu que generificar a mercadoria parece estabelecer uma conexão com a personalidade de quem a estar consumindo.

Louro (2011), entretanto, afirma que a partir da lógica da desconstrução binária é possível pensar em formas de feminilidades e masculinidades diversas, e assim aponta para o caráter de construção (localizada socialmente e temporalmente na história) que perpassa os construtos de masculino e feminino. Portanto, devemos pensar nas feminilidades e masculinidades de forma plural, pois nesta visão não mantêm correspondência com biologicismos, como versam algumas correntes teóricas. Nesse sentido, postula que os discursos, práticas e simbolismos que constroem as masculinidades e feminilidades que são sempre mutáveis e passíveis de transformações. Assim como pensar na construção do gênero remete à sua desconstrução, pensar nas questões de feminilidade e nas suas formas, de maneira crítica, remontam à desconstrução de sua naturalização. Em consonância com essa perspectiva, trabalhamos, durante a pesquisa, com as maneiras pelas quais as mulheres trans participantes compreendiam as feminilidades e suas relações com o consumo estético.

4.3.1 O corpo contemporâneo

Para empreender uma discussão a respeito do consumo estético, e especialmente do consumo estético por mulheres trans que, muitas vezes, envolve significativas intervenções corporais, é imprescindível explicitar alguns pontos sobre como o corpo passou a ser compreendido na sociedade de consumo.

Decerto, há uma diversidade de estudos e formas de abordagem sobre o corpo na atualidade. Tratar-se-á aqui, especificamente, dessas concepções na cultura ocidental contemporânea. Convém traçar um breve panorama dessas visões, historicamente, a fim de melhor situar o modo como chegamos à nossa compreensão contemporânea do corpo.

Pelegri (2004) traz que o corpo no berço civilizatório ocidental era primordial para consolidação das relações sociais. Destaca o papel das competições esportivas, na sociedade grega pré-socrática, como importantes atividades em que o corpo se colocava como instrumento civilizador. Entretanto, transformações na estrutura social da época, privilegiaram o trabalho e o pensamento individual, e com isso, levaram a mudanças também na forma de conceber o corpo. As qualidades antes importantes para o coletivismo, já não respondiam às demandas da nova forma de organização. Surgiu, portanto o pensamento dicotômico sobre o ser, dividindo-o em corpo e mente. Le Breton (2007) informa que se instituiu o “ódio ao corpo”, uma vez que ele passa a ser visto por Platão como tumulto da alma, o teórico pontua

ainda que algumas doutrinas gnósticas acentuaram essa aversão. A medida que se exalta a alma, o corpo é torna-se indigno, um aprisionador desta alma; a expressão do mal uma vez, que envelhece e se degrada, está sujeito à morte e à doença.

Já na Idade Média, o corpo foi tolhido pela moral cristã que impedia qualquer prática de culto a ele; características próprias das relações feudais levavam a presença corporal a ter um importante poder, as próprias funções sociais eram distribuídas levando em consideração as características físicas do indivíduo. A visão dual corpo-alma foi reforçada, sendo o corpo visto como pecaminoso (PELEGRINI,2004; CASSIMIRO, GALDINO E SÁ, 2012).

Para Cassimiro, Galdino e Sá (2012) O corpo da modernidade é forjado por uma revolução industrial que modifica radicalmente as formas de trabalho e de divisão deste, bem como pelo movimento renascentista. Pela mudança na forma de trabalho o corpo foi oprimido e manipulado. A partir desse período o corpo passa a ser concebido enquanto corpo-máquina e, dessa forma, precisavam ser disciplinados e docilizados como denuncia Foucault (2005) com sua concepção de poder disciplinar.

A contemporaneidade acentua, portanto, algumas características modernas como o individualismo que se radicaliza e se impõe ao modo como se concebe e lida com o corpo, nesse tempo histórico. Le Breton (2007) coloca que o corpo humano é inventado (para outros autores, “redescoberto”) a partir do momento em que é isolado do homem, para ele criação do indivíduo é concomitante à criação do corpo. Diversas disciplinas científicas se propõem a lidar com o corpo, ele é esvaziado e passa a ser pensado como “suporte da pessoa” (LE BRETON, 2007).

De acordo com Marques (2012),o corpo contemporâneo é também fragmentado, ele carrega consigo a fragmentação própria da sociedade contemporânea, a perda da noção do todo, e isso o leva a ficar vulnerável à ação de outros, à sujeição ao poder exercido por terceiros ou pelo próprio sujeito. O autor ressalta, ainda, que esse caráter fragmentário é utilizado, pela sociedade centrada no consumo massivo, como forma de capturar a pessoa pelas promessas que ela oferece, de beleza, de mudança, aceitação, entre outros.

Baudrillard (1995) traz a ideia de que na sociedade de consumo o corpo é o mais belo objeto de consumo, aponta que por muito tempo se fez necessário ocultá-lo, convencendo as pessoas de que elas não o tinham; atualmente faz-se o esforço contrário. Ele traz a discussão de que o modo de organização em relação ao corpo reflete a maneira de organização em relação às coisas em determinada cultura. Assim, as atuais estruturas envolvem o que ele

chama de dupla prática: o corpo como capital e o corpo como feitiço, e nos dois casos o corpo não é negado como fora feito anteriormente, mas pede-se que se invista nele, psíquica e economicamente (BAUDRILLARD, 1995).

As concepções em torno do corpo contemporâneo estão muito atreladas ao que ele deve parecer, e a como ele deve ser moldado. É este que interessa às relações em uma sociedade em que predomina o consumo massivo. Mauron e Vieira (2008) apontam que o corpo está atravessado pelas mudanças na técnica e na tecnologia e exterioriza o interior da sociedade. Dessa forma, a velocidade de informações, imagens e signos presentes na contemporaneidade vão se objetivar na forma como se lida com ele.

Por meio das leituras apresentadas concernentes ao corpo contemporâneo, percebe-se que este é concebido, primordialmente, como corpo mercadoria e corpo consumidor que se atrelam ao consumo para se inventar e reinventar continuamente. O consumo estético é essencial nesse processo, pois os ideais de beleza, saúde e sucesso são norteadores da construção desse corpo via consumo.

Parece que a própria aceção do corpo na atualidade está ligada à estética. A medida que se compreende o corpo enquanto objeto manipulável, a forma como este corpo se apresenta ao outro torna-se imprescindível para as relações e experiências de si.

O consumo de serviços e produtos estéticos tornou-se fundamental, Baudrillard (1995) afirma que contemporaneamente, a experiência de reapropriação do corpo é feita de acordo com o princípio normativo do prazer e segundo a lógica apregoada pelo código de conduta da sociedade de produção e consumo. Há uma manipulação do corpo como patrimônio, da mesma forma que se manipula qualquer dos significantes de estatuto social. Para o autor, o corpo que deixa de ser sagrado como era na visão religiosa, e, igualmente, deixa de ser força de trabalho como na indústria; tornando-se, agora, objeto de culto narcisista, indica a beleza e o erotismo como dois grandes motores que estabelecem a nova ética do corpo (BAUDRILLARD, 1995). Já para Le Breton (2006), o corpo torna-se central também em decorrência de um desinvestimento nos sistemas sociais de construção e partilha de sentidos, e, portanto, voltar-se para si surge como alternativa para dirimir a incerteza e buscar limites simbólicos perto de si mesmo.

Como afirma o autor, a maleabilidade e a plasticidade do corpo preponderaram, ao passo que a manipulação simbólica, o conhecimento e os serviços à disposição dos indivíduos aumentaram consideravelmente. O teórico faz uma analogia do corpo a um *gadget*, o corpo

deixa de ser apenas a determinação de uma identidade, mas torna-se uma construção, um objeto transitório e manipulável, tal qual os aparelhos eletrônicos. Ele deixa de ser uma identidade de si para ser uma soma de partes destacáveis a disposição do indivíduo que o tem como peça para afirmação pessoal. O autor ressalta que as diversas tecnologias disponíveis como psicotrópicos para o humor, cirurgias plásticas, hormônios, dietas, body art são expressões da lógica que transmuta o corpo em material disponível a um indivíduo que deseja criar sobre ele. Le Breton (2005) evidencia com isso, a forma como esses comportamentos desprendem corpo e sujeito, e apresenta o corpo como mero suporte de identidade escolhida, momentânea e efêmera, uma vez que pode e deve ser revogada a qualquer tempo, para atender a fluidez do mercado de consumo. É sustentado nisso que o autor trata do conceito de “corpo-acessório” e com ele descortina os motivos centrais para que o corpo seja tão fluido e flexível quanto as características do consumo contemporâneo. Le Breton (2007) designa de “corpo-acessório” aquele que é transformado em emblema do self.

Os imperativos de beleza, juventude e saúde em voga em nossa sociedade, se mostram como ideais utópicos para identidades sempre abertas, inacabadas e insatisfeitas. Portanto, são as grandes motivações para o consumo estético que modela e remodela o corpo em permanente construção, assim como a própria identidade do indivíduo. Com afirma Dantas (2011) o culto ao corpo é alimentado pela crença de obtenção de sucesso futuro; a atenção ao corpo tornou-se, portanto, um direito e um dever. Para a autora, o sentimento de impotência gerado pelo desejo de alcançar esses ideais provoca ansiedade, que é abarcada pelo mercado com a promessa de apaziguá-la através de mais consumo; ato que apenas a reforça. O mercado, então, estimula e reforça uma ansiedade que ele mesmo promete dirimir (DANTAS, 2011).

Um outro elemento importante que compõe o consumo estético, estando imbricado a ele, é o discurso médico contemporâneo. Muitas vezes não se consegue distinguir onde começa um e termina o outro. Discursos de saúde e beleza estão interligados. Foucault (2005) afirma que o corpo é uma realidade biopolítica, que o investimento do poder no corpo passou de uma forma de controle-repressão para uma forma de controle-estimulação. Há dessa forma, uma instigação da sociedade pela assunção de um estilo de vida “saudável”, que é ao mesmo tempo associado a uma determinada estética saudável, como a magreza, o físico atlético. Conforme pontua Mendes (2006), com base em concepções foucaultianas, o sujeito é chamado a seu próprio governo através dos discursos sobre o corpo saudável que disseminam

medo e culpa, sempre mostrando as consequências negativas de não se atender aos clamores do discurso saudável.

É fato, pontuado por alguns autores, que a questão que envolve o corpo feminino é idiossincrática no que se refere a suas relações com o consumo (BAUDRILLARD, 1995; LE BRETON, 2006). Pontua-se que o papel reservado à mulher e seu corpo é vínculo com a beleza (BAUDRILLARD, 1995). Dessa forma passemos à análise de como se dá essa construção do feminino nos corpos e as peculiaridades que a envolve

4.3.2 Consumo estético e regulação do corpo feminino

Assim como foi dito sobre o mercado de consumo como um todo, aquele que se volta para a estética, majoritariamente, também ratifica as relações desiguais de gênero do patriarcado. Jesus, Scherere Ferreira(2012) asseveram que consumo de estética voltado para inscrição do feminino nos corpos, pode ser (e tem sido) ainda mais tirânico por direcionar-se para a parcela oprimida do sistema dicotômico sexo-gênero, informando um corpo que é ideologicamente construído para a subserviência. Esta questão ultrapassa as mulheres ⁸cisgêneras, mas abrange todas as subjetividades que se posicionam no lado feminino do sistema binário, ou seja, também alcança as mulheres trans e as travestis.

O discurso hegemônico de gênero auxiliou, historicamente, a manter os corpos associados a funções públicas e condutas que eram esperadas para o seu corpo biológico informando uma manutenção da associação sexo-gênero-desejo. Criou-se, portanto, o conceito de papéis femininos e masculinos, primordialmente legitimadores de desigualdades. As definições que encontramos na sociedade contemporânea ocidental, sobre as classificações do que seja de cunho feminino ou masculino, apesar de toda transformação sofrida nos últimos tempos, ainda se baseiam nas definições de funções forjadas no âmbito da família, logo naturalizam os lugares do homem, como de chefe de família e autoridade; e da mulher, como cuidadora do lar e mãe.

Vilhena, Medeiros e Novaes (2005) atentam para o fato da associação entre feminilidade e beleza ser historicamente constituída e que, contemporaneamente, o embelezamento feminino por meio de artifícios é praticamente imperativo, enquanto a valorização da imagem masculina é associada a outros fatores como conquistas sociais e econômicas. Deste modo, vê-se que o feminino é muito mais capturado (e produzido) pelo

⁸Cisgêneras ou apenas “cis” é como são chamadas as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento (JESUS, 2012).

consumo estético que o masculino. Os autores complementam essa hipótese afirmando que, embora a estética normalizadora e o ideal do corpo belo se estenda a toda sociedade, a beleza feminina é tida como ícone e o corpo feminino é objeto de maior regulação social. Wolf (1994) explica que isso se deve ao fato da mulher ter se libertado do que ela designa de “mística da domesticidade”, o vazio por ela deixado acaba por ser preenchido pelo mito da beleza, assumindo a tarefa anteriormente exercida por essa mística, ou seja, o controle social. Ela acrescenta que quanto mais significativas foram as conquistas das mulheres por emancipação, mais rígidas se tornavam as normas estéticas. Sobre isso a autora reflete:

A reação contemporânea é tão violenta, porque a ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar. Ela procura neste instante destruir psicologicamente, às ocultas, tudo de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres material e publicamente (WOLF, 1994, pp. 13)

Essa normalização imposta atende a demandas por uma performance tida como feminina, como trazem Vilhena, Medeiros e Novaes (2005) que busca, por exemplo, um comedimento do corpo feminino, traduzido em: delicadeza, comportamento polido, gestual refletido. Constata-se aqui a performatividade de gênero da qual nos fala Butler (2008) afirmando que o gênero se constrói através da repetição sistemática de gestos, atos e expressões que acentuam uma determinada construção de feminino.

Bourdieu (2000) em sua obra “a dominação masculina”, alega que a feminilidade se dá pela “arte de fazer pequena”, ou seja, ressalta o pouco espaço que se espera que o feminino ocupe. As expectativas em relação à mulher têm a ver com contenção, as distinções a respeito de feminino e masculino reproduzem a violência simbólica que se presta a manter a ordem das coisas e são tidas como “normais” obtendo assim o consentimento dos próprios dominados. O autor informa que características das diferenças anatômicas passaram a ser fundantes e dirigirem a ordem social; se a dominação se perpetua é porque, dentre outras coisas, as mulheres incorporaram o *habitus* dominado. Sobre a postura de submissão feminina, o autor afirma:

Revela-se em alguns imperativos: sorrir, baixar os olhos, aceitar as interrupções etc.... Nancy M. Henley mostra como se ensina às mulheres ocupar o espaço, caminhar e adotar posições corporais convenientes(...) com as costas a serem mantidas retas, com as pernas que não devem ser afastadas etc. e tantas outras posturas que estão carregadas de uma significação moral (sentar de pernas abertas é vulgar, ter barriga é prova de falta de vontade etc.) Como se a feminilidade se

medisse pela arte de "se fazer pequena" (o feminino, em berbere, vem sempre em diminutivo), mantendo as mulheres encerradas em uma espécie de cerco invisível (do qual o véu não é mais que a manifestação visível), limitando o território deixado aos movimentos e aos deslocamentos de seu corpo — enquanto os homens tomam maior lugar com seu corpo, sobretudo em lugares públicos. (BORDIEU,2000, pp 39-40)

O autor prossegue sua análise em relação às roupas e acessórios utilizados pelas mulheres, designando tais produções estéticas como um tipo de “confinamento simbólico”, já que poda e restringe os movimentos femininos chamando as mulheres à ordem sem sequer precisar explicitar tal proibição, além de dissimular seus corpos isso ressalta as funções dessas peças (o vestido justo, o salto alto) que não encorajam movimentos mais bruscos como correr, por exemplo, se abaixar. Apesar de, atualmente, não ser exigido explicitamente o uso de certas roupas, o ideal de gestual a elas atrelados continuam persistindo; e posições relaxadas como as que alguns homens usam para se afirmarem e demonstrarem poder ainda não podem ser pensadas para mulheres. O autor propõe ainda que o que se pede do homem está voltado à postura de dominação, ou seja, virilidade, força e proporções grandes (tal como o tamanho do pênis ou do tórax); já das mulheres é esperado delicadeza e submissão.

Baudrillard (1995) revela que no processo de sacralização do corpo enquanto valor, beleza e erotismo se transformam em elementos cruciais. O que ele denomina como nova ética da relação ao corpo diferencia-se para o polo feminino e para o masculino, sendo que no feminino é priorizado onde a boa estética revela-se como um imperativo absoluto para as mulheres. Para o autor a mulher historicamente foi confundida com a sexualidade, tanto a mulher quanto o corpo foram recalcados e relegados à servidão, assim também a emancipação feminina e a libertação do corpo foram simultâneas e interconectadas ocorrendo que nunca se dissociou a mulher do corpo e conseqüentemente da servidão ao erotismo.

Além da questão das peças do vestuário feminino que se ligam ao corpo, proporcionando a identificação da pessoa e atrelando signos a ela, coloca-se como importante a questões da propagação de padrões estéticos. Apesar do consumo ter se reinventado para incorporar ao seu bojo modelos mais plurais de estética, capturando-as, ainda há uma predominância por certos padrões corporais de beleza. Isso porque como, já discutimos, a adoção de modelos e estereotípias têm suas funções na Indústria Cultural. Goldenberg (2005) analisou a construção social do corpo de homens e mulheres da classe média do Rio de Janeiro e constatou que estes mantinham em seu imaginário padrões inalcançáveis de feminilidade e masculinidade. No caso das mulheres, os corpos desejados eram referenciados

nas modelos em geral altas, magras e loiras. Conforme a autora, o antropólogo Gilberto Freyre no início da década de 80 já denunciava uma tendência a norte-europeizantes das concepções de beleza entre as brasileiras. Isso apenas acentuou-se conforme a passagem das décadas, deste momento para os tempos atuais.

Decerto há um ideal ascético nos padrões estéticos femininos contemporâneos, Goldenberg (2005) cita a importância da representação do corpo “sem marcas”, ou seja, rugas, celulites, estrias e sem excessos, como flacidez e gordura. Baudrillard (1995) também fala da importância que se atribui à magreza na sociedade de consumo, o autor pontua que a pulsão agressiva direcionada ao corpo, e que foi libertada junto com ele, revela-se na ascese alimentar uma vez que está ligada aos rituais de ascetismo e purificação pelo jejum das sociedades tradicionais. Sem Instituições para os rituais, a pulsão volta-se para o corpo e sua auto repressão relacionada ao alimento.

Wolf (1994) também revela que a busca pelo corpo ideal se justifica pelo arquétipo de felicidade exposta pela mídia, relacionando a beleza com riqueza, felicidade e sedução; o que é caro às mulheres dado o erotismo subjacente a sua figura, conforme discutiu-se. Visando ao alcance desse protótipo dispõe-se de uma infinidade de intervenções proporcionadas pela tecnologia que investe no corpo, a serviço da expansão ilimitada do mercado (Trinca, 2008).

Se os ideais de beleza alcançam homens e mulheres, não o fazem da mesma forma, muito menos com o mesmo peso; sobre isso Novaes e Vilhena (2003), pautados nas formulações de Del Priore, refletem que enquanto o “homem público” está associado a um dever social; a mulher pública é associada à sua aparência, ressaltando-se ainda que a própria expressão “mulher-pública” já tem uma conotação dúbia e negativa no senso comum. Basta notar as entrevistas em atrizes e atores em grandes premiações, enquanto aos homens são feitas perguntas relativas a questões profissionais; às atrizes questiona-se principalmente sobre a sua produção estética.

Verifica-se, portanto, que a padronização estética feminina serve a uma denominada estrutura de poder, estrutura essa que é forjada numa sociedade cuja atividade de consumo permeia e atravessa as relações do ser consigo mesmo, com os outros e com os objetos. Para as mulheres, de forma geral, o conceito estereotipado de feminilidade aliado à estética e ao consumo trabalha de forma a manter os sujeitos que dela se servem na subordinação. Desse modo cabe-nos indagar quais idiosincrasias destas questões perpassam as subjetividades das mulheres trans, ou seja, quais particularidades atravessam suas experiências.

4.4 Transexualidades femininas, corpos e consumo estético

Discutir transexualidades apresenta-se como um empreendimento complexo considerando que são fenômenos que desafiam o instituído, por subverter a lógica vigente do sistema sexo-gênero, da cisnormatividade e da heteronormatividade compulsória. Complexo, também, por envolver não apenas questões de ordem conceitual como as perspectivas de gênero e sexualidade que podem servir para pensá-los, mas por se inserirem em um campo político de tensões.

Aran (2006) traz a seguinte definição à discussão: “a transexualidade é considerada um fenômeno complexo. Em linhas gerais, caracteriza-se pelo sentimento intenso de não-pertencimento ao sexo anatômico, sem a manifestação de distúrbios delirantes e sem bases orgânicas (como o hermafroditismo ou qualquer outra anomalia endócrina)” (ARAN, 2006, pp. 50). Entretanto, essa formulação, segundo ela, envolve dois dispositivos⁹ um seria as tecnologias de transformação do corpo e outro o conceito de “identidade de gênero” como dissociada do sexo. De acordo com Aran (2006), esse tipo de definição foi problematizada por Foucault e Butler; o primeiro denunciou que o conceito de sexo só poderia ser entendido a partir da compreensão de toda matriz de saber-poder no qual foi gerado – preconizando que o sexo é uma construção localizada historicamente; já Butler propõe pensar sobre as normas que materializam as normas sexo-gênero e assim, desmistifica essa dualidade informando o gênero como um efeito performático que só se sustenta pela reiteração contínua da normas (ARAN, 2006). O que a autora nos faz pensar é que a problemática da transexualidade está inserida em uma lógica que traz imbricações políticas com múltiplas consequências tal como a patologização. A respeito disso Patrícia Leitão (2008) afirma que:

Diferenciações categóricas procuram estabelecer uma lógica para o sistema sexo-gênero, a partir da utilização de um discurso fundamentado em oposições binárias que pouco ou quase nada traduzem a multiplicidade das identificações sexuais e de gênero (LEITÃO, 2008, pp. 74).

Assim, abordaremos a referida categoria, optando por não definir, encerrando-a em um conceito fechado ou estabelecendo um único modo de ser trans. Adotaremos a autoidentificação das mulheres trans como critério que pode desestabilizar as concepções

⁹Segundo Foucault: “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 2000, p. 244).” Dispositivos são instrumentos utilizados para regulação.

estagnadas sobre a transexualidade, o feminino e o masculino, e respeitando o caráter político da autonomia do sujeito em nomear a si mesmo.

Historicamente as subjetividades trans, à margem dos padrões estabelecidos, vêm sofrendo o processo de patologização pelas ciências que se apropriaram das questões de gênero e sexualidade, predominantemente a Medicina e as ciências Psi (Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise). Arán, Zaidhaft e Murta (2008) apontam para o fato de que, embora cada uma delas construa um esquema explicativo específico, todas concordam que há desarmonia entre sexo e gênero. Os/as autores/as explicam que essas concepções partem do pressuposto de que sexo é algo inerente ao corpo orgânico, enquanto o gênero é construído socialmente. É uma leitura importante, mas, fundada em uma matriz de binária heterossexual que serve como sistema regulador e se torna problemática por não abarcar a experiência transexual (ARÁN, Zaidhaft e Murta, 2008). Conforme versa Butler (2003) o sexo age como um mecanismo de poder para criar uma ilusão de estabilidade, onde o sexo se desdobra em gênero e vice-versa, pois também é produzido discursivamente, sendo o gênero o próprio meio discursivo pelo qual o sexo é naturalizado. A autora defende que a linguagem que se reporta aos sexos não só constata como os fabrica. Desta forma, ter o sexo como natural é isentá-lo de todo seu caráter político, tomando-o por neutro; ora Foucault já afirmara que o dispositivo da sexualidade não poderia ser compreendido fora dos mecanismos de poder-saber a ele inerente.

É importante ressaltar ainda que os significados atribuídos a essas subjetividades mudaram ao longo do tempo e qualquer conceituação possível deve considerar o caráter histórico, social e cultural que ela implica. Laqueur (2001) em sua obra *Inventando o sexo* ilustra bem essas mudanças de concepções de acordo com o tempo, em que nem sempre tiveram uma conotação de anormalidade, como contemporaneamente. O que o autor faz é desconstruir a concepção naturalizada que temos hoje sobre sexo e gênero, impondo um caráter situacional ao sexo. Ele informa que até o período pré-iluminista, entretanto, não havia a distinção de dois sexos distintos marcados por diferenças inatas e perenes, como atualmente. Vogava o modelo do sexo único que via a mulher como um “homem imperfeito”, os órgãos não eram diferenciados, acreditava-se que o que entendemos hoje por mulher era uma variação do homem, com órgãos que não afluíam (não se colocavam para fora) porque faltava certa medida de “calor vital”. Esse modelo teve seus alicerces fundados na Filosofia Aristotélica. O teórico revela que a nossa concepção de diferença entre os sexos só surge a partir do século XVIII, por interesses políticos que encontraram no sexo biológico a

justificativa necessária para a manutenção do patriarcado. Desse modo, o que o autor esclarece é que a ciência surge à serviço da cultura com o objetivo de fundamentar o lugar subalterno, desmistificando que o modelo atual de dois sexos teria sido mero produto de revolução científica, pois pensar assim seria negar todo aspecto político de uma revolução que foi, primordialmente, epistemológica e que remontava às lutas pelo poder e por posição na esfera pública, à época da revolução francesa. A anormalidade sobre os gêneros só é possível por ser fundada a partir da concepção binária sobre os sexos, que baseia a diferença entre os sexos de fora ontológica, naturalizada e essencializada, e horizontal, a partir da redefinição do lugar da mulher com seu corpo reprodutivo.

Seguindo a perspectiva de análise historicizada, Foucault (2011) nos revela, que é também a partir do século XVIII e da necessidade de controle sobre os corpos que o discurso das ciências coloca algumas subjetividades como desviantes ou anormais. Para ele era como se as sociedades ocidentais estivesse se submetido ao imperialismo das ciências sexuais, e busca determinar de que forma o regime poder-saber sustenta o seu discurso sobre a sexualidade humana. É como se a partir do momento histórico citado não houvesse mais a simples repressão do sexo, mas uma sofisticação dos discursos que ao invés de repreender, passou a administrar o sexo, essa “vontade de saber sobre o sexo” se traduz em uma forma de dar suporte ao poder. Entende-se a sexualidade como um dispositivo que produz aquilo que nomeiam. A mulher continua subalterna, sob outros discursos; o corpo da criança sofre uma pedagogização que culmina com uma disciplinarização da vida escolar e por fim, a sexualidade, que é importante instrumento de poder por cuidar da reprodução e estar em uma intersecção entre indivíduo e sociedade, se torna reguladora e disciplinadora. É por meio do dispositivo da sexualidade que poder-se-á, a partir de então se criar a teoria da degenerescência, que agrupa todas as práticas sexuais não reprodutivas e cria as aberrações, uma vez que a homossexualidade é estabelecida como padrão.

Silva (2008) nos lembra que a discussão atual em torno das subjetividades trans estão dentro de um modelo instrumental que deduz uma linearidade entre sexualidade, afetividade, corpo e gênero e as posiciona sempre de acordo com uma dicotomia, que, por sua vez leva, à exclusão. Ao transitarem nas fronteiras, esses sujeitos abjetos – que escapam à cisnorma – subvertem as instâncias disciplinadoras utilizando-se das tecnologias e seguindo a fluidez da contemporaneidade, constroem e reconstroem seus corpos revelando uma construção subjetiva sempre processual (SILVA, 2008). Pensando a abjeção, Butler (2000) esclarece que a norma heterossexual e lógica binária criam um plano de anormalidade, de domínio do que

ela chama de seres abjetos, ou seja, aqueles que ainda não adquiriram um status de sujeitos, cujas vidas são tidas como menos válidas por não encontrarem possibilidades de identificação dentro da ordem hegemônica. Os corpos abjetos, portanto, são aqueles encontram-se, à margem da vida social e formam o exterior constitutivo do domínio do sujeito (BUTLER, 2000). Dessa forma, subjetividades abjetas são imprescindíveis à nossa sociedade, expressarem o externo para aqueles que se enquadram na norma, e por visibilizarem as fronteiras, instabilizando-as (LOURO, 2001).

Apesar desse potencial de deslocamento e de desorganização da lógica dominante, há paradoxalmente, entre as mulheres trans e travestis uma construção de seus corpos que precipitam consumo de bens que expressem signos de feminilidade, bem como uma demanda por tecnologias biomédicas, de procedimentos estéticos ou cirúrgicos que sugerem um desejo à readequação do corpo sexuado ao gênero. Sobre isso, Arán, Zaidhaft e Murta (2008) informam que a partir da experiência com pessoas que procuram por cirurgia de transgenitalização, constata-se que nem sempre esta demanda reflete uma necessidade de adequação à norma heterossexual, podendo elas se denominarem mulheres trans mesmo sem a realização de cirurgia. Contudo, os autores admitem que o sentimento de pertencimento ao gênero oposto pode se expressar na crença de uma identidade fixa, ou de uma essência feminina, evocando atributos culturalmente designados ao feminino para constatarem sua condição feminina (ARÁN, Zaidhaft e Murta, 2008).

A busca por um corpo feminino, muitas vezes o corpo idealizado pela sociedade do espetáculo¹⁰ (DEBORD, 1997) é parte do consumir uma performance feminina geralmente embasada nos estereótipos de gênero considerados como femininos. Assim, como indica Jesus, Scherer e Ferreira (2012) os estudos sobre travestilidades, e pode-se estender em parte as transexualidades femininas, a constatação da identificação com um ideal de mulher que reforça ideias sexistas e machista. Na pesquisa de Garcia (2009) isso se revela a partir dos moldes de algumas relações afetivas, em que a travesti assume uma postura essencialmente submissa em relação ao marido, pois é pela oposição binária do masculino se mostrando como agressivo e dominante que elas podiam se perceber como o oposto, conferindo-lhes o gênero feminino. Verifica-se o paradoxo que envolve essas subjetividades no que se refere a seu potencial de desconstruções e deslocamentos que refletem a resistência a uma normativa que

¹⁰A sociedade do espetáculo diz respeito a um conjunto de vivências que têm o mesmo caráter dos espetáculos, estes, por sua vez, vão além de um mero acúmulo de imagens eles falam de como essas imagens mediam as relações entre as pessoas (DEBORD, 1997)

se impõe, mas ao mesmo tempo pode buscar uma identificação com a mulher oprimida reproduzindo estereótipos estabelecidos.

Da mesma forma ocorre com o consumo estético, e mais uma vez o corpo surge como parte importante da discussão, visto que a partir dele que os sujeitos podem, através da utilização das tecnologias disponibilizadas pela cultura, transformarem-se, construir-se e reconstruírem-se. Trazendo para reflexão o exemplo da feminilidade travesti, para Davi e Bruns (2015), a travestilidade compreende o uso de um sistema de técnicas de aquisição de um corpo novo, consideram o corpo travesti como uma produção simbólica e não uma realidade em si. Pelúcio (2009) traz uma perspectiva do corpo travesti como corpos inacabados, projetos inconclusos, e, portanto, em contínuo processo de construção. A autora ressalta que o uso das tecnologias de gênero é o mesmo para travestis ou mulheres cis, pois precisamos delas para sermos reconhecidos como homens ou mulheres, contudo destaca: “O que torna o feminino travesti inspirador para pensarmos os limites discursivos do binarismo é a valorização do feminino artificial” (PELÚCIO, 2009, pp. 19).

Pelúcio (2007) verifica ainda a relação subjetividade-corporalidade para pessoas transgêneras, ela afirma que a necessidade de “parecer ser” equivale a necessidade de “ser”, assim as intervenções corporais passam por expressar uma “verdade sobre si”, e para eliminar quaisquer ambiguidades que interponha.

Para a pessoa trans o corpo se apresenta como elemento, indispensável e privilegiado, de inscrição de si. Análogo a uma folha de papel em branco, em que se pode escrever coisas sobre o sujeito, e dessa forma, constituir a si mesmo. É isso que expõe Le Breton (2007) em uma de suas análises sobre o corpo, ao tratá-lo por “corpo-rascunho”, ou seja, aquele que vai ser construído como objeto, melhorado ao passo em que é gerido constantemente pelo próprio sujeito. Desse modo, as mulheres trans podem se utilizar da manipulação do corpo com o auxílio da tecnociência, já que é um corpo que revela uma dupla necessidade de ser moldado: para se aproximar de uma performance de gênero e com fins estéticos atendendo às exigências do sistema. Conforme indica Pelúcio (2007):

Tornar-se/ser travesti exige toda uma rígida disciplina de cuidados corporais cotidianos que as levam a incorporar, literalmente, os valores dominantes sobre como deve ser o corpo, a roupa, os gestos, as cores e acessórios para cada gênero, num processo de longa e ininterrupta duração. [...] O que orienta essa materialização é a busca de uma adequação aos padrões de identidade socialmente impostos, submetendo-se, para tanto, às mais variadas formas de controle corporal (PELÚCIO, 2007, pp. 230).

Butler (2003) afirma que o gênero parece dar humanidade aos sujeitos, a partir do anúncio, ainda anterior ao nascimento, “sobre ser menino” ou “ser menina”, algo que não comporta a escolha. Porém, as pessoas transgêneras negam esse “reconhecimento” apriorístico e precipitado e afirma que o gênero pode ser construído. As tecnologias da sociedade contemporânea se colocam como recursos a serem utilizados nesse processo, em contrapartida, como alerta Miskolci (2005), embasado nas teorias foucaultianas, essas técnicas que disciplinam corpos não apenas o padronizam, porque não se trata apenas do corpo, mas controlam subjetividades.

Não obstante, Louro (2001) ressalta que ainda que as normas reiterem sempre a hegemonia de uma ordem heteronormativa, elas também abrem espaço para a produção de corpos que subvertem esses padrões, aqueles que tentam escapar da norma, por não se ajustarem a ela como é o caso das subjetividades trans revelando seus potenciais em romper o pacto estabelecido, desestabilizando os lugares e estruturas políticas de poder.

5. ANALISANDO OS DISCURSOS SOBRE O CONSUMO ESTÉTICO

Neste capítulo buscou-se analisar os dados obtidos na pesquisa, com o intuito de responder às questões sobre o que leva a consumir, as funções que o consumo adquire em relação ao olhar do outro, as normas de padronização estética seguidas pelas mulheres trans participantes e o consumo para produção de si, que implica também em feminilização. Verificou-se, com a atividade de campo, que tais questões não podem se desmembrar, já que a motivação para o consumo estético está intrinsecamente ligada às percepções dos outros sobre si, às negociações de significados sobre o que se quer transmitir ou se percebe que será transmitido, numa função comunicacional e política (considerando que isso as coloca em determinados lugares); além de ocultação da transexualidade e produção de feminilização em conformidade com determinados padrões estéticos.

5.1 Das motivações para o consumo estético e o atravessamento do olhar do outro

Aqui buscou-se versar sobre aqueles que atualizam práticas de consumo e sobre como o olhar do outro e o consumo estético se relacionam. O intuito era abarcar os seguintes questionamentos: O primeiro foi “quais fatores, presentes nos discursos das mulheres trans participantes, motivam a compra e uso de produtos e serviços estéticos?” Toma-se essa discussão como ponto de partida por auxiliar a adentrar no terreno das outras questões e explorar a problemática que se propôs estudar. Entende-se como necessário identificar se há, realmente, consumo significativo de produtos e serviços voltados à estética e o que se consome; analisando os discursos que o engendram. O segundo interrogava “como o olhar do outro se relaciona com o consumo estético?” Diz respeito à forma como o consumo estético influencia e é influenciado pelo modo como se percebe o olhar do outro sobre si e as implicações nas relações com os pares, grupos de pertencimento e mesmo desconhecidos. A motivação e o olhar do outro nos discursos aparecem influenciando-se mutuamente.

5.1.1 Do que se consome e da obrigação de consumir

À vista disso, inicialmente, procurou-se saber que produtos e serviços estéticos elas faziam uso na fase atual de suas vidas. Foram citados o uso de cosméticos, alguns serviços como salão de beleza, depilação, a maquiagem foi um dos mais discutidos; além de peças de vestuário:

Alana - Uso xampu maquiagem creme pra rosto, sabonete para rosto, maquiagem eu compro muito, eu tenho muita maquiagem mesmo. Eu compro até mais do que preciso porque eu deixo estocado. De repente acaba e eu esqueço de comprar. Vai que acaba e quebra! (...) também uma que a

vendedora diz que é melhor que a que eu tenho eu vou lá e compro e acabo abandonando a que tenho.

Pesquisadora - Você consegue usar tudo?

Alana- Agora compro com a mesma intensidade que antes, mas uso menos (...) Pra cabelo nem se fala, uso muito! Creme de hidratação xampu, eu tô usando três xampus no momento. Gasto em média com meu cabelo 300 reais e ainda tem cabeleireiro.

Pesquisadora - Você vai a cabeleireiro também?

Alana- Sim, porque quando eu dou chapinha em casa parte muito, por isso continuo frequentando cabeleireiro

Pesquisadora -Você tem noção do quanto gasta mensalmente com outros produtos e serviço?

Alana – 500 [reais] ou mais.

Laila - Eu uso sempre creme, sabonetes ‘assepxia’, cabelo eu cuido em casa, compro tudo e faço em casa, tenho meu próprio salão em casa. Lavo, hidrato, escovo. Só vou em salão pra ir pra festa. De maquiagem em casa eu não uso, mas se for pra sair eu uso. Não gosto de maquiagem pesada, só lápis de olho e pó.

Pesquisadora- Isso é o que você não dispensa na hora de sair de casa?

Laila- É o básico

Jennifer – Eu compartilho da posição de Alana: compro maquiagem, já pensando em se eu sair de casa e acontecer alguma coisa for roubada ou quebrar. É o apocalipse né?! Preciso ter um estoquezinho. Não gasto tanto com relação as meninas, mensalmente em torno de 150 reais, mas não saio de casa pra trabalhar sem batom, sem um pó, só se for bem pertinho de casa e olhe lá. Geralmente me maquio diariamente. Pra ‘botar a cara no sol’ eu me maquio: um pozinho, um lápis e um batom ‘báááásico’ né? [Risos]

Bárbara - No meu caso eu não sou tão consumista, tão complexada assim. No meu caso para eu querer usar maquiagem tem que ser algo especial.

Pesquisadora- Tem algo que você não sai de casa sem?

Laila- As unhas pintadas

Bárbara- É. [risos], agora tô estocando esmalte porque já fiquei sem.

Pesquisadora- você sentiu o que quando ficou sem?

Bárbara- Não foi boa a experiência não.

Helena – Salão todos os fins de semana e academia faço todo dia, produtos sempre, hidratantes e coisas desse tipo.

Liza – No meu caso hidratante, clínica estética, depilação a laser... não é confortável você sair com pelos, maquiagem diária, não saio de casa sem maquiagem, salão sempre.

Nessas falas ainda só aparecem itens de uso externo ao corpo (roupas, produtos, maquiagens), mas mais à frente ver-se-á a função estética de modificações corporais, das próteses, hormônios, cirurgias e exercícios físicos e outros que também serão entendidos

como consumo estético e listados no rol do que é consumido com fins de beleza pelas participantes da nossa pesquisa. Entre os produtos usados, destaca-se a maquiagem que se mostrou ser de extrema importância para a maioria das participantes, ressaltando que ela é principalmente usada para o “sair de casa”, o espaço do “fora” do ambiente do lar, familiar e de certa forma seguro, o que denota que o espaço público exige uma performance diferenciada.

O que chama atenção neste ponto é a obrigatoriedade que emana de suas falas: “é básico”, “não saio de casa sem”, “me maquio diariamente”, “para botar a cara no sol eu me maquio”, além da preocupação de ficar sem aqueles produtos considerados essenciais, o medo de perder a maquiagem estando na rua, de quebrar, de esquecer de comprar que levam à estratégia do “consumo para estoque”, que ameniza a ansiedade causada pelo temor de ficar sem tais itens. Aqui é possível notar a dimensão de obrigatoriedade da produção estética que atinge a todas as mulheres (GOLDENBERG E RAMOS, 2002), mas que, notadamente, se apresenta mais acentuado para mulheres trans. O que ocorre no caso das mulheres trans é que a produção estética parece assumir uma dupla função: promover efeitos afirmativos, como obtenção de caracteres femininos, feminilidade, além de produzir certos efeitos sob a percepção dos outros; e promover efeitos negativos, como bloquear o que não se quer – caracteres masculinos, e ocultação da transexualidade, podendo indicar estes como sendo alguns dos fatores motivadores para o consumo estético.

A obrigação do consumo, da produção estética e da beleza tornou-se, antes de mais nada, um dever moral uma vez que a pessoa que “não se cuida” é vista como “relaxada” ou “preguiçosa”, e torna-se o seu próprio fracasso de não saber ou não poder se utilizar das tecnologias consideradas tão facilmente disponíveis nas prateleiras (GOLDENBERG E RAMOS, 2007; BAUMAN, 2008). Assim, destaca-se a dimensão de obrigatoriedade como um dos fatores que inclinam mulheres trans ao consumo estético; para as elas a imposição é acentuada, uma vez que a produção estética permite que se oculte a transexualidade; tomando-se como exemplo a depilação a laser, observa-se que o procedimento é comparável a um ritual libertador dos denunciadores dos pelos que, estando na mulher, vêm associado à falta de higiene, ideia consensual em um dos grupos realizados. Além de se ocultar caracteres tidos como masculinos, há o forte componente de legitimação de gênero para as mulheres trans que, indubitavelmente, têm um peso diferenciado para elas que para mulheres cis.

Vale ressaltar que a vigilância se mostra fator importante na manutenção desse ideal de obrigação e, conseqüentemente das práticas de consumo estético, ela aparece sem acanhamento nos discursos e concretiza o poder microfísico, capilarizado e corriqueiro que vigia e pune os corpos, docilizando-os (FOUCAULT, 2003). Para as mulheres trans, a obrigação moral e a vigilância da beleza vêm associadas ao discurso ‘ser mulher’:

Bárbara- Eu sinto muito essa pressão estética, por parte das pessoas, de ser mais feminina. Eu nem ligo, mas ‘você sente’.

Pesquisadora: Elas querem o quê?

Bárbara- Que eu seja mais estereotipada. Já tem que tá no estereótipo máximo. Uma fala aqui, uma coisinha assim ‘por que tu não cuida do cabelo, não ajeita a sobrancelha?’

O olhar do outro é vigilante. Elas ressaltam ainda que essa vigilância é operacionalizada, principalmente, por outras mulheres:

Laila- As mulheres se vestem mais pra mulheres, não é pra mostrar para os caras. As mulheres cis não querem mostrar pra os homens, na cabeça deles é pra eles, mas não é. É para as mulheres.

Pesquisadora: As cis ou mulheres em geral?

Laila- É em geral, né?!

Gal- Até minha mãe as vezes quando eu saio de casa: ‘Bote um batonzinho’

Laila- Eu pergunto à minha mãe ela diz que to bem, mas quando tô feia ela fala sem eu perguntar.

Pesquisadora: Você tem irmão, não é Laila?! Sua mãe se preocupa mais com a sua aparência ou com a dele?

Laila - Na aparência é mais comigo.

Alana - A cobrança pra mulher é maior

Bárbara - Inegavelmente é.

Gal - Eu acho que a mulher tem que se ajeitar. Tem que se aprumar.

Laila- Os homens também estão mais... como se diz? ‘Metrossexuais’. E tem mulher que por ser mulher cis, relaxa. Tem mulher que acha que ‘ah sou mulher tô nem aí’. Penteia o cabelo, coloca um brinco e vai embora. E nós trans não. A gente se preocupa, acho que as mulheres trans se preocupam mais que as cis.

Há uma reflexão sobre o fato da preocupação com a beleza atualmente ser generalizada, como bem lembrado por Laila em sua fala sobre a produção estética pelos homens, que até ganhou uma categoria especialmente para designar aqueles que fazem uso de produtos de beleza e se preocupam com esse aspecto: metrossexuais. Contudo, como lembram Novaes e Vilhena (2003) a diferença é que se anteriormente as mulheres se preocupavam com

a beleza como um dever social, no sentido de que se a possuíssem seria interessante socialmente; atualmente é tido como dever moral, no sentido de se acreditar que quem quiser tê-la consegue (e o não conseguir remete a fracasso individual). Essa reflexão pode ser estendida à diferença entre a caça à beleza por homens e mulheres. Além disso, outros designadores de sucesso se fazem mais importantes para os homens como carreira, por exemplo.

No imaginário de Laila também perdura a diferença entre essa obrigação para mulheres cis e trans, ela refere acreditar que as mulheres cis não acham importante se produzirem porque “já são mulheres”, apesar da aparente projeção por ela realizada, a afirmativa é muito importante não pelo que pontua sobre as mulheres cis, mas pelo que fala de sua experiência como mulher trans. A importância encontra-se no fato dessa fala mostrar que ela percebe o peso de ter que se provar e se afirmar continuamente como sendo mulher, e a implicação disso no seu investimento em beleza.

5.1.2 “Como um camaleão”: as performances de gênero e o ocultar-se do outro através do consumo estético

Sem dúvida, são experiências com pesos diferentes visto que um corpo – cis – está dentro da cisnorma e o outro – trans – está fora dela (BUTLER, 2003); esse último, conseqüentemente, mais normatizado e regulado, já que para ser aceito (até certo ponto, considerando que há limites de aceitabilidade e de acesso a direitos a depender da cor, raça, classe social e até religião) terá que acatar à toda uma ordem de códigos que serão tão mais difícil atender quanto mais marginalizado, em relação à cisnorma, o indivíduo estiver.

Entretanto, o que Laila não pode perceber neste momento, é que (ainda que com intensidades diferentes) essa necessidade e obrigação de se “vestir” continuamente dos signos para reiterar seu gênero é um imperativo para todos/as. É justamente o que Butler (2003) quer trazer ao afirmar que o gênero é performativo, baseada em referenciais foucaultianos, a autora atribui ao corpo e ao sexo um caráter histórico, buscou dissolver a dicotomia sexo *versus* gênero, problematizando a suposta natureza biológica do sexo, conforme versamos no capítulo 4, e principalmente, denunciou a função do gênero. Conforme ela, o gênero tem como papel fundante passar a noção de uma estabilidade que, a rigor, inexistente. A repetição de gestos, atos e signos reforçam a ideia de masculino e feminino, principalmente como oposição (uma dicotomia em que um exclui o outro) e isso garante a manutenção da matriz heterossexual. A essa repetição, Butler (2003) nomeou de performance de gênero.

Subentende-se, portanto, que não há nada de natural ou essencial que assegure o gênero de uma pessoa cis; e que a transgeneridade dessas mulheres, e suas performances denunciam isso a todo momento, ou seja, denunciam a performance de todos/as (trans ou não) e nela está presente o potencial de quebrar com o *status quo* da matriz heteronormativa. Vestir-se de mulher, associar-se a signos pré-estabelecidos como feminino, adotar toda uma postura que designa o ser como mulher e o coloca em determinado lugar político não é prerrogativa de grupos de pessoas, exclusivamente. É parte de toda a ideia forjada de gênero que abrange todos os corpos a fim de agir sobre eles de modo a regulá-los.

O que se faz notar, particularmente, para os fins do objeto desse estudo que relaciona consumo estético e modos de ser trans, é que quanto mais a performance de gênero é compatível com o que se espera, maior passabilidade¹¹ a pessoa trans mantém, o que facilita em sua aceitação social, em obtenção de respeito, obstaculiza a identificação da transexualidade, e dirime os preconceitos. Destacam-se as seguintes falas da discussão sobre a motivação para se produzirem:

Laila - Não é que a gente queira ser mais mulher que a mulher cis. A gente é tão mulher quanto a mulher cis. A gente não quer chamar atenção. É medo do preconceito.

Alana- É uma defesa (..) se você não se arruma sofre mais, se eu chego na minha faculdade careca vou sofrer mais preconceito (...) A gente quer se sentir melhor, quando eu vejo que vou num lugar que posso sofrer preconceito, eu vou e me arrumo o máximo possível

Laila - A gente quer se camuflar. Como se diz?! Como um camaleão.

Bárbara - Na faculdade eu não sofro porque as pessoas já tão acostumadas, mas em outros lugares sim

Laila - O máximo possível para ficar feminina, não chamar atenção, pra ninguém ficar olhando pra você. A gente não quer chamar atenção por ser trans, quer chamar atenção por ser uma mulher normal, porque se for percebida como transexual já começa o preconceito, preconceito... a gente quer pelo menos passar despercebida um pouco.

Alana - eu quero tá bonita sempre [risos], sempre eu quero tá do jeito que tenho que acho padrão.

Aqui, as participantes revelam que se produzir esteticamente faz ocultar sua condição transexual e assim evita situações degradantes e violentas pelo preconceito proferido a todo aquele que foge à cisnorma. A produção estética das mulheres trans participantes passa,

¹¹É um termo comumente usado entre especialistas, militantes e transgêneros e não-transgêneros para designar: “passabilidade traduz o quanto uma pessoa transgênera se parece fisicamente, se veste, fala, gesticula e se comporta de acordo com os estereótipos do gênero oposto ao que lhe foi consignado ao nascer (LANZ, 2014, pp.129)”. Ter passabilidade, é, portanto, ser reconhecido como em conformidade com as normas de gênero e quanto mais passável, mais aceita a pessoa é.

crucialmente, por uma “otimização” da performance de gênero através da aquisição de passabilidade, como foi possível verificar em diversos momentos. Ao mesmo tempo em que essa ocultação é uma das motivações para o consumo estético, também é uma das funções que ele adquire na produção de subjetividades de mulheres trans; e está diretamente relacionada ao olhar e atitudes dos outros perante a elas.

Uma figura trazida na fala de uma das participantes é emblemática, e nos esclarece de forma bastante precisa a experiência da qual ela trata: o camaleão. Ora, o que é o camaleão? O que se sabe no senso comum sobre o camaleão é que é um lagarto que, para se passar despercebido pelos seus predadores, adquire o aspecto físico do meio em que se encontra. Basicamente o que ele transforma em si mesmo é sua aparência, mas também todo um comportamento e postura, ele se camufla e se esconde. O Brasil, particularmente, é um país de predadores para pessoa transgêneras, relatórios¹² atualizados em 2016 produzidos pela ONG Transgender Europe (TGEU), através do projeto “Trans Murder Monitoring” (TMM) pontuou grave violência contra a população LGTB no país, sendo as mulheres trans o grupo especialmente vulnerável a sofrer essas violências, registrando 42% do número de homicídios de pessoas trans registrados em todo o mundo, em 2016, níveis considerados extremamente altos de assassinatos dessa população.

Dessa forma, proteger-se contra a discriminação, preconceito e violência de gênero torna-se uma estratégia de sobrevivência, tal como o camaleão defende-se de seu algoz. A intolerância ao que se encontra fora da cisnorma é intensa no país, que reage violentamente contra os que não se rendem à tal lógica. Um outro dado não diretamente relacionado, mas pertinente para nossa pesquisa, é o fato do país figurar nos primeiros lugares dos rankings de consumo em cirurgia plástica¹³, biotecnologias principalmente usadas por mulheres (ter um ideal estético europeu, um corpo que não reflete o da nossa população, custa caro). A associação os dois dados, aparentemente, nos mostra o quanto fatores sociais, históricos e culturais levam o Brasil a ser rígido, exigente e extremamente violento na instituição de normas e regulação, e na vigilância e punição daqueles/as que não se adequem, talvez também possa nos revelar um pouco dos motivos da busca por passabilidade, por “camuflagem”, via

¹² O projeto monitora, através de notícias, casos de violência a pessoas trans em todo mundo, tendo parceiras(os) em todos os continentes. <<http://transrespect.org/en/idahot-2016-tmm-update/>> (em língua inglesa). Acessado em 13 de maio de 2017

¹³ Em relação a cirurgias plásticas, os dados do ISAPS (Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica e Estética) do ano de 2015, coloca o Brasil em 2º lugar no ranking de número de realização de cirurgias. <<https://www.isaps.org/Media/Default/global-statistics/2016%20ISAPS%20Results.pdf>> (em língua inglesa). Acessado em 13 de maio de 2017.

consumo estético por parte das mulheres trans. Obviamente, que não se resume a uma defesa, há recompensas para quem exerce bem seu papel de consumidor, não à toa Canclini (2006) defende que ser consumidor mistura-se ao ser cidadão, e comprar com o exercício de cidadania, importante papel político na sociedade; mas também há recompensas para quem consegue se manter belo e isso é buscado pelas participantes, não esqueçamos, porém que as recompensas também fazem parte do jogo do poder disciplinar e atua como um dos seus mecanismos.

5.1.3 “Quando mostra aqui, tampa aqui! ”: performances de consumo e modos regulados de mostrar-se ao outro

Há uma forte presença, nas falas das participantes, do discurso do produzir-se corretamente. Essa produção correta se dá de forma a atender certas concepções de uma ética, forjada discursivamente, sobre o que é ser mulher. Uma ética, no sentido de saber e exercer o “bom modo” de “ser/parecer mulher”. Na dimensão estética, implica em um consumo coerente com tais códigos, no vestuário (cores, texturas, tamanhos), na forma de utilizar a maquiagem, perfumes, tamanhos e proporções de próteses e de partes do corpo, tamanho e estilo dos sapatos, e infinitos outros. O manejo desses signos, é “cirúrgico”, no sentido conotativo de preciso, delicado e eficaz, mas que também “flerta” com o sentido denotativo do termo, uma vez que muitas vezes implica em intervenções, de fato, médicas.

Decerto surgiram muitas falas relacionadas ao melhor modo de mostrar-se ao outro, o que deve ser escondido, o que deve ser mostrado, o que devo ou não passar para atravessado fortemente pelas suas posições de gênero, pelo ser mulher. Destarte, conforme traz Balestrin (2007) baseada nas concepções de Butler, entende-se que o consumo também é performatividade, pois assim como o gênero, não traduz uma afirmação ou uma negação, mas uma construção através de atos que mantêm correspondência com normas e códigos sociais e culturais, constituindo-se em um modo de subjetivação.

5.1.3.1 Notas sobre a indesejada vulgaridade estética

Nas falas das participantes surge um modo de consumir que reitera, reconstrói certos modos de pensar/agir sobre mulheres. A questão moral da expressão de vulgaridade foi tema recorrente que traz implicações sobre o que se escolhe consumir:

Alana - ... Antigamente eu era tão “jegue” eu usava umas coisas como saia curtinha. Minha irmã usava e eu achava bonito, mas fui mudando fui vendo as pessoas aceitando críticas construtivas.

Laila- eu não gosto de roupa vulgar. Vestido eu gosto, mas não muito curto (..) eu gosto de scarpin fechado. Não uso plataforma, essas coisas assim, não uso plataforma não!

Pesquisadora: Mas tu achas que tem algum sinal de vulgaridade na plataforma?

Laila – ah, eu acho que sim, é meu tipo! Tem mulher quer combina e tem mulher que não. Eu não acho que fico bonita, o povo diz que sim, mas eu não acho. Quando eu ponho scarpin o povo me elogia, me sinto charmosa

Pesquisadora – [para Alana]. Quando tu dizes que usava roupa jegue, em outras palavras significa o quê?

Alana - Roupa vulgar, saia curta jeans.

Laila- chama muito atenção, o povo começa a olhar, os cara olham: “fiu fiu”

Alana - Chama atenção e não é bonito, eu vejo como vulgar

Laila- Você andando comportada, você não chama muito atenção. Não atrai muito. Atrai olhares, mas não atrai tipo “fiu fiu”, “ei gostosa”, isso você comportada na sociedade, agora se você botar shortinho mostrando a popa da bunda aí pronto! Os carros começa buzinar e povo começa a olhar você. E você não sabe se você é olhada por sua sexualidade [identidade de gênero] ou por causa da roupa. Ai quando a pessoa se veste bem-comportada, você recebe paquera olhares, mas não é vulgaridade, é normal, paquera normal aí você vê que não é sua sexualidade [identidade de gênero].

Pesquisadora – Vocês me disseram que existe um chamar atenção pra vulgaridade e tem o outro lado de ser bonita, elegante, de uma forma que vocês consideram mais desejável?! É isso?

Laila- Isso. E que não machuque a gente também, porque machuca, você ser olhada de uma forma... porque pra população uma trans é o que? Alienígena! É uma pessoa de outro mundo. Infelizmente é assim, em pleno século XXI.

A vulgaridade é expressa por roupas curtas, ou seja, que revelam demasiado o corpo. Não que o corpo não possa ser revelado, ele pode e deve ser revelado na sociedade contemporânea e especialmente na cultura brasileira, conforme versa Goldenberg (2002). Ocorre que isto deve ser feito apenas em certa medida, e sobre as condições corretas e com a finalidade de atender ao quesito sensualidade que se solicita das mulheres.

A vulgaridade pode ser revelada também até nos sapatos, na maquiagem muito rebuscada que deve ser rechaçada porque além de não ser considerado bonito, pode implicar em violência e desrespeito. Retomando a ideia de Balestrin (2007) do consumo como performance; vê-se que a forma como se escolhe os produtos e serviços estéticos, como os utilizamos, como optamos por nos vestir e nos expressar, de acordo com a autora, também podem ser entendidos como enunciados performativos construídos e partilhados socialmente. Tais atos são (como afirma Butler (2003) sobre o gênero e aqui estende-se ao consumo) citacionais; ou seja, não falam da vontade original da pessoa, mas do poder reiterativo do discurso, do quanto ele é capaz de perpetuar e (re)produzir os fenômenos que regula. O outro

está presente com seu olhar vigilante e inquisidor, mas também no discurso que cria e produz essas subjetividades.

Por outro lado, seguir regras sobre o que não se pode consumir, a aparência que não se deve mostrar especialmente no que concerne à vulgaridade também pode ser vista como uma forma de defender-se da erotização pela qual passa o corpo da mulher, e de modo ainda mais acentuado da mulher trans dado que a associação entre o corpo da mulher trans e travesti e a prostituição sempre foi evidente. Na técnica de construção, em que houve a exibição de imagens para que as participantes colocassem suas posições sobre as estéticas das mulheres da imagem, a problematização do vulgar e de uma medida considerada ótima de sensualidade, ressurge:

Quadro 2 - Estética dos vestuários

Imagens apresentadas	Discursos das participantes
 <p data-bbox="328 1296 751 1326">Figura 1: vestido vermelho com decote</p> <p data-bbox="504 1328 576 1357">Fonte:</p> <p data-bbox="228 1359 850 1417"><http://marcelaferreira.blogspot.com.br/2012/04/sexy-ou-vulgar.html></p>	<p data-bbox="874 920 1398 978">Alana- “Quase todos os homens gostam pra comer”</p> <p data-bbox="874 981 1426 1039">Jennifer- “Exagerado os seios, não a roupa, os seios”</p> <p data-bbox="874 1041 1358 1099">Laila- “Dá pra ver que é uma coroa bem apresentada pra idade dela”</p> <p data-bbox="874 1102 1262 1131">Alana- “Eu não sei a idade dela”</p> <p data-bbox="874 1133 1353 1191">Jennifer- “Ela tá lacrando com a cara da sociedade, ela tá dando ‘close”</p> <p data-bbox="874 1193 1398 1223">Alana – “Ela tá aberta em cima e em baixo”</p> <p data-bbox="874 1225 1358 1254">Laila- “Eu acho que ela tá sem calcinha”</p>
 <p data-bbox="285 1868 791 1897">Figura 2: Vestido vermelho curto e sem decote</p> <p data-bbox="504 1899 576 1928">Fonte:</p> <p data-bbox="228 1930 850 1989">http://www.garotasm modernas.com/2010/01/valentino.html</p>	<p data-bbox="874 1447 1206 1476">Alana – “Esse aí tá melhor”</p> <p data-bbox="874 1478 1326 1507">Jennifer – “Ta parecendo uma morta”</p> <p data-bbox="874 1509 1445 1568">Laila- “No lugar dela eu cortava mais as mangas, tá muito evangélico isso!”</p> <p data-bbox="874 1570 1445 1628">Pesquisadora – “vocês acham feia a moda evangélica?”</p> <p data-bbox="874 1630 1445 1742">Laila- “Não acho feio. Depois que minha mãe virou evangélica só usa saia longa e ela ficou velha, mostrou a idade dela mesmo.</p> <p data-bbox="874 1744 1445 1915">Alana – Acho feio saia jeans, acho feio demais. Nem toda roupa longa deixa velha. Pra mim quando você mostra aqui [aponta para as pernas], tampa aqui! [aponta para o busto]. Aparecer demais não é legal.</p>

“Quando você mostra aqui, tampa aqui” nos fala do uso pensado dos signos para o que se quer e se pode passar ao outro. A medida precisa de sensualidade para que não se transforme em vulgaridade faz parte de um processo de pedagogização que se aprende ao longo do tempo pela mídia, pelos pares, por ensaio e erro ao receber punição ou recompensas e elogios. Vale lembrar que, como discutimos, no capítulo anterior, as tecnologias de beleza e seus usos regulamentados contribuem para a reprodução das desigualdades de gênero porque se escondem sob a égide da necessidade constante e aprimoramento pessoal, mais incidem de forma muita mais intensa sobre as mulheres

5.1.3.2 A feminilidade que eu não quero: travestilidades estereotipadas

Outra questão que surge nas escolhas de consumo das participantes é a necessidade de afastar-se de uma certa feminilidade travesti que implica em um modo específico, e de certo modo estereotipado, de ser mulher. Em suas falas, descrevem um modo de ser ético e estético próprio das travestis, que embora se justificável do ponto de vista delas, pois “muitas trabalham na rua”, não é desejável; ou é desejável em alguns momentos pontuais nos quais é necessária uma postura mais exagerada e colérica. Conforme revelam as falas abaixo quando se levantou a discussão sobre as travestis:

Bárbara- Para mim tem um recorte. Acho que a vulgaridade expressa na aparência tem a ver com fazer programa.

Jennifer - Essa amiga minha [travesti] quando a conheci ela andava sempre com o seio “na bandeja”. E se ela fosse no shopping com essa roupa ela seria esculhambada. Eu percebi que ela usava para fazer e também durante o dia ela tinha costume de usar. Acho que essa questão de feminilidade trans e travesti tem o recorte da prostituição. A própria travesti, tende até no jeito de andar que são mais travestis, dão mais “close”, quebram mais, batem mais palma, os gestos mais acentuados e expansivos.

Laila- Travesti tem mais gíria

Pesquisadora - Isso repercute em vocês?

Laila- O povo aqui no brasil é hipócrita. Não quer diferenciar transexual e travesti. Pra o povo é tudo igual. Se a travesti faz coisa errada na rua é que a trans também é errada, travesti, gay e tudo é raça podre!

Jennifer – É que as pessoas na rua fazem muito a “cara de rica e santa e bonitinha” e as travestis é logo “meu cu, caralho, tô nem aí” tem essa postura de transgressão mesmo.

Laila - olhou pra elas, elas perguntam: “o que é?!”

Jennifer- ou lhe devo o quanto?! Tem essa postura de quebrar! (...) tem situação na rua que vejo alguém me recriminando... ai já baixa a trava. Mas seu tiver de boa já faço a mulher trans... Se eu tô de madrugada na rua eu faço a trava já me impondo, se vier me roubar eu vou roubar também.

Aquela linha assim de se colocar e dizer: “não vem não”. A maioria se prostitui então tem essa postura de rua.

Laila - Quem se prostitui tem que ser assim mesmo, eu andava com spray de pimenta, e apanhei duas vezes. A primeira vez fizeram o programa e queriam o dinheiro de volta. A terceira foi por travestis. Eu não denunciava porque eu tava ilegal na Itália.

Jennifer- Tem recalque também.

Laila- Pra elas é assim, só é travesti quem tem silicone. Quem não tem, é gay montado.

Pesquisadora: Vocês têm medo de ser violentadas por serem confundida?

Laila- A gente se comporta ao máximo já pra não passar por isso. Se você se comporta, mas as mulheres cis também passam por isso.

Jennifer - Já cheguei comportada e saber me expressar e as pessoas se incomodarem por não chegar comum travesti. Incomoda!

Pesquisadora – Seria porque você não deu espaço pra eles serem invasivos?

Jennifer – Isso!

A feminilidade travesti desagrada porque é considerada exagerada, impertinente; como lembra Jennifer é uma postura que transgride à cisnorma, não apenas por se mostrar como um “corpo que pesa” (BUTLER, 2000), mas por um comportamento que conforme as participantes, reage a confrontações, mas, ao mesmo tempo, torna-se ainda mais vulnerável à violência. A vulgaridade e o desejo de se afastar de uma possível feminilidade travesti motivam a um certo consumo não só de produtos e serviços, mas de uma postura que se afasta dessa aproximação. Falar alto, usar gírias, ter gestos expansivos e postura agressiva que transgridem as regras de comedimento e contenção, historicamente construídas para regularem os corpos femininos, são alguns exemplos de posturas que devem ser evitadas.

O respeito do outro surge a partir de uma imagem do feminino “não-vulgar”. Todo consumo e produção estética é pensado sobre esse aspecto do “não-vulgar”, e além do consumo de objetos físicos existe a exigência de uma postura que corrobore com a produção da imagem: gestos contidos, o falar baixo. O que pode ser pontuado como problemático nas assertivas sobre saber produzir-se para evitar violências é o fato de elas tomarem para si a responsabilidade da agressão e do mesmo modo culpabilizarem umas às outras por serem alvos disso, tornando a questão individual. Em um dos grupos preparatórios essa fala surge das mulheres trans dirigidas ao que concebem como sendo um modo de ser travesti, denotando uma certa rivalidade, ao serem questionadas a respeito da importância do olhar do outro sobre suas estéticas:

Gercina- o olhar do outro depende da forma como estamos vestidas. Somos mais respeitadas se nos vestimos adequadamente. Uma travesti de vestido

curto levou “corra”¹⁴ no ônibus e quando desceu levantou a saia e saiu desfilando. Mas não foi preconceitos dos caras que mexeram com ela, é que a roupa não caiu bem. Tem gente que falta senso crítico. Eu sou uma mulher bem feminina. Se eu andar com travesti mais masculino é uma gritaria na rua.

Helena- A menina (uma travesti) se despeitou com Liza, numa festa porque ela tem rosto bonito. Eu defendi ela. A menina quis bater nela porque eu fiz elogios a ela. Ela disse: “travesti sou eu que tenho silicone, ela é um viadinho!”

Liza- Sim, somos observadas pelas “outras” (travestis)

De acordo com as mulheres trans participantes, há uma afirmação recorrente entre as travestis da necessidade de possuir silicone nos seios para que a travestilidade seja considerada legítima pelos pares, do contrário as mulheres trans e travestis não poderiam reivindicar esse *status* sendo tidas como um “homem afeminado” o que é um tratamento pejorativo, de *status* inferior que abre espaço para a marginalização dentro do próprio meio (a marginalização radicalizada, porque praticada entre um grupo já marginalizado, ou seja, reproduzida entre pares) com possibilidade, inclusive, de culminar em agressões físicas entre elas.

5.1.3.3 O duelo: feminilidade natural *versus* artificial

À feminilidade travesti é atribuída a artificialidade, que se mostrou predominantemente como algo rechaçado pelas participantes. A artificialidade na produção se expressa por meio de maquiagem exagerada, e outras exuberâncias do corpo que fazem com que a transexualidade não só apareça, como se confunda com travestilidade o que se mostrou como algo indesejável do ponto de vista de muitas delas. Como versam as falas de mulheres trans participantes de um dos grupos preparatórios:

Helena- a vaidade demais transforma a mulher. Quando exagera demais parece travesti. Travesti se bomba e fica ‘muuuuito’ artificial. Mulher [cis] não faz aquilo.

Liza- Elas [travestis] não fazem gradativamente. Todo mundo gosta de acentuar suas curvas, mas fica exagerado. (...) O homem hoje em dia preza pela naturalidade, o homem vai confundir com uma trans se tiver exagero.

Gercina- eu trabalho meu corpo gradativamente. Se a proporção fica estranha as pessoas veem que não é natural. Tem alguma coisa que não encaixa se transforma tanto que não parece mulher. Muitas gostam de ser travesti, mas eu acho mais interessante se aproximar do natural.

Em diversos pontos a produção estética concebida como artificial foi valorada como sendo negativa, e recaía-se nessa discussão com certa frequência. Neste ponto, um paradoxo

¹⁴Côrra é uma expressão utilizada por elas para designar chacota, gozação, violência verbal, agressão e preconceitos, geralmente sofridos nas ruas por desconhecidos e por homens.

se impõe, ao mesmo tempo que Gercina, por exemplo, admite que molda seu corpo, afirmando que o “trabalha”, exercendo uma ação ativa e afirmativa sobre ele, declara que esse trabalho deve produzir algo que se aproxime do natural. Na técnica de construção, exibição de imagens, também surge essa dualidade

Quadro 3– Estética de rostos e cabelos

 <p>Figura 3: mulher branca, cabelos lisos e longos</p> <p>Fonte:<http://alcanta.es/gran-guia-para-elegir-el-color-de-pelo-que-mejor-te-sienta/></p>	<p>Bárbara – “Bonita” Jennifer – “Parece uma índia” Laila – “Parece uma boneca. ” Alana - “Só o cílio é postiço. Eu quero esse nariz!”</p>
 <p>Figura 4: Mulher branca, cabelos longos e loiros</p> <p>Fonte:http://hermyne.info/cortes-cabelo-franja/</p>	<p>Laila – “É bonita, mas tá estranha parece peruca, parece uma <i>drag queen</i>” Jennifer- “eu achei estranho, pode ser um padrão, mas não me agradou” Pesquisadora- “Vocês acham artificial? ” Jennifer – “Isso! Exatamente!” Laila – “É! Artificial.” Alana - Eu acho bonito mesmo artificial! Se eu for achar artificial, eu sou toda artificial.</p>

As falas referentes a imagem 3, informam que apesar de considerando a estética interessante e até certo ponto desejável “eu quero esse nariz”, denunciar a existência do cílio “postiço” foi relevante e apareceu como uma ressalva, ao ser inserida pela palavra “só”. Sobre a imagem 4, associou-se a pessoa da imagem à uma *drag queen*; a última fala, entretanto, destoa das demais, e apresenta um *insight* em termos de reconhecer a artificialidade inerente aos corpos contemporâneos, que independe de gênero. Tomemos aqui o conceito de simulacro trazido por Baudrillard (1992), o simulacro do qual versa o autor também é paradoxal, embasa-se na ideia de simular que é fingir a presença de algo que está ausente; o simulacro, por sua vez, é a ideia de produtos culturais dissimulando a presença de um elemento, que não está mais lá ou que nunca esteve, esse disfarce se dá de forma tão perfeita que o elemento parece estar ainda mais presente do que sempre esteve, em uma

realidade radicalizada, ou uma hiper-realidade. Ora, se tomamos a ideia da teórica *queer* Beatriz Preciado (2008) de que não há nada natural nos corpos das pessoas, pois desde o nascimento são perpassados por tecnologias diversas, assim como durante todo o processo da existência são modificados e “auxiliados” por próteses que se anexam aos seus corpos, implantes, substâncias medicamentosas, cirurgias, transplantes, entre outros, a concepção de uma dicotomia natural e artificial nos corpos restringe-se apenas a simulacro, tornar concreto ou real algo que é produção de sentidos, principalmente por meio da imagem (BAUDRILLARD, 1992). Também é interessante discutir neste ponto, a concepção do ciborgue de Donna Haraway (2009), pois neste aspecto nos ajuda a esclarecer o caráter ficcional de uma imagem natural com a analogia que faz do corpo humano enquanto um ciborgue. Para a autora o ciborgue é ficção, juntamente com experiência vivida, ela ressalta o caráter de hibridez de animal e máquina, o ciborgue também é imagem e traz em si o caráter de imaginação e de materialidade; o mais importante é que ele tinge as fronteiras entre natural e artificial. É uma importante posição política, pois utilizando a metáfora do ciborgue (uma figura que traz em si uma convergência das mudanças sociais, científicas, culturais e políticas da sua época) lança-se um manifesto a favor do “embaçamento” do preto-branco da oposição homem-máquina, supõe que o uso responsável das novas tecnologias e politicamente comprometido com a diversidade podem suplantar as dicotomias orgânico e inorgânico, cultura e natureza, homem e animal, propõe que o ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero, sem compromissos com identidades fixas ou natureza. A concepção da autora torna-se revolucionária não apenas para borrar o dualismo homem-mulher, mas ao propor que somos todos híbridos (humanos e máquinas) propõe uma fragmentação em favor de transitar entre os gêneros de forma fluida por meio do protético artificial.

5.2 “O importante é dar close! ”: analisando (re)produções corporais e de padrões via consumo estético

Nesse subcapítulo procurou-se analisar como o consumo estético participa do processo de construção e reconstrução dos corpos de mulheres trans, bem como, refletir sobre a forma como elas percebem e reagem aos discursos sobre padrões estéticos propagados na sociedade de consumo. Entende-se que a busca por apropriação de signos ditos feminino é um dos motivadores de transformações corporais por mulheres trans, dessa forma, nas oficinas incitou-se a discussão sobre os sentidos atribuídos a conceitos correlatos: feminino, feminilidade e mulher. Também se discutiu sobre a forma como o consumo estético é manejado com fins de produzir feminilização - que se entende aqui como um processo de

aproximação desse feminino por elas definido. Os padrões estéticos, por sua vez, definem uma série de significados sobre objetos usados, posturas e formas de se apresentar que se considera adequado, bom, belo e trazem implicações para os modos como elas se veem e são vistas. Foram realizadas oficinas com foco nessas temáticas, no entanto, surgiram falas que se atrelaram a ela em todas as demais oficinas realizadas.

5.2.1 “A feminilidade faz meu gênero”: consumo estético e produção de corpos trans na sociedade contemporânea

Aqui buscou-se responder à pergunta: como o consumo estético é manejado por mulheres trans na modificação de seus corpos? A partir do discurso das mulheres que participaram das oficinas é possível notar que algumas funções são atribuídas ao consumo de produtos e serviços estéticos, sendo a principal delas o alcance de uma feminilidade cis, concebida como ideal. Averiguou-se que a confecção de aparência feminina passa pelo consumo estético de produtos e serviços que servem à transformação corporal e à beleza e se constituem como uma forma de produção de si, consoante com o que se concebe sobre o que é ser mulher. O parecer mulher é parte importante da experiência que se nomeia como “ser mulher”, pois os próprios olhares e os dos outros confirmam essa experiência reforçando-a em um ciclo contínuo.

5.2.1.1 Relatos do início da transição: sobre “tornar-se mulher”

Como os roteiros das oficinas eram apenas propostas, as participantes ficavam livres para trazerem relatos biográficos, o que também foi considerado importante para os moldes em que foi pensada essa pesquisa. Os relatos não só contextualizam os discursos que obtivemos com a pesquisa, como nos davam subsídios para intervenção. É pertinente trazer alguns destes relatos à análise, como aqueles sobre a fase do início de seus questionamentos sobre o gênero. Trajetórias singulares que em alguns pontos do caminho se cruzam e apresentam semelhanças. Do vivenciar divergências em relação aos comportamentos que eram delas esperados, até o nomear-se como mulher para si e para os outros, elas passaram por longo percurso nada isento de dores e sofrimentos.

Dessa forma, os breves relatos a seguir trazem um pouco das inquietações iniciais a respeito da experiência de seus gêneros e, ironicamente, os primeiros questionamentos se iniciam, justamente, a partir da contestação sobre a orientação sexual, ou melhor dizendo, sobre o desejo sexual que se apresenta fora do esperado para aquele corpo entendido pelos outros como masculino:

Laila: “Não é que eu nasci mulher, ninguém nasce mulher, a gente se torna mulher.”

Pesquisadora: “Eu achei interessante o que você disse, a gente ‘não nasce mulher, se torna’. Como foi esse processo para vocês?”

Laila: “...a gente tá entendendo que a gente é uma coisa, mas a gente ainda não entende. Eu com 8 anos, 9 anos de idade eu já sabia que não gostava de mulher, mas eu queria entender o que tava acontecendo comigo, à medida que a idade foi passando eu fui entendendo, aos poucos.”

Jennifer: “Foi muito difícil. Primeiro descobri que não gostava de mulheres. E foi difícil me assumir enquanto gay. Após os 17 procurei ajuda psicológica e só me assumi enquanto mulher trans após a independência financeira. Eu focava muito na independência financeira, em estudar.”

Bárbara: “Primeiro me entendi como bissexual. Os conhecidos me ‘empurravam’ para heterossexualidade e os desconhecidos para a homossexualidade. E eu me entendia como bi, e depois eu achei que era andrógina. Hoje me identifico como mulher trans. Até eu entender que não era androginia, mas que isso (minhas características) faziam parte da minha ‘mulheridade’ foi complicado.”

O caráter “irônico” se refere ao fato de que a própria transexualidade promove a ruptura entre o alinhamento sexo-gênero-desejo, no qual a orientação sexual nada deveria falar sobre o entendimento que elas teriam acerca das suas experiências com seus gêneros. Contudo, isso nos mostra o modo como as pessoas pautam-se na perspectiva heteronormativa, e nela são subjetivadas. Foi assim que as participantes revelaram contestar o gênero que até então lhe atribuíam, ou seja, a partir da observação de que haveria algo “errado”, ou no mínimo, diferente com seus desejos.

Já o relato da participante Gal parte de pontos diferentes, com idade superior às demais - é importante ressaltar a questão geracional - também teve uma vivência de infância e adolescência em cidade do interior com formas de produção subjetiva diferenciadas das outras, por questões culturais. É notório que Gal faz menor uso de intervenções corporais e consequentemente realiza menos consumo estético, atrelado a isso está a forma peculiar como a participante demonstrou vivenciar seu corpo e gênero. Desde o nascimento, entende seu corpo e gênero como biologicamente femininos, um modo de compreensão que não foi relatado por nenhuma outra mulher trans durante a pesquisa. Estas, partindo das concepções correntes e dominantes que separam sexo-gênero, demonstraram o entendimento de terem nascido biologicamente masculinas, e por isso mesmo investem em transformações corporais a fim de alcançar uma “correção”. Já a experiência de Gal mostrou-se bastante singular, marcada desde o nascimento por uma fala do médico que a teria designado como mulher:

Gal: “quando eu nasci o médico perguntou a minha mãe, ‘a Sra. quer um homem ou uma mulher?’ Ela respondeu ‘quero um homem’. Ele disse, ‘pois, nasceu um homem em um corpo de mulher.’”

Gal atribuiu essa fala do médico ao tamanho do pênis, pois o especialista teria constatado que sua genitália tinha tamanho demasiado pequeno, referindo-se a ela como “atrofiada”, de acordo com ela esse fato teria sido corroborado por outras pessoas, ao longo da sua vida. Alegou que desde criança sentia-se e foi recebida e tratada como mulher pela mãe e por pessoas próximas. Na adolescência participara de um concurso de beleza em meio a outras mulheres, contudo foi chamada a participar, como travesti. A designação não parece importar tanto para ela, até hoje é referenciada no masculino por pessoas próximas, relata com orgulho que ganhou o concurso e foi eleita a rainha da cidade em que residia. Alega nunca ter tido grandes problemas com aceitação, embora tenha relatado um episódio de violência física e outras em que precisou ter uma postura mais agressiva para se proteger. Com naturalidade, traz um relato peculiar do seu entendimento sobre si, sem estranhamentos ou incertezas quanto sua condição de gênero uma vez que a mãe corroborava e legitimava-a como pertencente ao sexo feminino:

Gal: “Eu usava calcinha desde os 5 anos, eu já nasci realista. Usava pano como se fosse absorvente. (...) quando eu fui completando os 12, 13 anos veio o bojo, só que o meu veio demais. Aí eu perguntei a minha mãe ‘por que meu peito é tão grande? Ela respondia ‘é porque você é como eu, nossos peitos ficam pontudos.’”

As dúvidas que Gal apresentava poderiam ser atribuídas a qualquer menina da mesma idade. Apenas há um ano Gal iniciou o procedimento de hormonização e buscas por intervenções corporais, que poderemos analisar mais à frente. Foucault (2011) há muito assinalou o império das ciências sexuais sobre a experiência subjetiva, e de que forma elas produzem as subjetividades. Gal nos faz pensar no que reflete Butler (2003) sobre a importância dos enunciados dos especialistas destas ciências para conferir humanidade aos corpos, e afirma que é pelo gênero que esse processo se inicia desde o momento em que, ao nascer, ou antes disso (dadas nossas tecnologias), o/a médico/a informa aos pais se o bebê é “menino” ou “menina”. Nesse momento, com base na anatomia, decide-se o destino destes corpos, que apresentando divergências logo sofrerá desumanização, desamparos e violências para a maior parte deles.

5.2.1.2. Consumindo feminilidades

Destaca-se que a maior parte dos discursos sobre consumo estético (direcionado para mulheres) está centrado no conceito de feminilidade¹⁵, como discutimos nos capítulos anteriores, considera-se importante entender reproduções e ressonâncias de discursos em torno deste conceito. Laila e Jennifer se adiantam a falar um pouco sobre suas concepções sobre o feminino:

Laila: “É ser mulher. Ficar bonita. Ter a aparência de uma mulher. Quanto mais mulher possível você ficar, você se sente mais feminina. Não é querendo ser melhor que a mulher, a gente quer ter (fazer) uma representação bonita.”.

Jennifer: “ No meu ideal de ser mulher, está a forma que você se apresenta socialmente, e a sociedade faz essas diferenciações: mulher usa saia e homem não, e você vai vendo e absorvendo isso.”

Aqui, notamos a primeira de uma série de vinculações entre a aparência (particularmente, a boa aparência) e o fato de ser mulher. Por ser uma associação realizada cotidianamente na mídia, pelo senso comum e outros meios, convém nos indagarmos: como essa vinculação é possível? Como desnaturalizar essa associação quase automática entre mulher e beleza que se serve do conceito de feminilidade? Quais os fatores que favorecem que ela apareça nas falas das mulheres trans?

Conforme Beraldo (2014), os conceitos de feminilidade que se disseminam no imaginário cultural e midiático vão possibilitar essa ligação direta entre o que é ser/parecer ¹⁶mulher e uma construção da imagem ideal da mulher. Sendo assim, percebe-se, uma ideia subjacente de feminilidade que, de acordo com a autora, continua sendo definida de forma arbitrária e hegemônica pelo patriarcado, servindo aos seus interesses. Ela reflete que apesar de ter ocorrido transformações nos conceitos de feminilidade conforme o transcurso da história, atualmente, ainda se nota sua naturalização que gera toda sorte de padrões estéticos que favorecem intervenções em cada parte do corpo da mulher, alimentando o consumo.

Algo que chama atenção na fala de Laila nos informa uma idiossincrasia voltada para subjetividades trans; no momento em que ela declara que não quer ser melhor que “a mulher”, mas quer representá-la da melhor forma, Laila referencia-se às mulheres cis estabelecendo uma comparação implícita e, concomitantemente, apontando um desejo explícito (com tom de quase obrigação) de representar a mulher cis de uma forma positiva. Laila, autoidentificada

¹⁵Conceito discutido no capítulo 4

¹⁶Ser e parecer surgirão muitas vezes como categorias indistintas, uma vez que o parecer é concebido, em nossa perspectiva, como produto de uma narrativa que produz aquilo de que fala.

como mulher trans, nos informa que o ideal a ser alcançado é da feminilidade cis e, ao mesmo tempo, não de qualquer representação desta, colocando-se na posição de “porta-voz” de uma representação valorada como “bonita”. Em outro momento, em discussão similar, destacam-se as seguintes falas:

Laila: “Porque no caso, como a gente é transexual, a gente quer chegar no topo da feminilidade [...] a gente não quer chamar atenção por ser transexual, a gente quer chamar atenção por ser assim... hmm... normal. Por ser uma mulher ‘normal’”

Jennifer: “...é meio que uma obrigação”

Pesquisadora: Vocês se sentem mais exigidas, do que uma mulher cis, é isso?

Jennifer: “é o padrão de estética né?!... Que geralmente a mulher se maquia, põe um batom e a gente tenta se aproximar disso. ”

Vale ressaltar que, em alguns momentos de suas falas, Laila esquece de designar “mulheres não-trans” com a palavra cis, usando apenas o termo mulher; em outros momentos ela corrige a si mesma fazendo questão de pontuar com a palavra cis. Isso denota como, em alguns momentos, naturaliza-se o conceito de mulher como se elas próprias não se entendessem como apenas mulheres, tal como aquelas que convencionamos chamar de “cis”. Isso é bem representativo em uma fala que traz uma comparação, por exemplo. Ao mesmo tempo existe um movimento de, ao ver as outras participantes do grupo preocupadas em trazer a designação cis, vigiar-se para trazer o termo e promover essa demarcação. Isso se faz importante, como a própria Laila intuitivamente se apercebe, porque é uma forma de retirar o caráter de naturalidade da cisgeneridade, tão produzida quanto a transexualidade (na perspectiva epistemológica que trabalhamos).

Com bases nessas falas, podemos notar que se esse conceito naturalizado de feminilidade motiva mulheres ao consumo estético, nas mulheres trans encontram campo ainda mais fértil, pois suas aparências denotam ser mais atingidas pelo poder imperativo do consumo, em vista do que o parecer mulher significa para elas.

Sobre isso, Grossi e Santos (2007) nos lembra que quanto maior é a distância entre a forma como alguém se percebe e como gostaria de ser, ou seja, seu ideal; maior é a possibilidade de tentar diminuí-la com consumo, nesse caso a aquisição e uso de serviços e produtos de beleza. Em sua fala, Laila indica que compreende haver uma distância entre a transexual e o que designa como “mulher normal”.

Laila nos traz, em sua fala, uma figura que é ascendente- como uma montanha - de onde se pode atingir o topo: “o topo da feminilidade”. Isso é significativo, pois denota um lugar que é baixo em uma hierarquia do qual se espera atingir o alto, galgando níveis. Falamos de uma tentativa de ascensão por meio da estética que é, necessariamente, ligada ao que é ser mulher, em uma visão naturalizada que favorece a regulação de corpos que se produzem como femininos. A questão é que ascensão nos fala de hierarquia, de grupos superiores e grupos subordinados. O ideal da feminilidade cis como superior provoca uma tendência a aquisição de signos de tal grupo.

Essa concepção naturalizada sobre feminilidade, conforme Beraldo (2014) contestada desde a primeira onda do feminismo, ainda se manifesta vigorosamente na sociedade. Não poderia ser diferente nos discursos das mulheres trans ou nos discursos da indústria cultural. Logo, ao unir as duas temáticas é possível perceber como é caro ao consumo estético manter forte essa naturalização que gera mais e mais consumo; não esquecendo da sua função no que concerne ao dispositivo da sexualidade, ao auxiliar na perpetuação dos códigos de coerência cultural que normatizam os sexos.

Por que a feminilidade cis é o ideal a se alcançar? Para Butler (2003) esse é um dos problemas gerados ao se tomar o sexo por sua natureza biológica (sendo a própria ideia de gênero que, tido como cultural, embasa o sexo como biológico, ou pré-cultural). Conceber o sexo dessa forma - a-histórica, ou anterior ao social - facilita com que as pessoas se permitam ser governadas e dirigidas, nesse caso por modelos. A naturalização da feminilidade está relacionada à naturalização do próprio sistema sexo-gênero no qual a feminilidade cis é o modelo porque é coerente com o sistema hegemônico da heteronormatividade, ou seja, nela o sexo, o gênero e o desejo estão alinhados conferindo aceitação àquele corpo, pois ele é compreendido pelos códigos da sociedade, melhor dizendo, é inteligível. Também, nesse modelo, desconsidera-se a diversidade de feminilidades cis, como se houvesse apenas uma mulher e uma feminilidade (que “se maquia, põe batom”, conforme diz Jennifer). É possível notar essa influência em uma das falas de Laila, sobre o início das suas intervenções corporais com o uso de hormônios:

Laila: “ o hormônio é que dá feminilidade à gente, quanto mais hormônio tomar melhor, eu me entupia de hormônio. Eu fazia vitamina de hormônio. Colocava banana, leite, abacate e a cartela de comprimidos. Já cheguei a tomar uma ampola de Perlutan. ”

Pesquisadora: Para que?

Laila: “ficar feminina. Me colocar para fora [...] cabelo crescer logo, queria que o cabelo crescesse rápido, queria pelo do rosto sumisse, queria criar perna, queria seio (mama), queria cabelo, queria tudo.”

O Perlutan é um nome comercial para uma mistura dos hormônios Progesterona e Estradiol um dos mais comuns por elas utilizados. Conforme as participantes alguns hormônios aumentam os traços de feminilidade e outros servem para diminuir traços de masculinidade; o que se nota é que elas possuem um vasto conhecimento sobre eles, pois, além dos dados e literatura médica, há conhecimentos produzidos e propagados no próprio grupo de transexuais sobre os efeitos dos hormônios. No caso citado acima, a ampola deveria ter sido injetada e não ingerida via oral, Laila optou por usá-lo dessa forma com a finalidade de dar celeridade aos efeitos desejos.

Quando Laila diz que queria se “colocar para fora”, com o uso excessivo de hormônios, ela denota um desejo e uma ideia intrinsecamente relacionados. A noção de que há algo a ser colocado para fora provém da ideia de uma essência mulher (que está dentro) e precisa aflorar (colocar-se para fora) no corpo; nessa construção, o corpo é o fora, pois aparece. Aqui surge uma ideia que é muito utilizada nas diversas teorias que abordam a transexualidade: a incoerência entre o sexo e o gênero (ARÁN, ZAIHAF E MURTA, 2008). Destaca-se o poder subjetivador dos discursos das ciências, ao verificar que as pessoas trans, frequentemente, se utilizam dessa ideia, por eles propagada, para versarem sobre as experiências com seus corpos, revelando sentirem-se em um corpo errado por estar em desacordo com algo que está “dentro” de si. Ressalta-se que Laila demonstra consciência de possíveis danos à sua saúde associados a ingestão ou uso desregrado das tecnologias disponíveis; mas quando afirma, por exemplo, que ingeriu via oral uma ampola que seria injetável, ela está nos falando de prioridades. Sobre isso, Pelúcio (2009) esclarece, com base em um de seus Estudos sobre travestilidades, que parece se produzir um conhecimento próprio sobre hormônios e demais tecnologias, cooptados de diferentes fontes e com lógicas distintas, mas que a elas parecem conciliáveis e que são verificadas de acordo com sua eficácia. Foi possível constatar isso com as participantes usuárias do Espaço Trans, em que elas demonstram um conhecimento bastante aprofundado que foram apreendidos, construídos e propagados entre elas mesmas, nos grupos de pares, que provêm de fontes científicas ou da própria experiência empírica com o uso de substâncias e intervenções. Pelúcio (2009) atenta que muitas vezes programas preventivos em saúde não são eficazes com grupos travestis

porque eles desconsideram esse conhecimento construído, bem como, a forma dessas mulheres vivenciarem seus corpos e entender a saúde.

Estamos tratando do corpo e da produção de subjetividades na sociedade de consumo, e de como os discursos sobre o consumo geram conceitos como o de feminilidade voltados ao ato de consumir. Assim, neste ponto convém refletir sobre o conceito de Simulacro trazido por Baudrillard (1995), se o corpo é o espaço de fora é porque ele é o que aparece, o que se mostra, ele seria, portanto, o elemento capaz de expor ou representar aquilo que está lá, ocultado. O simulacro é a ideia de produtos culturais dissimulando a presença de um elemento, que não está mais lá ou que nunca esteve, esse disfarce se dá de forma tão perfeita que o elemento parece estar ainda mais presente do que sempre. Ora, não há uma feminilidade por natureza ou essência, como já foi há muito tempo denunciado pelo feminismo. Nesse sentido, cabe analisar a ideia de um simulacro de feminilidade que cria aquilo que supõe representar. Quando se diz “supõe representar” é para reiterar que esse teórico não trabalha com a ideia realidade e possíveis representações dela, logo os simulacros não são mediações do real, pois a realidade não se faz importante para a compreensão da existência. De fato, para este autor a característica fundamental de uma sociedade atual é o fato dela ter trocado a ideia de realidade e significados por símbolos e signos que transformam a experiência da existência em uma simulação da realidade. É exatamente isto que viabiliza que a sociedade atual seja uma sociedade de consumo e o simulacro feminilidade seja estimado para o consumo estético. O que está “dentro” pode ser colocado para “fora”, mas não sem a ajuda do consumo e do uso de certas tecnologias e biotecnologias corpóreas, que funcionam na mesma lógica de mercadoria e se disponibilizam na sociedade contemporânea, no caso ilustrado: os hormônios.

E é se valendo disso, que se estabelece uma contínua impressão nos corpos da tal inteligibilidade cobrada, que se apresenta como busca pela coerência sexo-gênero-desejo, conforme discutimos. Ainda sobre inteligibilidade, uma breve discussão surge no grupo diante de uma situação exposta por Laila:

Laila: “Teve uma menina que se operou e continuou usando roupa de homem, e eu pensei que ela era um homem trans e tratei ela no masculino. Era roupa de homem normal. Ela ficou toda desconfiada e minha amiga me disse que ela era uma mulher trans. Todo mundo reclama com ela porque ela continua se vestindo como homem. ”

Bárbara- “Eu me vi nessa moça agora”

Laila- “Mas você se veste como mulher sim, usa blusa feminina, tem a unha pintada, já ela não, ela se veste como um rapaz. Eu pedi desculpa pra ela porque fiquei sem jeito. ”

Pesquisadora: “Para você a cirurgia remete uma feminilidade que tem que se refletir na aparência, mas ela pode querer não associar a cirurgia com aparência. Não podem ser coisas totalmente distintas?”

Bárbara: “Sim. Como tem mulheres cis bem masculinas.”

O estranhamento diante da mulher que faz a cirurgia de transgenitalização, mas continua utilizando roupas “masculinas”, nos permite refletir sobre os códigos de masculinidade e feminilidade. Os protestos para que ela se vista conforme seu gênero, uma vez que já readequou o seu corpo, se mostram na frase “todo mundo reclama com ela”, e nos fala da exigência de que cada categoria se (re) produza, no vestuário que lhe foi designado.

A fala de Bárbara, entretanto desvincula a noção de beleza, estética ou relação com aparência física ao ser mulher, ao afirmar que: “eu sinto comigo que é como se fosse como a mulher cis, não vejo diferença (...) me reconhecer como mulher, ver mulher à minha volta e saber que temos um gênero em comum, não importa o que pra você é ser mulher ou pra ela é ser mulher.” Mesmo não sabendo ao certo nomear o que caracterizaria sua “mulheridade”, conforme ela mesma denominou, a assertiva aponta para um entendimento que se mostra um tanto mais fluido e plural que as demais, ao indicar que há uma concepção para cada pessoa. Vale ressaltar que Bárbara e Laila têm trajetórias diferentes, enquanto Bárbara começou o processo de transição¹⁷ há poucos meses, e por meios formais, encaminhou-se ao Espaço Trans e apenas ali começou o uso de hormônios de forma orientada; Laila desde a adolescência convive com outras pessoas transgêneras, orientada pelas amigas trans e travestis sobre o processo de transição desde o início, tendo sido rechaçada pelos familiares ao se mostrar transexual, passou pela experiência da prostituição durante o processo. Ela vivenciou uma forma de sociabilização que interfere na sua forma de compreender sua transexualidade e de vivenciar seu corpo, as pressões estéticas e as exigências de erotismo.

Foi possível identificar nesses discursos toda uma série de estereótipias ditas como características de feminilidades, ponto comum na fala das mulheres trans. No diálogo abaixo, Laila pontua comportamentos padrões que atuam como indicadores de feminilidade desde a infância e adolescência:

Laila: “Eu já era afeminada já.”

Entrevistadora: “Quando você diz afeminada, você está querendo dizer o que?”

¹⁷A transição é um processo que envolve a aquisição de caracteres primários e secundários da sexualidade designada no nascimento, por meios de diversas técnicas biomédicas, como: hormonização, cirurgias e etc...

Laila: “Já tinha cabelo grande e já fazia a sobrelhaça (..) eu via minha mãe tirar e tirava tbm (...) usava roupa apertada, não gostava de roupa folgada, usava calça apertada (...) eu brincava de panelinha quando era criança, pegava boneca do lixo, botava toalha na cabeça para dizer que tinha cabelo grande (...) jogava de bola com meu irmão, mas toda vez que eu jogava de bola com ele, ele me dava uma pisa, porque eu não jogava direito. Ele me deu uma surra que quase quebrava meu nariz”

Entrevistadora: Você acha que ele te batia no sentido de te “educar” pra ser como ele?

Laila: “Era. Porque os amigos dele tava do outro lado e diziam: ‘olha a irmã de Marcelo.’”

A violência que Laila relata por não expressar a masculinidade (saber jogar bola e não ser “afeminada”) exigida por outrem, a coerção social que seu irmão sofreu pelos pares, por ela não exibir essa masculinidade, desemboca em atos de violência física, frequentemente, sofridos por mulheres trans ou travestis. Tais atos são concebidos pelos violentadores como forma de punição e pedagogização desse corpo por romper com certas normas. Em última instância, são corpos que representam uma ameaça ao sistema hegemônico dominante e heteronormativo sobre o qual discutimos.

Ora, sabemos que o consumo de feminilidades se dá antes por intermédio do consumo de ideias sobre ela, de atitudes, de posturas e percepções que giram em torno do seu ideal, e só depois pela aquisição e uso de produtos e serviços que a signifiquem. Na sociedade de consumo tudo pode e deve ser consumido, não reduzindo ao ato de comprar que é apenas expressão final de toda uma rede discursiva de signos-bens, em que tudo se torna mercadoria em última instância.

É importante pontuar também, que apesar de verem as feminilidades da maneira como ela é vendida na sociedade de consumo (e patriarcado), naturalizadamente, é característica inerente às transexualidades o potencial de romper com essa concepção, e as próprias mulheres trans evidenciam isso ao, como diz Le Breton (2007), produzirem, permanentemente, feminilidades, ao promoverem a redefinição de seus corpos, com o uso apropriado de signos. Há uma denúncia velada de que existe algo que não é natural como se pensa, tendo em vista que pode ser comprada, construída e reconstruída por meios dos corpos e de sua estética. Sobre isso, trataremos a seguir.

5.2.1.3 “De mutante à princesa”: tecnologias corporais/estéticas e a manufatura de si

A ideia de manufatura nos remete ao período em que os produtos necessários à vida eram feitos à mão, o que indica a própria etimologia da palavra; entretanto após a revolução

industrial com o advento das máquinas, manufatura passou a significar também: produção padronizada e em larga escala com auxílio de tecnologia. A palavra nos parece pertinente por remeter à própria ideia de construção, por se remontar ao início de uma era de produção capitalística dos bens que nos transformou e por apresentar essa dubiedade de sentidos que engloba o que é “feito à mão”, mas também pode ser entendido como produção padronizada e em série. Parece uma analogia adequada com a produção de si por meio de intervenções, pois como refletimos anteriormente, a produção da subjetividade na sociedade de consumo é uma atividade contínua e delegada ao indivíduo, que não pode ser realizada sem que ele mesmo seja colocado como mercadoria (BAUMAN, 2008). Manufaturar-se aqui aponta para a produção de si “pelas mãos” da própria pessoa, mas que faz uso dos mesmos “meios de produção” (tecnologias) de todas as outras pessoas - não é um trabalho artesanal – com vistas ao paradoxo de se padronizar para pertencer e para se diferenciar, ao mesmo tempo, tal como Bordieu (2011) concebe o consumo. No nosso caso, com vistas a se adequar e se readequar através do consumo de tecnologias voltadas à beleza e a reinvenção do próprio corpo com diversos fins.

Tecnologias corporais/estéticas dizem respeito àquelas tecnologias que visam a transformação corporal por objetivos vários. O que ocorre é que - pelo menos no que retrata o discurso das mulheres trans, nosso foco - não é possível estabelecer fronteiras rígidas sobre o que seria uma intervenção corporal com fins estéticos, daquelas que ambicionam obtenção de feminilidade (uma vez que a questão estética já se encontra implícita nesse conceito, conforme analisamos) ou a readequação do corpo de acordo com sistema sexo-gênero, entre outros. Vale ressaltar que se concebe tecnologia, não como uma tecnologia que modifica uma natureza dada, mas que produz aquilo que modifica (PRECIADO, 2014). Para Preciado (2014), o grande diferencial da perspectiva de tecnologia foucaultiana é não se embasar na técnica como mero conjunto de objetos e instrumentos, mas como dispositivo complexo de poder-saber que compreende discursos, regulações, regimes de verdade e outros. A autora ressalta ainda os quatro tipos de técnicas de que trata Foucault: as de produção, de sistemas de signo, de poder e as técnicas de si. É nessa última que iremos nos deter.

Os meios de modificações corporais podem ser entendidos a partir do que Foucault designou como tecnologias do eu. Rocha (2005) afirma que atualmente o consumo e a cultura de massa se tornaram uma das principais formas de construção de subjetividades contemporâneas; já as técnicas corporais, não são uma invenção dos nossos tempos, existiram em diferentes sociedades e locais ao longo da história (KONDRATIUK E NEIRA, 2013).

Entretanto, contemporaneamente, as técnicas corporais refletem uma forma de produção de si que é disponibilizada pelo consumo, passando por ele.

Foucault em uma de suas definições das tecnologias do eu ou técnicas de si, as designa como conjunto de procedimentos que “são propostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de um certo número de fins, e graças a relações de autodomínio ou de autoconhecimento” (FOUCAULT, 1997, pp. 109). As intervenções corporais partem certo grau de participação ativa da pessoa enquanto sujeito, como remete o conceito foucaultiano; enquanto a atividade de consumir, por sua vez, reporta maior passividade, ainda assim há sempre espaço para confronto e mudança. Conforme Mathias (2004), as técnicas de si na Grécia, analisadas por Foucault demonstram que se as pessoas se submetiam ao poder, também poderia esculpir a si próprio, e que nem sempre se esteve subjugado a interesses econômico da mesma forma que não se era dominado sem que houvesse resistência. As técnicas de si permitiam, portanto, espaço para transformação.

Se o corpo materializa o gênero desejado, é por meio de sua contínua transformação que é possível se aproximar não só do gênero, mas da estética, das outras pessoas, e de si mesmo dada a ausência de outras referências subjetivantes. Ora, transformação é a matéria de que é feita o dispositivo da transexualidade, embasada no conceito de dispositivo de Foucault e na concepção do sistema sexo-gênero de Butler, Bento (2006) informa se tratar de um conjunto heterogêneo de saberes produzidos e reproduzidos em práticas e discursos que servem para regular corpos trans, e principalmente, trazê-los à normativa heterossexual a partir de intervenções corporais. Ou seja, conjunto de práticas no contexto da sociedade atual para alcançar a coerência desejada, e antes de qualquer coisa, exigida pela heteronormatividade. Desta forma, apontar a inadequação de pessoas transexuais e demais grupos subordinados, é mais que conveniente para os discursos que constroem o corpo-consumidor, e que induzem ao consumo, uma vez que isso leva consumo exacerbado, regulação e subordinação. Do que mais o mercado se utiliza, senão da busca contínua e interminável (por seu caráter de impossibilidade) por perfeição.

Por conseguinte, é necessário pontuar que a busca, aparentemente, voraz por produtos e serviços estéticos, por parte de mulheres trans, tem seu fundamento nas condições em que são produzidas essas subjetividades pelos diversos dispositivos, pelos lugares de rechaço e marginalidade em que frequentemente são colocadas. O próprio movimento de se mostrar pela primeira vez aos outros como mulher trans, ou assumir-se nessa condição, aparece no

discurso das participantes relacionado à algum marco de produção estética¹⁸, que se mostra análogo a um símbolo de um ritual. Como revelam Jeniffer e Bárbara sobre esse momento:

Jennifer: “O cabelo foi extremamente significativo. No dia 02 de setembro comprei cabelo, e fui para o salão pra colocar o ‘mega hair’. Para mim foi como ter colocado as próteses e a transgenitalização.”

Bárbara: “começou com o cabelo, que foi quando foi aparecendo a minha feminilidade. Para mim foi o marco. A descoberta da minha mulheridade foi com o cabelo.”

Laila: “Eu fui para uma festa vestida de mulher e com um salto bem grandão e meu primo me viu, e disse que ia contar pra todo mundo. Foi ali que começou a batalha, começou minha guerra.”

Jennifer equipara a produção do seu cabelo, um procedimento estético relativamente simples à colocação das próteses de silicone ou mesmo à cirurgia de transgenitalização, nos informando o caráter simbólico da aquisição de um signo de feminilidade como os cabelos longos. Já Laila afirma que sua batalha inicia no momento em que foi revelada à família “vestida de mulher”, nos traz a questão de como o ritual de consumo de uma determinada estética aponta para o outro o lugar que se está ocupando. Se for um lugar fora da norma, ou como nos diz Butler (2003) de abjeção, é preciso preparar-se para travar batalhas e guerras.

Dentre as práticas de consumo estético, muitas são voltadas tanto para assegurar a feminilidade (conforme esta é entendida por elas) como para rechaçar sinais tidos como inerentes à masculinidade. O que pode ser ilustrado com a discussão sobre os pelos corporais:

Laila: “Já fiz 3 anos de depilação a laser” (...) no meu rosto, de laser, eu gastei... acho chegou a uns dez mil, e antes de voltar ao Brasil ainda fui lá pra fazer a última. Pode queimar o rosto todinho. Parece que o laser até melhora a pele” [risos].

Gal- “eu perguntava à minha mãe por que eu tenho tanto pelo no rosto se meu hormônio é todo feminino?”

Entrevistadora: A questão dos pelos no corpo parece problemática para vocês

Laila- “é trauma pra gente, não é problemática não [risos]. Eu ia colocar silicone industrial, quase coloquei, mas tinha uma amiga que teve problema e me mostrou, ela tava podre. Na hora fica bonita, mas o corpo vai rejeitando (...) cheguei muito próximo de fazer (...) eu via todas colocando, aí eu pensei ‘vou colocar também’, mas eu desisti depois que a menina me mostrou e gastei o dinheiro todo com laser.”

¹⁸Compreende-se aqui a produção estética como uma forma de intervenção corporal, pois, se o caráter de permanência poderia diferenciar uma da outra, vemos que na sociedade contemporânea não há mais transformações irrevogáveis, a fluidez rege essas intervenções.

Os pelos, principalmente aqueles que aparecem no rosto, se colocam como questão delicada para as participantes, levando a um investimento financeiro avaliado por elas como alto em serviço estético. É interessante notar como Laila se refere ao procedimento, no sentido de afirmar que estava disposta a sofrer algum dano de saúde para realizá-lo, contudo nenhum dano ocorreu e ela chega a afirmar que isso parece até melhorar sua pele. A fala de Gal nos introduz um questionamento sobre sua feminilidade a partir da constatação de pelos no rosto. Os pelos revelam masculinidade, logo os procedimentos estéticos voltados a eles têm a função de ocultação de caracteres masculinos

O uso dos hormônios é extremamente valorizado entre as participantes, é tido por muitas como “onde tudo começa”. Eleito por elas, como o meio por excelência para obtenção de feminilidade, o interessante de se notar é que parece não ter um limite para a obtenção de feminilidade. Hormônios parecem sempre bem-vindos cada vez mais e mais fortes, a eles são atribuídos até caracteres “mágicos” assim como se vê no discurso midiático sobre certos produtos, nos quais se imprime características “salvadoras”.

Joice: “Se a gente interrompe o hormônio vira um mutante, quando voltamos a usar, viramos uma princesa” (...) é uma poção mágica. Com hormônios a gente não precisa nem ir em salão, fazer limpeza de pele. Os homens nos olham nas ruas. A gente usa hormônio para ficar mais sedutora. ”

Laila: “A partir dos 14, 15 anos conheci umas ‘meninas’¹⁹ que me indicaram hormônios. Eu tomava hormônios escondido da minha mãe (...) pegava dinheiro com minha mãe pra ir pra farmácia(...) me prostituía com moto taxista e aquele dinheiro que eu ganhava já era meu hormônio. Ficava feliz. ”

Aos hormônios só é dada a função de ocultação de masculinidade, mas equivale a um procedimento estético que a rigor, não tem ligação ao processo da transição, mas adquire a mesma função. As consequências desses repertórios sobre os hormônios se apresentam no uso arriscado e excessivo, ou na tomada de decisões como a que Laila nos revela; a sua introdução na atividade de prostituição tinha um único fim de obtenção de dinheiro para aquisição dos hormônios, posteriormente permaneceu na atividade por questões outras que perpassam a marginalização das subjetividades trans.

À analogia ao mutante é expressiva, pois essa figura tem a conotação principal de anormalidade, e pode mostrar como a experiência das mulheres trans está atrelada ao que Butler (2003) denuncia como sendo a visão vigente sobre as pessoas transgêneras: seres

¹⁹ É o modo como ela se refere a mulheres trans e travestis que se prostituem.

abjetos, desprezíveis ou degradantes. Ao mesmo tempo, o mutante também é representando na cultura pop, em filmes e histórias em quadrinhos, como um ser com poderes extraordinários. O mutante é singular, não há muitos outros como ele, e contém em si a possibilidade de superar certas limitações do ambiente. Como revela Butler (2003) são esses corpos marcados pela anormalidade, porque são forjados “inadequadamente”, que fornecem as fronteiras da normalidade, pois é em oposição a eles que se pode designar o que é normal; ao mesmo tempo têm o potencial de ruptura com essa ordem por revelar a fragilidade dela. Assim também propõe a teoria *queer*, subvertendo o termo *queer* que pretende denotar ridículo, bizarro ou estranho, e ao ser adotado por certa vertente do movimento homossexual se ressignifica e coloca-se como aquele que se impõe contra a lógica normativa (LOURO, 2001). A princesa, por sua vez é o símbolo feminino ideal, ou seja, possui todas as características secularmente estimas e exigidas para uma mulher: beleza, delicadeza e submissão. Não à toa, após muito sofrimento, nos contos de fadas recebe sua recompensa última e final que é ser salva por um príncipe. A princesa é uma figura emblemática

Além dessas atribuições ao consumo de hormônios, ainda se considera que ele leva a um nível estético que, de acordo com elas, é responsável até por lhes conferir poder de sedução:

Gal- “Depois dos hormônios um rapaz que nunca falou comigo, chegou dizendo: Ô Gal, você está tão gostosa. ”

Pesquisadora: “Você acha que foi por causa dos hormônios?”

Gal- “Foi por causa dos remédios [...] depois que comecei a tomar remédio (hormônio) parece que fiquei mais mulher, fiquei com mais peito, mais bunda”

Jennifer – “É sim. Parece que eles sentem o cheiro menina [...] mesmo quando eu ainda tava mais masculina, no começo que comecei usar, eu já via os caras chegarem mais [...] passou na BR ninguém buzinou: preciso tomar hormônios”

Laila- “Quando eu paro de tomar hormônio, eu fico meio depressiva. É psicológico. ”

Aqui vincula-se o processo de hormonização a uma função de erotismo que, conforme vimos, permaneceu vinculada à mulher mesmo após a emancipação feminina e a revolução do consumo (BAUDRILLARD, 1995). Os hormônios também podem ser vistos como objetos-signos, pois assim como outras mercadorias voltadas a mulheres, parecem oferecer uma promessa de poder de sedução, e têm a mística que envolve outros bens voltados para este público, como por exemplo, os perfumes voltados para as mulheres que frequentemente evocam a capacidade de atração sexual do sexo oposto de suas fragrâncias, em suas propagandas - o “cheiro de menina” do qual trata Jennifer. Dentre as motivações para o

consumo de hormônios estão aquelas que buscam garantir efeitos afirmativos (ou seja, para alcançar certas coisas): como obter mais a “feminilidade”, ou efeitos negativos (no sentido de “bloquear” o que não se quer) como impedir o surgimento de características consideradas por elas como masculinas.

Pesquisadora- qual sua expectativa com hormônios?

Bárbara- afinar os traços, ficar mais feminina, redistribuir a gordura, mais quadril, menos abdômen.

Alana- abdômen não viu. Mas, o quadril sim.

Jennifer- abdômen é proporcional ao que você come.

Pesquisadora- e os traços? No rosto?

Bárbara- Sim. Na testa, mandíbula

Pesquisadora - O que ocorre com a mandíbula?

Jennifer- é que aqui fica mais cheio de carne (maçã)

Pesquisadora- aí fica mais feminino?

Bárbara- sim

As próteses de silicone nos seios também é uma intervenção de grande relevância para as participantes no grupo. Se os hormônios são um meio para chegar a signos de feminilidade, os seios são um fim. Conforme revelam nas suas falas:

Bárbara: “ O meu marco de feminilidade é a prótese de silicone. ”

Pesquisadora: “O que você espera com a cirurgia de prótese de silicone nos seios? ”

Bárbara: “Quero me sentir mais confortável comigo mesmo. ”

Participante 2: “ Para mim, ser mulher é ter seio, pele lisa. ”

Jennifer: “os seios eu acho o principal. ”

Os seios parecem signo fundamental de feminilidade, dessa forma o consumo de próteses de silicone se revelam como desejado por todas, e aumentando seu grau de relevância se a mama já presente nelas, se apresentar em um tamanho insatisfatório para seus parâmetros.

O desejo por cirurgia de transgenitalização, por sua vez, só é uma questão importante para algumas das entrevistadas, dentre os procedimentos citados o que menos atrai o desejo das participantes ou que se apresente como promessa de grandes transformações para elas. Há também o receio por ser um procedimento considerado agressivo. Diferentemente dos outros procedimentos, a cirurgia de transgenitalização não parece despertar discursos mais passionais e entusiasmados, as respostas sobre sua expectativa parecem vagas e nebulosas. Como Alana

hesita: “hmm... minha expectativa? Ainda tô um pouquinho confusa, o que eu tenho como certo é ter uma aparência... ter uma vagina... pra me vestir melhor. ”

Para algumas significa reiteração da sua condição de mulher, como para Gal que no momento dos grupos se encontrava prestes a realizar a cirurgia, questionou-se a ela se ela sempre quis fazer a cirurgia, ao que ela responde: “sempre quis ser totalmente mulher”. Laila era a única participante que já tinha passado pela cirurgia de transgenitalização no grupo, quando foi questionada se tinha alcançado o que almejava com a cirurgia, ela relata: “Eu tô normal, mas a sensação é que eu tô livre. Me visto na frente da minha mãe, quando eu tiver alguém ficar totalmente pelada. 3 anos fiquei com meu namorado e não fiquei totalmente pelada na frente dele”. O que Laila nos pontuou a respeito de suas expectativas sobre a cirurgia era o desejo de se completar o seu processo de “tornar-se mulher”, além de ter liberdade de estar nua com o par sexual, questões que também foram pontuadas por outras mulheres no grupo piloto²⁰ acrescentando, inclusive, o desejo de usar roupa de banho na praia sem sentir vergonha. Desse modo, ela afirma que conseguiu a desejada liberdade de estar nua em frente outros, por exemplo, mas continua sentindo-se a mesma pessoa: “não mudou nada em mim, eu tô normal”. É como se houvesse uma promessa implícita de transformação pessoal, mas não foi o que Laila experimentou ao término do processo.

Apesar de considerar que não houve mudanças significativas em sua vida, a liberdade da qual versa Laila nos fala da importância que tem para ela possuir uma vagina no lugar de um pênis: equivale ao parecer anatomicamente com uma mulher, na concepção mais naturalizada desta. O sentimento de vergonha impera sob o ato de ocultação da genitália para as pessoas próximas como a mãe, o namorado; vergonha está atrelada à culpa de não ser como deveria seria, como é exigido pela ética heteronormativa; a culpa é individualizante no sentido de que não critica a forma como a sociedade designa arbitrariamente o que é ser homem ou mulher. Além disso, acresce-se a questão da estética na sociedade de consumo que remete ao perfeito (definido por modelos), e pela questão da ocultação de tudo que revele qualidade não-desejável estabelecido para determinado corpo. Fala-se, portanto, do que se determina como norma de estética para um corpo que se coloca para regulação.

5.3 Entre “peitos, poses e apelos”: pensando a normatização estética no discurso de mulheres trans

²⁰Ver capítulo metodológico

Pensar como as mulheres trans percebem a propagação de padrões estéticos, bem como reagem a eles é importante para entendermos a intensidade com que se atende, ou se permite regular por essas normas, quais as repercussões disso e quais as possibilidades de estabelecer formas de contornar essa regulação e controle via padronizações próprias da sociedade de consumo. Se para mulheres cis ser bonita e seguir padrões revela-se como questão fundamental para apropriar-se de certas recompensas sociais, materiais, emocionais (MOREL, 2014), para as mulheres trans, da mesma forma, a estética se coloca enquanto imperativo, com alguns intensificadores como o fator passabilidade²¹, além do fator beleza. Imbricam-se a empresa de performatizar seu gênero e ainda ser/parecer bela.

A normatização corresponde ao estabelecimento e a instauração de normas a respeito de determinado fenômeno, o tomamos a partir da perspectiva foucaultiana que retratou de que forma as disciplinas produzem corpos docilizados, ou seja, domesticados conforme o interesse do poder por meio de sanções normalizadoras; de regras, saberes e verdades que colocavam à margem quem nela não se adequava e que puniam quem delas se afastavam, é por meio do estabelecimento das normas que se pode comparar, homogeneizar, hierarquizar e gerenciar as diferenças. No campo da beleza, os discursos normatizadores têm efeitos nas relações de poder, e abrangem a todos que delas participam, efeitos que engendram realidades permitindo o exercício do poder através de regras estéticas interiorizadas e reproduzidas pelos indivíduos assujeitados (FOUCAULT, 2003). Conforme discutiu-se no capítulo 4, o corpo feminino vem sendo, pelos diversos motivos tratados, alvo prioritário de regulação e normatização pelo viés da estética e os apelos do consumo e da cultura de massa.

5.3.1 “Sou bonita e tô passando”: Analisando o manejo dos discursos sobre padrões estéticos

Mostrou-se notório o conhecimento das mulheres trans participantes sobre o que considerado predominantemente belo na nossa cultura e tempo histórico, bem como, a forma de manipular a lógica de significações de forma a utilizar tal conhecimento como ferramentas a seu favor. Notou-se, portanto o seguimento de uma série de códigos de condutas que respondem de variadas formas à normatização dos corpos pela produção e consumo estéticos.

²¹É um termo comumente usado entre especialistas, militantes e transgêneros e não-transgêneros para designar: “passabilidade traduz o quanto uma pessoa transgênera se parece fisicamente, se veste, fala, gesticula e se comporta de acordo com os estereótipos do gênero oposto ao que lhe foi consignado ao nascer (LANZ, 2014, pp.129)”. Ter passabilidade, é, portanto, ser reconhecido como em conformidade com as normas de gênero e quanto mais passável, mais aceita a pessoa é.

A questão da produção estética se mostra desde a indagação inicial da discussão sobre o que é ser bonita.

Jennifer- É a pessoa que aproveita aquelas características que seu corpo tem né?! e que valoriza (...) uma gordinha que usa uma roupa do jeito que ela quiser, mas que valorize o corpo dela também, que esteja só naquele padrãozinho, uma mulher negra que usa uma tiara. Para mim ela tá sendo linda dentro daquilo que ela tá à vontade.

Alana – Cada um tem seu estilo né?! A pessoa que se cuida né?! Dentro do que você é.

Pesquisadora - quando tu falas valorizar, por exemplo uma pessoa gordinha, o que ela pode valorizar?

Jennifer- Então, seios. Seios grandes, mostrar, não esconder totalmente como a maioria faz, botar vestido e esconder porque é gordo. Geralmente tem uma tendência... eu acho que uma gordona pode usar um shortinho sim e dar seu close com seu ‘bumbunção’. Mas elas não são incentivadas a fazer isso. Quando eu vejo elas se jogando, aí eu acho que ela tá sendo bonita.

Pesquisadora- o que é dar close?

Jennifer - se mostrar, aparecer, mas não se mostrar no sentido... Se mostrar mesmo, dar close: ‘eu sou bonita e tô passando’.

Bárbara- ser bem resolvida

Laila- mostrar que é bonita

Nota-se uma associação entre o “mostrar” e “valorizar”, ora valorizar é atribuir valor a algo, já se mostrar tem sentido de se fazer ver ou permitir que vejam, não são, a rigor, palavras sinônimas, mas sua associação remete uma característica inerente e fundamental à sociedade contemporânea: a exibição, ou melhor, o espetáculo. Guy Debord (1997) aprofunda a ideia marxista de fetichização da mercadoria, para ele o mundo do espetáculo é o mundo da mercadoria e o valor de uso está imerso em significações colocadas pelo espetáculo e que servem a objetivos do consumo. Assim, torna-se fácil a associação entre o mostrar e atribuir valor de uso, no caso das falas destacadas o valor é atribuído a si mesmo, via corpo e espetáculo, como mercadoria que somos em tal contexto. Goldenberg e Ramos (2002) nos fala de uma nova moral instaurada sobre o corpo, se antes limitava-se a não-exposição dele, agora deve-se expô-lo, no entanto, não sem a observância de algumas regras como observamos nas falas. A “boa forma” relatada pelos autores ainda impera como padrão estético no Brasil.

Ao serem questionadas sobre exemplos de mulheres que consideram bonitas ou referência de beleza, todas as participantes citaram atrizes ou artistas embora elas pudessem ter citado quaisquer pessoas, inclusive do seu convívio social e/ou familiar. As celebridades

referidas foram: Nicole Bahls, Carolina Dieckmann, Ellen Roche e Helen Ganzarolli. Mulheres jovens e brancas, sendo que duas delas foram consideradas magras e as outras duas como tendo um físico atlético ou “malhadas”, três delas possuem olhos claros (verdes ou azuis) e uma olhos castanhos escuros. As características que as participantes citaram para informar o que consideravam que as transformava em modelo de beleza foram: traços do rosto, o corpo malhado, o jeito de se vestir e falar e a “mentalidade”. Sobre esses últimos, Alana declara a respeito da sua escolha por Nicole Bahls: “eu acho ela diferente, não é só o corpo dela, ela se destacou. Não é só o corpo, é a mentalidade dela”; e Bárbara, a respeito de Helen Ganzarolli: “o jeito que ela se veste e fala. Parece confortável, não parece ser por uma imposição”. Além disso, a expressão “dar *close*” aliada a ser “bem resolvida”, destacam atributos de beleza não atrelados à materialidade do corpo, como a maioria referida, mas dizem respeito a características abstratas e remetem a um discurso “psi”. Conforme ressalta Ribeiro (2003), o corpo feminino sempre foi alvo de intervenções médicas, a novidade contemporânea concerne à introdução de outro discurso ou à passagem de um discurso biologizante para os discursos predominantemente “psi”. O que se expressa nessas falas das participantes é que a beleza é atrelada a modos de ser que refletem que as celebridades são diferentes, não se permitem submissão, parecem “confortáveis”; essa subjetivação da beleza traz implicações para o processo de intervenção corporal estética e, conseqüentemente para o consumo estético; principalmente porque, como reflete a autora, a responsabilidade de ser bela recai sobre o sujeito, sendo a máxima: “as tecnologias estão à disposição só não lança mão quem não quer” um imperativo que se estabelece como poder e como dever.

Questionou-se as participantes seus desejos sobre mais procedimentos estéticos cirúrgicos, foi mencionada a rinoplastia (cirurgia plástica para mudança da estética do nariz), blefaroplastia (cirurgia que levanta a sobrancelha e permite que apareça o côncavo dos olhos), o silicone nos seios, mais uma vez, foi ressaltado como de essencial relevância para dirimir incômodos com seu corpo, e foi cogitada a feminilização facial (cirurgia plástica que implica afinamento dos traços do rosto de modo a alcançar padrões indicados como femininos), com algumas ressalvas pelo caráter invasivo de tal cirurgia. Embora, as outras cirurgias também envolvam riscos algumas são consideradas por elas como mais arriscadas que outras e exigem maior reflexão. O acesso também não é fácil, pois elas não conseguem orçamento próprio para fazer de forma particular, o Espaço Trans oferece alguns desses procedimentos, mas a espera é longa e desestimula o desejo por eles. Foi levantada a discussão sobre expectativas

em torno de todas essas transformações, em geral se espera algo em maior ou menor intensidade:

Pesquisadora- E se cada uma de vocês já tivesse feito tudo que querem, o que melhoraria na vida de vocês?

Jennifer - Autoestima

Laila - Para mim não mudava nada não.

Alana - Muda autoestima e vou falar a verdade: beleza abre portas

Pesquisadora- Que tipo de portas?

Alana - é emprego, é namorado, é tudo (...) ninguém consegue nada só com beleza, mas se aliar uma coisa com a outra (...) muito útil mesmo, pra eu me olhar no espelho, você se sente mais segura com essas coisas... até pra você ir pra uma vaga de emprego

L- Ir pra praia e tirar a roupa com vontade né?! 'sou gostosa'

As expectativas sobre a beleza e o poder trazido pelos procedimentos estéticos que visam alcançá-la variaram bastante. A única que não demonstrou muito entusiasmo foi Laila que já realizou a cirurgia de transgenitalização, conforme discutimos anteriormente. O fato de já ter realizado essa cirurgia pode ter feito com que as expectativas quanto a mudanças corporais tenham sido dirimidas, ainda assim reconhece-se oportunidades trazidas por estar em consonância com esses aspectos de beleza. O consumo estético não é impensado ou impulsivo, não é interessante trazer esse viés para a discussão, pois, como pontua Peres (2005) as mulheres transexuais que expressam um corpo belo e sedução recebem em troca aceitação e respeito. Elas sabem/vivem as consequências de terem corpos que não se enquadrem no padrão normativo, e caso também não se enquadrem em padrão estético vigente, seja por não compreender as normas que o regem ou por não desejarem nele se encaixar, elas precisarão redobrar forças para o enfrentamento. Não é à toa que as participantes que demonstram levar mais à sério os padrões estéticos confessaram não serem adeptas do confronto direto quando sofrem algum tipo de preconceito ou violência, preferindo submeterem-se aos códigos, mas não apenas assujeitando-se a eles, usando-os de forma estratégica. Um exemplo disso, é quando Alana nos relata que se produz mais esteticamente quando precisa mostrar seu documento de identificação com nome de registro (masculino) em alguma Instituição, ela diz saber que será o centro das atenções, poderá sofrer constrangimentos e acredita que estando mais bonita (conforme os padrões convencionais e normativos de beleza) sentir-se-á mais segura para o confronto pelo qual passará.

5.3.2 Notas sobre padrões: branquitude, juventude e magreza na sociedade de consumo

A tríade branquitude – magreza – juventude apareceu positivamente valorada nos discursos das mulheres trans, bem como, na escolha dos ícones de beleza. Não é novidade, contudo, que o padrão estético vigente em uma sociedade reflete o ideal do dominante, seu embraquecimento diz respeito ao que é desejável sob a lógica do colonizador. Desse modo, modelos europeus e norte-americanos de beleza predominam sobre o imaginário estético da população brasileira (GOMES, 2002). Mulheres loiras, brancas e magras ainda são tidas como símbolos de beleza e ideal estético a ser consumido (GOLDENBERG, 2002). A branquitude não aparece nos discursos expressamente pela valoração da pele clara, mas em atributos (tidos como bonitos e até exigidos) como “narizes franceses” e cabelos lisos características étnicas que predominam em mulheres brancas. Ao adentrar na temática da aquisição de procedimentos cirúrgicos estéticos, três das quatro participantes demonstraram incômodo com seus narizes:

Pesquisadora- Todas gostariam de realizar procedimentos?

Jennifer - eu tenho, no nariz, eu acho ele muito coxinha.

Laila – muito o quê?

Jennifer – Coxinha, acho ele coxinha. (...) acho ele desproporcional ao meu rosto (...) eu quero ele mais fininho assim, menor e aqui dar uma ‘sugada’

Alana- eu não gosto da ponta do meu nariz

Pesquisadora – qual o problema com essa pontinha?

Alana - Ela é redonda, ela não é bonita... eu quero pontudinha

Laila- é. Essa pontinha é uó mesmo, eu queria afinar assim, fazer francesinha

Pesquisadora – Tem que ser pontudinha é isso?

L- É. Tem que ser francesa, pontudinha assim

É interessante notar que na maioria das vezes, os procedimentos estéticos cirúrgicos ou não-cirúrgicos citados pelas mulheres trans visam à feminilização e beleza, que como já discutimos são conceitos distintos, mas não apartados e têm intrínsecas ligações na sociedade, como se ser mulher remetesse à beleza e vice-versa. Não há como separar apenas feminilização da beleza almejada, quando os dois conceitos se entrelaçam desde antes da sociedade de consumo, e agora se atrelam ao ato consumir, e à lógica de mercado. Entretanto, ao se referir aos narizes não se fala de feminilização, mas de afilamento e de diminuição. Se observarmos sites de cirurgia plástica, ou matérias em geral sobre rinoplastia o nariz negro surge, sem pudores, como um dos modelos a ser corrigido, logo destaca-se a necessidade de atingimento de ideal padronizado que é eminentemente branco. O padrão se invisibiliza pelos discursos psi, ou seja, torna-se questão individual que se refere a se “sentir bem” ou melhorar

a autoestima. Ressalta-se que Laila e Alana se declararam brancas; enquanto Jennifer se diz parda e Bárbara não declarou raça ou etnia.

A respeito do cabelo liso, não há uma verbalização expressa sobre os demais cabelos não serem belos, contudo algumas falas relatam o preconceito que já sofreram ou que os outros sofrem por não ter cabelos lisos e há afirmações de que não usariam os cabelos de tal forma. Na técnica de exibição de figuras, uma das imagens mostradas revela uma modelo com cabelos crespos, foi solicitado a elas que versassem sobre a estética da mulher representada da forma como lhes viesse à mente.



Figura 5 – Mulher cabelos escuros e crespos

Fonte: <<http://jubahamld.blogspot.com.br/2013/01/>>

Ao mesmo tempo em que surgem falas que dizem ser bonito, vêm falas que remetem à problemática que significaria usar tal cabelo, o preconceito e as valorações de “bom” e “ruim” aparecem como algo que desestimula o uso de cabelos “não-liso”. A respeito da Figura 5, foi dito:

Bárbara - um afronte

Pesquisadora – Por que um afronte?

Bárbara – Por que é afro, um enfrentamento!

Alana – é bonito também, mas vai ser vista diferente na sociedade vai sofrer preconceito.

Laila – Vai chamar atenção (...) tem pessoas que ‘vai’ elogiar e tem pessoas que vai criticar também

Jennifer – É. Vai fazer piada.

Pesquisadora- de que tipo?

Laila – ‘Cabelo de fuba! Cabelo de Bombril! ’.

Alana- Na minha família todo mundo teria preconceito. Meu cabelo antigamente era um pouco cacheado e eu já sofria preconceito. Lá em casa cabelo bonito é liso.

Laila- na minha família também tem preconceito acham mais bonito cabelo liso. Minha prima tem cabelo assim, aí minha tia dá progressiva pra ficar bom, pra ficar liso, porque não gostam

Pesquisadora – Por que vocês acham que uns são considerados ‘bons’ e outros ‘ruins’?

Jennifer- é o modelo né? O padrão!



Figura 6 – Mulher cabelos escuros cacheados

Fonte: <<http://www.behairstyles.com/braided-hairstyles-for-little-girls/>>

Mesmo dentro dos estilos afro, alguns são positivados e outros não; nesse caso a modelo representada revela um cabelo com mais definição de cachos e uma figura mais maquiada, sorrindo o que foi notado pelas participantes e positivado; a beleza foi aliada ao fator subjetivo “felicidade” demonstrado no sorriso e por ela ter demonstrado mais cuidado com a aparência do que a anterior. Mediante as positivações de Laila acerca desta estética, Alana lhe dirige uma pergunta provocadora:

Laila- Já ai. Esse já acho bonito, porque é o estilo, a beleza negra

Alana - mas tu sairia assim? [pergunta dirigida à Laila]

L- Eu não, porque sei lá, eu tenho medo do povo jogar é pedra. Tem gente que combina, tem gente que não. (...) é bonito, é estilo afro tipo Taís Araújo sabe?! (...) a outra tava parecendo que acordou e não penteou o cabelo [fez referência à Figura 5]

Jennifer – Aqui (apontando para a Figura 5) ela tá com uma cara depressiva, de tristeza, e aqui (apontando para a Figura 6) tem um sentimento de felicidade

Pesquisadora – Você usaria Alana?

Alana – Não. (...) pra mim, tá do mesmo jeito.

A provocação de Alana sobre se a colega de grupo usaria o que achou bonito é interessante, pois a resposta é negativa. Ela informa que isso faz parte de uma composição, um estilo étnico que chama de estilo afro, denotando que é bonito dentro deste estilo,

combinando para algumas pessoas e outras não. No entanto, o ideal de cabelos lisos não é colocado da mesma forma, como pertencente à um estilo ou categoria étnica, ele é tido como universal. Um dos problemas do estabelecimento de verdades e normas sobre a beleza é a universalização de modelos. É sobre isso que Foucault (2003) nos informa ao dissertar sobre o modo como os discursos reiteram verdades naturalizadas, o que torna esses entendimentos a respeito da estética, destacados das falas das participantes, uma questão política. Ocorre que, ao legitimar um modelo como universal, marginalizar-se-á aqueles que não se enquadrarem no mesmo discurso. A norma é o que vai instituir o que é normal e o que não é, relegando à margem tudo o que representar abjeções.

A magreza também é requisito bastante valorizado na sociedade contemporânea, principalmente entre as mulheres, conforme discutiu-se anteriormente é solicitado à mulher que ocupe pouco espaço simbólica e materialmente o que se reflete nas roupas justas que retêm o movimento, no modo de falar, andar e sentar e também no seu corpo que espera-se que tenha pouco volume e, do mesmo modo, ocupe pouco espaço na sociedade, como refletiu Bourdieu (2000) em sua análise sobre esse simbolismo que chamou de “confinamento simbólico”²². Goldenberg e Ramos (2002) reforçam isso, lembrando que maioria das intervenções cirúrgicas de estética no Brasil para mulheres são realizadas no intuito de diminuir alguma parte do corpo, eliminar tamanho, expressar delicadeza; já para os homens é o contrário proporções grandes são mais valorizadas. Para além disso, a valorização da magreza surge como oposição à gordura, aos excessos, como ressaltam os autores supracitados há uma aversão à gordura por ela se contrapor à ideia de boa forma. Os autores ressaltam ainda que a exigência tônus firme e rígido se aliam ao imperativo de não ser gordo. Entre as participantes surgiram algumas falas que corroboram com esse ideal de estima à magreza, e sobretudo de aversão à gordura, ao questionarmos sobre os cuidados de exercícios físicos que elas aderem:

Pesquisadora- Vocês malham?

Alana- Eu malho. Se eu não malhar eu fico gordinha. Às vezes, eu como muito. Teve uma época que eu tava bem gordinha mesmo, e muita celulite eu pego celulite fácil.

Laila - Eu também. Na coxa, aqui principalmente... horrível

Pesquisadora – Você acha feio celulite?

Alana- Acho. Porque não fica do jeito que eu quero. Fica flácido, fica feio.

Laila- se fizer assim com a coxa (balançando), a coxa balança com tudo.

²² Ver capítulo 4

Pesquisadora – E tem que ficar durinho?

Alana- É. tem que ficar durinho

Laila- O meu tá ficando mole porque já faz 3 meses que eu não faço (academia).

Quando Alana afirma que considera celulite feia, flácida porque não fica da forma como ela gostaria, de certo modo está nos pontuando o quão é indesejável a ausência de controle sobre o corpo. Cunha (2008) reflete justamente isso, o controle do corpo é extremamente desejado na sociedade contemporânea, ela ressalta que se anteriormente as dietas e os exercícios físicos serviam para controlar o desejo, na sociedade de consumo ela está a serviço de preservar o desejo, serve ao corpo belo e desejável. Goldenberg e Ramos (2002), por sua vez, lembram a simbologia colocada na gordura e na flacidez que remete à desleixo, preguiça e falta de cuidado. Em uma sociedade onde o investimento em si mesmo e na sua beleza é imperativo e se coloca como estando ao alcance de todos, torna-se obrigação manter-se belo, jovem e magro. As participantes pontuam alguns dos mecanismos que utilizam para manterem na forma corporal desejada:

Pesquisadora: Vocês fazem dieta?

Jennifer- Dieta não. Eu evito gordura e açúcar. Não quero pensar na hipótese de ser uma velha doente

Laila - Eu faço arroz com folha de couve

Alana- Eu procuro controlar. Fim de semana quando saio com meu namorado é bolo, sorvete. Eu tenho a impressão que ele quer que eu fique feia, diz que eu posso engordar

Bárbara - Eu tô pensando começar agora pra potencializar os efeitos da hormonização

Laila- hormônio dá uma estria triste na pessoa

Ainda que não façam dietas restritas, todas elas informam manter alguma estratégia de controle corporal, com finalidades de não engordar ou de manter a saúde ou ainda de aumentar a intensidade dos efeitos que os hormônios produzem. Na sociedade de consumo os regimes, conforme reflete Cunha (2008) são uma forma de regulação e de governo, mas diferem da forma de controle do momento poder disciplinar apenas, pois não se rege por mera coerção do desejo, mas ao contrário para mantê-lo, o regime (cuja etimologia da palavra refere à regulação) serve para manter o desejo no corpo aumentando seu grau, intensidade ou valor, tal como uma mercadoria. Por fim, Laila ainda emite um alerta à outra participante sobre um efeito colateral indesejado dos hormônios: as estrias. Foi mostrado a elas a imagem

da Figura 3, modelo *plus size*, solicitado que elas versassem sobre a estética da mulher representada:



Figura 7 – modelo de vestuário íntimo plus size

Fonte: <<https://www.domek.com/blog/rozmiar-xxl-w-swiecie-modelingu/61/>>

A referida imagem suscitou um diálogo no grupo acerca da beleza voltada para a sedução e atração afetivo-sexual de homens. Ressalta-se que as três participantes envolvidas nessa discussão, em particular, são heterossexuais:

Jennifer- Olhai arrasou, os ‘peitão taaa’... ai tem homem que adora e se acaba

Alana- Eu sei que tem homem que gosta não é porque tem homem que gosta que eu vou dizer que acho bonito. Apesar que ele é uma gordinha distribuída

Laila- Ela tem perna tem tudo

Pesquisadora- Os homens se acabam?

Laila- É carne né, eles querem carne, mas gente homem não tem preferência não

Alana- Vamo ser sincera gente, homem tem preferência sim. Pegar ele pega se não tiver mais nada pra comer.

A magreza implica beleza, e a beleza aqui é vista como importante capital social, inclusive no que concerne a ser escolhida ou escolher parceiros sexuais-afetivos:

Pesquisadora: E vocês, namorariam alguém gordo?

Alana- Eu não

Laila- Eu namoraria. Já namorei

Jennifer - Eu não gosto de homem gordo. Médio, nem muito magro, nem muito gordo. (...) minha experiência com gordo não foi legal, pessoas com pouca higiene

Laila- Mas tem gordo limpinho. E tem gordo que a barriga é grande demais e não consegue limpar as partes íntimas.

Jennifer- Eles acham que não tem que ter um cuidado maior

Alana- Pode ser magrinho bem magro, mas gordo não

Bárbara- Para mim, tanto faz a questão do peso

Alana- Eu acho mais feio homem gordo que mulher gorda. Tenho nojo, não tenho atração. Mulher gorda pode ficar bem distribuída.

É fato a associação comum entre gordura e falta de higiene na sociedade contemporânea. Como lembra Cunha (2008), desde a década de 30, e, especialmente, no pós-segunda guerra mundial, as classes mais altas começaram a utilizar o corpo sem gordura como forma de demarcação social, alimento em quantidade e corpulência já não eram sinais de status. Após a década de 80 se massificou esse ideal, através da profusão do discurso sobre saúde e *fitness* (CUNHA, 2008) e, no Brasil, da propagação midiática da imagem das supermodelos que também se tornaram celebridades (GOLDENBERG, 2005). Baudrillard traz uma fala interessante sobre o corpo nessa perspectiva, e que ajuda nos explicitar o lugar por ele ocupado:

A sua omnipresença (especialmente do corpo feminino – ver-se-á porquê) na publicidade, na moda, e na cultura de massas – o culto higiênico, dietético e terapêutico com que se rodeia, a obsessão pela juventude, elegância, virilidade/feminilidade, cuidados, regimes, práticas sacrificiais que com ele se conectam, o Mito do Prazer que o circunda — tudo hoje testemunha que o corpo se tornou *objecto* de salvação. Substitui literalmente a alma, nesta função moral e ideológica (BAUDRILLARD, 1995, pp. 136).

A obsessão pela juventude é algo frequentemente pontuado por aqueles que buscam caracterizar a nossa época. Ela se mostra como imperativo absoluto e permanecer jovem, especialmente, para as mulheres já que o assunto do envelhecimento não se mostrou muito bem quisto pelas participantes:

Pesquisadora- Vocês já pensaram em quando ficarem mais velhas?

Alana- Eu penso, eu fico querendo ter depressão. Eu já passo Renew, minha irmã tem eu pego o dela e uso

L- Eu não quero pensar

Jennifer- o quê? [Surpresa]. Passada! E eu aqui me programando. [Risos...]

Pesquisadora - Para quê?

Alana - Para evitar ruga e marca de expressão, e pretendo ter dinheirinho pra fazer procedimentos. Eu vou me preparar pra isso

Pesquisadora- você não tem medo de procedimentos?

Alana - Tenho não. Tenho medo é de ficar velha

Alana relata já estar consumindo creme cosmético anti-idade, apesar de ter ainda 19 anos; Jennifer se surpreende com a declaração, mas ao mesmo tempo revela que já estava se

programando para fazer o mesmo, ainda que retarde esse consumo. Ser velho na sociedade contemporânea representa ser relegado à abjeção, como ressalta Bauman (2004) da mesma forma que as pessoas são vistas como mercadoria, são valorizadas também em termos de utilidade, mas para além disso, depreende-se do discurso das participantes que se coloca no envelhecer o peso de perder a beleza, que lhes é tão cara. Esses discursos que impõem o sentimento de medo sobre a ideia da velhice, produzem ações de consumo estético programado, que não visa apenas atingir uma ideal presente, ou camuflar alguma imperfeição que incomode nesse momento, mas se projeta para o futuro ainda que implique em consumo agora. Laila nos lembra da advertência de sua mãe a respeito da efemeridade da beleza: “minha sempre fala, ‘minha filha aproveita que beleza acaba’”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Teceu-se este trabalho com o objetivo de compreender os sentidos do consumo estético e seus efeitos na produção das subjetividades de mulheres trans. Através do percurso empreendido durante a pesquisa e, principalmente, do encontro com as mulheres trans participantes foi possível verificar algumas questões relevantes sobre o modo como os discursos em torno do consumo estético e o próprio ato de consumir (nas diversas funções que adquire no contexto contemporâneo) atuam e se entrelaçam com as questões de gênero, produzindo modos poderosos de regulação e controle de corpos, e de modo peculiar na produção de subjetividades de mulheres trans.

Deste modo, foi possível constatar que motivações para o consumo estético estão intrinsecamente ligadas ao olhar do outro sobre si. O consumo com fins estéticos realizado pelas participantes vai desde produtos cosméticos; como cremes hidratantes, maquiagem, perfumes, até o consumo de hábitos de saúde/beleza como exercícios físicos e alguns hábitos alimentares; passando pelo uso de medicamentos (como os hormônios), que fazem parte do processo transexualizador, mas ao mesmo tempo assume significado estético relevante conforme analisamos; e também por intervenções cirúrgicas. O discurso sobre o olhar do outro, suas relevâncias e implicações, iniciam-se desde a tácita obrigação do consumo que é cobrado pelos próximos das mais variadas formas que ilustra o poder microfísico e capilarizado do qual nos fala Foucault (2005); ao passo em que o consumir produtos e serviços estético aparece como consequência do dever moral de ser bela. Não obstante, o próprio ato de comprar é um concebido como dever; uma vez que o papel de consumidor é o principal papel exercido pelas pessoas na atualidade (BAUMAN, 2008).

Uma particularidade associada à exigência de consumir para mulheres trans tem a ver com as funções do consumo estético que visa a obtenção de caracteres femininos, produção de certos efeitos sob a percepção dos outros, extinção de efeitos “negativos”, como bloquear o que não se quer – caracteres masculinos e, sobretudo, a ocultação da transexualidade, que se mostrou bastante significativa por diversos fatores. Vale destacar ainda, o peso da obrigatoriedade em especial para as mulheres trans, como um meio de afirmar recorrentemente sua condição de mulher que também atinge às mulheres cis, dado o caráter performativo do gênero do qual tratamos.

A função de ocultação da transexualidade também se relaciona com o olhar do outro, à medida que visa proteger de preconceitos, violências e situações vexatórias enquadrando a

mulher trans aos códigos de normas de gênero estabelecidos. Desse modo, a passabilidade apareceu como fator importante para o investimento estético. Verificou-se ainda que, o consumo e a produção estética não se dão de uma forma qualquer, mas sim asseverando o cuidado detalhado do uso correto (dentro de uma certa perspectiva) dos códigos estéticos mais ditados e respeitados; destacando-se a produção que traduza elegância e não-vulgaridade, além da distinção que se apresentou como quase necessária, da categoria das travestis por estas performarem modos de ser e de se portar ainda mais rechaçados e marginalizados, além de esteticamente desinteressantes para algumas participantes, revelando um modo estereotipado de concepção das travestilidades. Modos de concepção de feminilidades não plurais também se apresentaram como importante para o consumo estético, sendo causa e consequência desse, reproduzindo o que alguns autores já denunciaram na linguagem comercial predominante da área estética no que concerne à gênero: a estereotipia binária que, reguladora de modos de ser homem ou mulher, quase sempre os hierarquiza e faz com que o corpo da mulher sofra maior regulação. As mulheres trans revelaram ainda que o ideal de feminilidade a ser atingido é o da mulher cis, que se mostrou, nos discursos, muitas vezes, revestido de uma aura de naturalidade dissimulada e aproximada à perfeição que a torna um produto simulacro a ser consumido.

A ideia do corpo *gadget*, conforme Le Breton (2006), que pode e deve ser moldado e aperfeiçoado tal como se aparelham os dispositivos eletrônicos modernos, aparece de uma forma expressiva entre as participantes. A manipulação do corpo pelas biotecnologias do processo transexualizador fazem com que os procedimentos sejam desmistificados e as intervenções não sejam vistas como algo que possa amedrontar pelos riscos envolvidos, mas pelo contrário, são desejáveis e desejadas apesar deles. A despeito de toda manipulação, ainda se conserva uma ideia de produzir/reproduzir o “natural”, revelando um rechaço do que se mostra como artificial denotando formas de docilização dos corpos femininos por meio da estética. Por outro lado, algumas vezes o consumo estético se colocou como estratégia de revelação e de afirmação da condição de transexual ao outro, como por exemplo, no momento de mostrar sua transexualidade seguia-se de algum ritual de produção/consumo estético que impunha, de alguma maneira, sua forma de resistir, tomando como ato emblemático a aplicação de cabelos longo.

No que concerne a percepção e reação a padrões estéticos cisnormativos, o padrão eurocêntrico de beleza em que se superestima a branquitude predomina nos discursos, o ideal contemporâneo de magreza e aversão à gordura e excesso, bem como, o ideal de manutenção

da juventude, principalmente, como manutenção da beleza. Em suma, os discursos oscilam entre um consumo para afirmação de si e ascensão à uma condição menos marginalizada ou subordinada a que são relegados os corpos trans na sociedade contemporânea, especialmente no Brasil que revela uma cultura de violência intensa voltada à população transgênera. Além de propiciar passabilidade, respeito, e uma autoproteção de preconceitos e violências destinadas a essa parcela trata-se, portanto de utilizar o consumo estético de forma a munir-se dos códigos culturais predominantes a fim de adquirir um maior poder de negociação e barganha por respeito, inclusão e aceitação.

Encontrarmo-nos com as mulheres trans foi ao mesmo tempo um exercício de confronto com a própria regulação, opressões e violências que se sofre por ser mulher e, ao mesmo tempo, confrontarmo-nos também com os privilégios de ter um corpo considerado inteligível pela normativa vigente e dominante e não sofrer opressões pelas quais elas passam. Encontros e confrontos que potencializaram mudanças e transformações, possibilitaram reflexões e alguns novos posicionamentos sobre o consumo e seu poder de engendrar formas de ser e de viver entre as mulheres trans participantes; e também em nós enquanto pesquisadoras, já que nos propusemos à realização de um trabalho *com* as pessoas e nos posicionamos a partir de um lugar específico de saber-poder dentro do grupo, sem pretensão de neutralidade (por sabê-la impossível) o que nos propiciou deslocamentos do nosso próprio olhar a partir da escuta e acolhimento das histórias e experiências que nos foram tão solicitamente ofertadas pelas mulheres trans participantes da pesquisa.

Outras questões que podem ser levantadas, e que talvez perpassem as pesquisas que se propõem a analisar o consumo a partir de uma perspectiva crítica, é de que modo é possível traçar planos de resistência e fuga sendo os discursos do consumo, dispositivos capitalísticos e, portanto, produto de uma ordem socioeconômica que se impõe de forma hegemônica e autoritária? De que modo os discursos sobre consumo, especialmente o consumo estético em sua interface com gênero, podem ser reinventados de modo mais igualitário? Entendendo que as estratégias do poder biopolítico atuam em dupla captura, ou seja, na busca, ao mesmo tempo, pelos corpos do indivíduo e da população, via políticas de subjetivação, compreende-se que uma proposta de intervenção deva manter um duplo viés macro e micropolítico Foucault (2005). Com base no que pudemos depreender do que aqui fora discutido, pode-se observar que do ponto de vista macro, é imperativo que os discursos que circundam e envolvem o consumo estético se façam mais plurais, que haja formas organizadas de resistência a essa linguagem que prioriza binarismos de gênero, que se centrando no binômio

homem-mulher exclui e marginaliza formas outras de posicionar-se no mundo. A publicidade revela um potencial pedagogizante importante que ao ser revista pode tornar-se mais democrática e política.

Almejamos que a discussão desses pontos a nível de pesquisas acadêmicas possam se expandir e dialogar com a sociedade e movimentos sociais. Construção de ações conjuntas que favoreçam uma aproximação dialógica entre o discurso ético-político *queer* e da publicidade, das produções artísticas, do âmbito da moda e possibilitem o engendramento de discursos estéticos menos opressivos e excludentes.

Do ponto de vista da micropolítica entende-se que esta pesquisa pode levantar uma demanda pelo aprofundamento e extensão das discussões a respeito do consumo estético e produções corporais aliando-as ao diálogo com perspectivas feministas e emancipatórias voltadas às mulheres trans usuárias do Espaço Trans, *locus* do estudo.

Entende-se que a pesquisa se limita a um determinado contexto, com todos os recortes de classe, raça, gênero; contexto socioeconômico e histórico local, sem pretensões generalizantes o que condiz com nossa perspectiva ético-política; ao mesmo tempo o discurso trazido por essas pessoas em uma situação circunscrita é plural, dinâmico e fluido em seus destinos e suas origens; transitam podendo-nos fazer pensar essas questões para além desse contexto pontual. É interessante, contudo, que se amplie as pesquisas para os contextos, regiões e diferentes classes, uma vez que as pesquisas sobre consumo, no Brasil, ainda se mostram pouco contextualizadas. Do mesmo modo, o consumo em suas interfaces com as transexualidades não apresenta quantitativo de produções científicas significante, especialmente na Psicologia que ainda se debruça pouco sobre a temática do consumo. Ressalta-se que consumo e gênero é uma intersecção de relevância significativa, pois pouco se tem feito efetivamente para dirimir os efeitos da capitalização desse último; capitalização esta que ocorre de forma a reproduzir violências de gênero, especialmente recolocando a mulher em lugares de submissão tradicionalmente a elas relegados.

Por fim, reitera-se que a pesquisa não pretende encerrar discussões, ao trazer conclusões ou mesmo na pretensão de considerações finais, conforme traduz o termo-padrão desta seção. A intenção, a partir do nosso lugar ético-político, é sempre abrir a discussão e o espaço dialógico que propicie tensionamentos e reconfigurações de discursos que visem produzir efeitos de ruptura produtivos. Ressalta-se ainda que os frutos colhidos e as possibilidades abertas através desse trabalho acadêmico só foram possíveis pela postura de

confiança e abertura das participantes para com as pesquisadoras, além do comprometimento para como os grupos e seus enquadres, respeito umas com as outras e disposição para abrirem e compartilharem narrativas; por vezes, tensas e tristes, por vezes leves e alegres, mas sempre cheias de vida, de alteridade e de força criativa que provocou tantas mobilizações e deslocamentos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ADRIÃO, K. G. Feminismos, Psicologia e Justiça social: um encontro possível? Entrevista com Michelle Fine. **Psicologia & sociedade**, 27(3), p. 479-486, 2015
- ARÁN, M., ZAIDHAFT, S., & MURTA, D. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Psicologia & Sociedade**, 20, 70-79, 2008
- ARÁN, M. A transexualidade e gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 9, n. 1, p. 49-63, 2006
- ARENDT, H. **Crises da república**. São Paulo: Perspectiva, 2004
- AZERÊDO, Sandra. Encrenca de gênero nas teorizações em Psicologia. **Rev. Est. Feministas**, 18 (1), 175-188, 2010.
- BACKES, D. et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 35, n. 4, p.438-442. 2011
- BALESTRIN, V. G. cartografias do consumo e da subjetividade contemporânea. Dissertação (Mestrado). 73f. Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PUCRS, Porto Alegre, 2007
- BARBOSA, Lívila. A sociedade de consumo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- _____. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos Editora; Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. **Vida para o consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008
- BENTO, B; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Estudos Feministas**, Florianópolis v.20, n.2, maio/ago. 2012
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro, Garamond, 2006
- BERALDO, B. O que é feminilidade? Papéis sociais e o feminismo contemporâneo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 2014, São Paulo. **Anais do COMUNICON 2014**. São Paulo, SP, 2014. Disponível em: http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_cinco/GT05_BERALDO.pdf. Acesso em 19 abr. 2017.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2.ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Record, 2000

_____, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007

_____, P. **A economia das trocas simbólicas** (5a ed.). São Paulo: Perspectiva. 2011

BUTLER, J. (2003). **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte. Autêntica, 2000

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006

CASSIMIRO, E. S; GALDINO, F.F; SÁ, G. M. As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da gregia antiga à contemporaneidade. **Rev. Eletrônica Metávoia**, São João del-Rei/MG, n.14, pp. 61-79, 2012.

CASTANON, G. A. Pós-modernismo e política científica na psicologia contemporânea: uma revisão crítica. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 12, n. 2, 2004

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2000

CUNHA, M. J. O corpo, o consumo e o investimento corporal: as dietas e o exercício. In: VI Congresso Português de Sociologia, 6, 2008, Lisboa. **Anais...** Lisboa: CPS, 2008.

DANTAS, J. B. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estudos e pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, pp. 898-912, 2011.

DAVI, E. H. D.; BRUNS, M. A. de T. Mundo-vida travesti: abordagem fenomenológica das travestilidades. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 23, n. 3, set. 2015

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

DINIZ NETO, O.; FÉRES-CARNEIRO, T. Psicoterapia de casal na pós modernidade: rupturas e possibilidades. **Estudos de Psicologia**. Campinas, vol. 22, nº 02, p. 133-141, Abr-Jun 2005.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FISCHER, Maria. Foucault e análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p.197-224, nov. 2001

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **Microfísica do Poder**. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005

_____. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 31. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

GAMBARO, D. Bourdieu, Baudrillard e Bauman: O Consumo Como Estratégia de Distinção. **Novos Olhares**, São Paulo, p. 19-26, 2012

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Alguns aspectos da construção do gênero entre travestis de baixa renda. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 597-618, 2009.

GOLDENBERG, M. O macho em crise: Um tema de debate dentro e fora da academia. In: ____ (org.). **Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros**. Rio Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

_____, M.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo com valor. In: GOLDEMBERG, Miriam (Org.). **Nu e vestido**: Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____, M. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 65-80, 2005

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, 2002

GROHMANN, B. Gender dimensions of brand personality. **Journal of Marketing Research**, v. 46, n. 1, p. 105-119, 2009.

GROSSI, P. K. ; SANTOS, A. M. dos. A Infância comprada: hábitos de consumo na sociedade contemporânea. **Revista virtual Textos e contextos**. Nº 8, ano VI, dez. 2007.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: SILVA, T. T. (Org.) **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

IERVOLINO, SA. PELICIONI, MCF. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev Esc. Enf USP**, v. 35, n.2, p.115-21, 2001

JAMESON, F. Pós Modernidade e Sociedade de Consumo. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo n.º12, pp. 16-26, jun. 93

JESUS, J. G. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos/Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília, 2012

JESUS, T. B.; SCHERER, P. T; FERREIRA, G. G. Relações de gênero e consumo: problematizando práticas e significados do feminino nos corpos. In: SEMINARIO

INTERNACIONAL FAZENDO GENERO, 2012, Florianópolis. **Anais do Fazendo Gênero 10** 2013. Florianópolis, SC, 2013.

KELLER, D.; ARAÚJO, D. Azul ou Rosa: manifestações identitárias de gênero sob o viés do consumo normativo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 2014, São Paulo. **Anais do COMUNICON 2014**. São Paulo, SP, 2010. Disponível em: http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014. Acesso em 30. Out. 2015.

KONDRATIUK, C. C.; NEIRA, M. G. Juventude e beleza ao alcance de todas: análise dos discursos midiáticos sobre o corpo feminino. **Revista Intersecções: revista de estudos sobre práticas discursivas e textuais**, Jundiaí, v. 3, p. 170-188, 2013.

LANZ, L. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. 2014. 342 f. Dissertação (mestrado). Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**, Tradução: Marina Appenzeller, Campinas: Editora, 2007.

LEITÃO, P. *Travestis: um problema de gênero?* Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2008.

LEÓN, Adrian. Os labirintos do desejo: desenhando uma metodologia anarcoqueer. **Política & Trabalho. Revista de Ciências Sociais**. n. 36, p. 219-235, 2012.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2007.

LOURO, G. L. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

McCRACKEN, Grant. **Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MANCEBO, D; OLIVEIRA, D. M.; FONSECA, J.G.T da. SILVA, L.V. da. Consumo e Subjetividade: trajetórias teóricas. **Estudos de Psicologia**. Natal, vol. 7, nº 02, p. 325-332, 2002

MANZINI, L. C.; MANZINI, L. C. Notas sobre gêneros, sexualidades e o desejo na sociedade de hiperconsumo. **Rev. Fac. Educ. (Univ. do Estado de Mato Grosso)**, Vol. 24, Ano 13, n.2, p. 177-200, 2015

MAROUN, K; VIEIRA, V. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-186, dez. 2008

MARQUES, C. P. A crise do corpo na sociedade contemporânea: uma reflexão à luz da filosofia e da bioética. **Revista Bioethikos**, São Paulo/SP, v.6, n. 4, pp. 416-421, 2012.

MENDES, C. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, 2006.

MINAYO, C; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro v. 9. n. 3, p. 239-262, 1993

MINAYO, C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

MIRANDA, L. L. “Subjetividade: a (des) construção de um conceito”. In: SOUZA, Solange Jobim (org). **Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: 7 letras, P. 29-46, 2005

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay, **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 28, p. 101-128, abr. 2007

_____, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma análise da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, 2009.

MOREL, A. P. S. Trabalhadora no glamour: identidade e consumo de beleza por mulheres da nova classe média. 2014. 126 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2014

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. De cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Interações**, v. VIII, n. 15, p. 9-36, 2003

PAULON, S. M. A análise de implicação com ferramenta na pesquisa-intervenção. **Psicol. Soc.** vol.17, n.3, 2005

PELEGRINI. T. Imagens do corpo: reflexões sobre acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. **Revista Acadêmica multidisciplinar: Urutágua**, Maringá, n. 8, p. 1 – 6, 2004.

PELÚCIO, L. Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. Tese de Doutorado. São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2007.

_____. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PEREIRA. T. V. as contribuições do paradigma pós- estruturalista para analisar as políticas curriculares. **Espaço do currículo**, v.3, n.1, pp.419-430, 2010

PERES, W. S. Subjetividade das Travestis Brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania. 201 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva)– Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

PISA, L. F. A desestabilização das identidades de gênero e o novo posicionamento da marca Axe: a mudança do ethos do homem. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 2016, São Paulo. **Anais do COMUNICON 2016**. São Paulo, SP, 2016. Disponível em: http://anais-comunicon2016.espm.br/GTs/GTPOS/GT9/GT09-LICIA_PISA.pdf. Acesso em 22. Mar. 2017

PRECIADO, B. **Testo Yonki**. Madrid: Espasa, 2008

PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2014

RESSEL, L. B.; BECK, C. L. C.; GUALDA, D. M. R; HOFFMANN, I. C; SILVA, R. M; SEHNEM, G. D.O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 17(4): 779-86, 2008

REZENDE, A. S. B.; DA SILVA, T. J.; LISBOA, W. T. Magia é de menina, aventura é de menino: os binarismos de gênero na infância pela perspectiva da indústria cultural. **Vozes e Diálogo**, v. 14, n. 02, 2016.

RIBEIRO, L. **Cirurgia plástica estética em corpos femininos: a medicalização da diferença**. 2003. Disponível em < <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/vram2003/a13-lbribeiro.pdf>> Acesso em abr. 2017

RIOS, L. F. ; et. al. **Diálogos para o Desenvolvimento Social em SUAPE**:Pesquisa-intervenção sobre a efetividade e a eficácia de um programa populacional de promoção à saúde, criado para minimizar as perturbações nas condições de saúde de dois municípios pernambucanos, relacionadas à chegada de homens para o trabalho em grandes empreendimentos. Recife, jul. 2011

ROCHA, E. Culpa e prazer: imagens do consumo na cultura de massa. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v 2, n. 3, 2005, p. 123-138

SAMPAIO, S. S. A liberdade como condição das relações de poder em Michel Foucault. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 222-229, 2011

SANTOS, T. C. A sociedade de consumo, os media e a comunicação nas obras iniciais de Jean Baudrillard. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 21, p. 125-136, jun. 2011

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educ. e Realid.** v.20, n.2, 1995

SLATER, D. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002

SEVERIANO, M. F. V. As Subjetividades Contemporâneas sob o signo do consumo: os ideais narcísicos na publicidade da TV: produção e consumo. 1999. 567 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas à Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas –SP

SEVERIANO, M.F.V. **Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade**. São Paulo: Annablume, 2001.

SILVA, A. F. S. da. Se eu pudesse ressurgir eu viria como o vento: das narrativas da dor; um estudo sobre práticas de modificações corporais e afetividades na experiência da travestilidade. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SILVA, L. de C. Entre a disciplina e o biopoder: novas tecnologias de poder na produção e articulação das subjetividades contemporâneas. **Revista eletrônica do CEJUR**, vol. 01, nº 01, Ago-Dez 2006.

SOUZA, E. M. de. Pós-modernidade nos estudos organizacionais: equívocos, antagonismos e dilemas. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 270-283, 2012

SOUZA, E. M. de; SOUZA, S. P.; SILVA, A. R. L. da. O pós-estruturalismo e os estudos críticos de gestão: da busca pela emancipação à constituição do sujeito. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 17, n. 2, p. 198-217, 2013.

SZYMANSKI, H. ; CURY, V. E. A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2004, vol.9, n.2

TENÓRIO, L.; VIEIRA, L.; LIVADIAS, S. K. Da luta à execução do Processo Transexualizador: experiência no Hospital das Clínicas da UFPE. Coletânea Nacional de temática Trans, 2017. No prelo.

TORRES, D. B.; VIEIRA, L. F. As travestis na escola: entre nós e estratégias de resistência. **Quaderns de Psicologia**, Barcelona, v. 17, n. 3, p. 45-58, 2015

TRINCA, T. P. O corpo-imagem na “cultura do consumo”: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2008.

VEIGA, L.; GONDIM, S. M. G. A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político. **Opin. Publica**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 1-15, 2001

VERGARA, S. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VICENTINO, C. **História Geral**. São Paulo: Scipione, 1991

VILHENA, J.; MEDEIROS, S.; NOVAES, J. A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 109-144, 2005

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rocco, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE A– QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Dados de identificação

Nome da entrevistada: _____

Data de Nascimento: _____

Endereço: _____

Telefones para contato _____ E-mail: _____

Estado Civil: () Casada () Solteira () Vive maritalmente () Divorciada () outros

Tem filhos? Se sim, quantos? _____

Cor/Raça: _____

Orientação sexual: _____

Religião: _____

Dados socioeconômicos

Escolaridade:

Reside em casa: () própria () alugada () cedida () de herdeiros

Trabalha atualmente? () sim () não

Profissão/ocupação: _____

Tipo de vínculo: () Com carteira assinada () Sem carteira assinada () Cargo Público () Autônomo

Renda mensal individual: _____

Reside com quantas pessoas? _____

Qual a renda familiar? _____

Você considera que pertence a qual classe social: _____

Recife, de de _____

Entrevistado (a) (assinatura) _____

Entrevistador (a) (assinatura) _____

APÊNDICE B -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal de Pernambuco
 Centro de Filosofia e Ciências Humanas
 Departamento de Psicologia
 Curso de Pós-graduação *stricto sensu* em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS - Resolução 466/12)

Convidamos o(a) Sr(a) para participar, como voluntário(a), da pesquisa: **“O gênero na vitrine”: sentidos do consumo estético e a produção de subjetividades de mulheres trans**, que está sob a responsabilidade da pesquisadora **Roberta Alves dos Santos Silva**, Rua Sete de Setembro, nº 238, Boa Vista, Recife – PE, CEP:50050-030, Telefone: (81) 99571-8611 (inclusive ligação a cobrar) – e-mail: roberta.alves.psi@gmail.com, que está sob orientação da Profa. Dra. Luciana Leila Fontes Vieira, Telefone (81) 99451-7848 – e-mail: lufontesvieira@hotmail.com

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde com a realização do estudo pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue e a outra ficará com a pesquisadora responsável.

Caso não concorde, não haverá penalização, bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- A pesquisa tem como objetivo geral compreender os sentidos do consumo estético e seus efeitos na produção das subjetividades de mulheres transexuais. Caso aceite participar, você fará parte de quatro oficinas, em grupo, em que as participantes dialogarão em torno de subtemas relacionados ao tema central da pesquisa, qual seja: o consumo estético.
- Serão realizados quatro encontros grupais, de duração de 1 (uma) hora em meia a 2 (duas) horas cada um deles.
- **RISCOS diretos** para a voluntária: A presente pesquisa poderá ocasionar possíveis desconfortos emocionais, ao se tratar de questões íntimas e pessoais durante a realização das oficinas. Como forma de minimizar tais riscos, será garantido às participantes a liberdade de não falar, não responder a perguntas do pesquisador ou demais participantes sempre que não se sentir confortável para fazê-lo, bem como retirar seu consentimento e interromper sua participação na pesquisa. Ainda assim, caso a participação nas oficinas venha a causar algum dano psicológico, o informante poderá ser encaminhado para a Clínica Psicológica da UFPE, onde está sediado o Laboratório de Estudos sobre a Sexualidade Humana (Lab-ESHU), no qual este projeto estará institucionalmente localizado.
- **BENEFÍCIO direto** será o desenvolvimento de diálogo e reflexões que possibilitem criticidade sobre a forma como se consome (ou hiperconsome) produtos, bens e serviços estéticos. Além disso, viabilizará o olhar crítico sobre concepções naturalizadas do sistema sexo-gênero, o que fomenta a construção de sentidos potencializadores de autonomia e empoderamento para o enfrentamento e desconstrução da exclusão que as mulheres transexuais sofrem em seu cotidiano. Como **BENEFÍCIO indireto**, refletimos que a presente pesquisa, ao tratar do fenômeno do consumo estético e seus efeitos na produção de subjetividades de mulheres transexuais contribui para problematização dos lugares-comuns a respeito do consumo focado na produção de definições de gêneros, com

base na lógica sempre binária do feminino/masculino que reforça a marginalização de subjetividades que não se enquadrem no sistema binário. Contribuirá dando visibilidade à multiplicidade de identificações de gênero e intervirá problematizando concepções naturalizadas do binômio sexo-gênero. Além disso, contribuirá para o desenvolvimento de posteriores pesquisas sobre tal tema, o qual ainda é pouco estudado no Brasil em relação à população das mulheres transexuais.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (sob a forma de gravações, filmagem e anotações) ficarão armazenados no LABSHU – Laboratório de Sexualidade Humana, sob a responsabilidade de seu coordenador Prof. Dr. Luís Felipe Rios, vinculado ao departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, localizado no 7º andar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Av. Prof. Moraes Rego s/n, Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50670-901. De acordo com as recomendações da resolução do CFP de nº 016/2000, serão descartados após o período de cinco anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

Roberta Alves dos Santos Silva

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIA

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com a pesquisadora responsável, concordo em participar do estudo “o gênero na vitrine”: sentidos do consumo estético e a produção de subjetividades de mulheres trans, como voluntária. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento).

Local e data: _____

Assinatura da participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite das voluntárias:

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO



Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Psicologia

Curso de Pós-graduação *stricto sensu* em Psicologia

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu _____, CPF _____,

RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Roberta Alves dos Santos Silva e Luciana Leila Fontes Vieira do projeto de pesquisa intitulado “o gênero na vitrine”: análise dos sentidos do consumo estético e a produção de subjetividades de mulheres trans” a realizar as fotos/filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas filmagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

_____, em ____/____/_____.

Entrevistado

Roberta Alves dos Santos Silva (Pesquisadora Responsável)

APÊNDICE D-ROTEIROS GRUPOS FOCAIS 1 E 2

Apresentação

1. **Apresentar a pesquisa: Do que se trata? Por que discutir consumo estético?**
2. **Apresentação pessoal: Quem sou eu? Quem são vocês?**
3. **Contrato do grupo**

EIXO 1 – Motivação e fatores que contribuem para o consumo estético

1. Quais cuidados estéticos vocês têm no dia-a-dia? (Depilação, lifting, cosméticos, roupas, cirurgias)
2. Que produtos e serviços vocês consomem?
3. Qual a importância de consumir esses produtos e serviços e cuidar da aparência?
4. Como vocês escolhem o que vão comprar (internet/TV, amigas)? Quando vão comprar procuram ajuda de amigas? Pedem opinião?
5. Como você gasta seu dinheiro? Quanto gasta com produtos e serviços?
6. Como você se descreve quando está comprando algo para sua aparência?
7. Descrevam uma experiência de compra (estética) marcante
8. Última coisa para beleza que você desejou muito? Onde você a viu? Com quem você a viu? Conseguiu exatamente o que queria? Se você não acha exatamente como você quer como você reage? Como você se sente?
9. O que vocês acham que mais as influencia a comprarem produtos estéticos?
10. Por que cuidar da aparência?

EIXO 2 – Consumo e feminilização

1. O que é ser feminina para vocês?
2. O consumo de certos serviços ou produtos pode ajudar a atingir essa feminilidade?
3. Como você se sente após ir ao salão de beleza? Ao se produzir para uma festa?
4. Homens e Mulheres têm que ter o mesmo cuidado com a aparência? As mulheres são mais exigidas? Mulheres trans são mais exigidas do que mulheres cis?
5. O que faz você se sentir mais feminina? Algum produto, serviço, roupa, objeto.
6. Uso de serviço estético para se diferenciar do homem/ aproximar da cisgeneridade... diferenciar-se
7. Uso de hormônios e feminilidade. Voz, pelos...
8. Feminilidade da mulher trans x a feminilidade da travesti

APÊNDICE E–ROTEIROS DOS GRUPOS FOCAIS 3 E 4

EIXO 3 – O consumo estético e o outro

1. Vocês falaram na primeira oficina que a depender de como vocês estão vestidas são tratadas de forma diferente? Podem falar mais sobre isso
2. Vocês acham que as amigas observam se vocês estão com cabelos, unhas bem feitas? Elas observam suas roupas?
3. Vocês seguem tendência de moda?
4. Você já deixou de ir a algum evento por não estar com aparência (cabelos, unhas, não ter roupa nova) como gostaria?
5. Você acha que é vista de forma diferente se usar roupas de marca ou se não usar? Você se sente diferente usando roupa ou produtos de marca?
6. Você acha que é vista de forma diferente se não tiver com um corpo desejável?
7. Os parceiros ou familiares já interferiram na forma de vocês se vestirem?
8. Como foi o período de transição?
9. Competição, situação de competição entre mulheres
10. Artificial x natural - e as outras pessoas perceberem a transexualidade.

EIXO 4 – Consumo e normalização estética

1. Como é uma mulher bonita? Qual seria um exemplo de mulher bonita?/ o que essas mulheres fazem para serem bonitas?
2. O que é uma mulher feia?
3. Para você o que seria um corpo bonito?
4. Ter um corpo bonito te ajudaria de alguma forma?
5. Vocês acham que são vistas de forma diferente se não tiverem um corpo desejável?
6. Vocês gostariam de mudar alguma coisa em você? (O que e por quê?)
7. Qual parte do seu corpo você mais cuida?
8. Qual a expectativa de vocês em relação ao uso de hormônios
9. Qual a expectativa de vocês a respeito da cirurgia?
10. Vocês têm uma meta de transformação do corpo?